



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

TELMÍ ADAME

***NENHUMA A MENOS: AMPLIANDO A HISTÓRIA DA
ARQUITETURA MODERNA EM SALVADOR (1936-1969)***

Salvador

2020

TELMÍ ADAME

***NENHUMA A MENOS: AMPLIANDO A HISTÓRIA DA
ARQUITETURA MODERNA EM SALVADOR (1936-1969)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/FAUFBA – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Área de concentração: Urbanismo. Linha de pesquisa: Teoria e Crítica da Arquitetura e do Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Huapaya Espinoza

Salvador

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

A193

Adame, Telmi.

Nenhuma a menos [manuscrito] : ampliando a história da arquitetura moderna em Salvador (1936-1969) / Telmi Adame. – Salvador, 2020.

160 p. : il. ; 30 cm.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2020.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Huapaya Espinoza.

1. Arquitetas - Salvador (BA) - 1936-1969. 2. Arquitetura moderna - Séc. XX - Salvador (BA). 3. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura - Estudo e ensino. 4. Arquitetura e mulheres. I. Espinoza, José Carlos Huapaya. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 72.036-055.2(813.8)

Telmi Adame

***NENHUMA A MENOS: AMPLIANDO A HISTÓRIA DA
ARQUITETURA MODERNA EM SALVADOR (1936-1969)***

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de
Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/FAUFBA – Área de
concentração: Urbanismo.

Salvador, 16 de março de 2020

Banca Examinadora:

José Carlos Huapaya Espinoza

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia.

Ana Gabriela Godinho Lima

Doutora em História da Educação e Filosofia do Conhecimento pela
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Gabriela Leandro Pereira

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia.

Maria do Socorro Amorim Fialho da Silva

Arquiteta e Urbanista formada na FAUFBA.

Arquiteta Lylcia Conceição Alves Ilustração
da Artista Kika Carvalho, 2020.



AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por confiar em mim e nas minhas ideias, estar sempre presente e me ajudar em absolutamente tudo sem pedir nada em troca, sem cobranças, apenas por amor; a meu irmão e meu pai por também estarem presentes na minha vida nos momentos que preciso, sempre terem palavras de sabedoria e serem homens abertos à desconstruções diárias em uma sociedade machista.

Agradeço à Fabiana de Souza Lameira, minha companheira que aceitou mudar para Salvador, esteve presente todos os dias durante o mestrado, sendo paciente com minhas angústias, revisando inúmeras vezes meus textos e dividindo comigo todos os momentos, comidas e histórias.

A meu professor e orientador José Carlos Huapaya Espinoza pela paciência, pelas correções e, sobretudo, pelo conhecimento dividido; ao grupo de pesquisa que participei, orientado também pelo professor Huapaya, suas integrantes: Priscila, Shirlei, Rosana, Sabrina, Mariana e Nedda, obrigada pelas trocas e pela parceria de trabalho.

Às arquitetas aqui entrevistadas, todas que gentilmente me receberam e dividiram comigo suas experiências de vida e seus trabalhos; entrevista-las foi algo imprescindível para o trabalho e, também, para refletir sobre a vida e como ela passa rapidamente e devemos fazer boas escolhas ao longo do caminho.

À Universidade Federal da Bahia (UFBA), Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – FAUFBA e o CNPq, porque sem uma estrutura pública gratuita dificilmente conseguiria cursar o ensino superior e a pós-graduação; e sem minha bolsa de pesquisa meus estudos ficariam comprometidos e demorariam muito mais a se concretizarem. Que a universidade continue sendo pública, gratuita e mantenha a qualidade de suas produções para que o ensino, a pesquisa e os projetos de extensão sejam uma realidade para todas/os que assim quiserem vivenciar.

Às minhas/meus amigas/os de sempre, porque não se produz nada sozinho e tudo é fruto do meio em que se convive. A eles, que sempre me orgulham, me aconselham, me dão forças e exemplo.

ADAME, Telmi. ***Nenhuma a menos***: ampliando a história da arquitetura moderna em Salvador (1936-1969). Orientador: José Carlos Huapaya Espinoza. 2020. 155 f. il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

RESUMO

A História é considerada por muitos autores desigual quando se trata da inclusão da história das mulheres. Durante séculos a mulher foi privada da participação pública e de atuar como um agente protagonizante, sendo historicamente invisibilizada. Essa mesma condição, reflete em todas as áreas de conhecimento, incluindo arquitetura e urbanismo. Diante disso, este trabalho busca através da confluência entre um aprofundamento referencial, a análise documental de arquivos da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e, entrevistas com arquitetas formadas em Salvador, analisar contextos, práticas e discursos historiográficos, da formação à atuação profissional, dentro da área de arquitetura e urbanismo. Assim, será possível, compreender como foi construída a história da arquitetura moderna em Salvador tendo como foco de observação a atuação das mulheres como parte essencial dessa narrativa. O período contempla de 1936, ano que se forma a primeira arquiteta baiana, até 1969. Entre as 71 arquitetas formadas nesse período (1936-1969) nos aproximamos, através de entrevistas, de doze trajetórias de vida. Entre as conclusões alcançadas temos a certeza da existência de lacunas na história da arquitetura soteropolitana quando se trata da inclusão de trabalhos feitos por arquitetas. A escolha profissional da maioria delas era a atuação governamental, onde eram respeitadas e recebiam salários igualitários, porém, quando se trata da esfera pública, os projetos representam as instituições, levando o nome das mesmas e não de seus responsáveis, o que invisibilizou ainda mais a atuação das arquitetas. Mesmo não sendo seu foco profissional, elas não deixavam de lado os trabalhos particulares, realizaram projetos para si, para a família, amigos e demais clientes. Outro ponto evidenciado é a diferença do olhar sobre o feminismo; a perspectiva feminista à qual temos acesso atualmente, e nos evidencia peças de um histórico cultural, social e econômico machista, se difere muito da visão de mundo existente no século que nos antecede. Isso é visível nos cruzamentos da pesquisa, mas não deve ser enxergado como algo negativo, ou retrogrado, apenas como parte da história, uma verdade.

Palavras-chave: Arquitetas. Salvador-BA. Modernismo.

ADAME, Telmi. ***None the less***: expanding the history of modern architecture in Salvador (1936-1969). Advisor: José Carlos Huapaya Espinoza. 2020. 155 f. il. Dissertation (Master Architecture and Urbanism) - Faculty of Architecture, Federal University of Bahia, Salvador, 2020.

ABSTRACT

History is considered by many authors to be unequal when it comes to the inclusion of women's history. For centuries, women have been deprived of public participation and of acting as a protagonist, being historically invisible. This same condition is reflected in all areas of knowledge, including architecture and urbanism. In view of this, this work seeks through the confluence between: a referential deepening, the documentary analysis of archives of the Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia and, interviews with architects trained in Salvador; analyze contexts, practices and historiographic discourses, from training to professional performance, within the area of architecture and urbanism. Thus, it will be possible to understand how the history of modern architecture was built in Salvador as a focus of observation on the performance of women as an essential part of this narrative. The period includes 1936, the year in which the first Bahia architect was formed, until 1969. Among the 71 architects trained in that period (1936-1969), we approached, through interviews, twelve life trajectories. Among the conclusions reached, we are sure of the existence of gaps in the history of Salvador's architecture when it comes to the inclusion of works made by architects. The professional choice of most of them was government action, where they were respected and received equal wages, however, when it comes to the public sphere, the projects represent the institutions, bearing the names of the institutions and not those responsible, which made it even more invisible. the performance of architects. Even though they are not their professional focus, they did not neglect private work, they carried out projects for themselves, for family, friends and unknown clients. Another point highlighted is the difference in the look on feminism; the feminist perspective to which we currently have access, and which highlights pieces from a macho cultural, social and economic background, is very different from the worldview that existed in the previous century. This is visible at the intersections of the research, but it should not be seen as something negative, or retrograde, just as part of the story, a truth.

Keywords: Architects. Salvador BA. Modernism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Edifício Oceania, em Salvador, projeto do escritório Freire & Sodré.....	44
Gráfico 1 – Faixa etária das alunas do curso de arquitetura (1930-1960).....	70
Tabela 1 – Currículo do Curso de Arquitetura (1930-1960).....	75
Figura 2 - Feministas baianas reunidas, (1930-1940).	54
Gráfico 2 - Relação de vestibulandas e vestibulandos, entre as décadas de 1920 – 1960	73
Tabela 2 - Composição do quadro de docentes fundadores da Faculdade de Arquitetura (1959) ..	77
Figura 3 – Foto de Lycia Conceição Alves.	82
Tabela 3 – Arquitetas formadas em Salvador entre os anos de 1936 e 1969, em destaque os nomes das abordadas neste trabalho.	79
Figura 4 – Recorte de jornal onde aparece a atuação de Lêda S. S. Peixoto no time de voleibol.	84
Figura 5 – Foto de Lêda Serra Saraiva Peixoto, álbum de formatura	86
Figura 6 – Área comum do Condomínio Mata Maroto.....	91
Figura 7 – Registro de Arilda Maria C. Sousa, do período de construção do Hotel Catharina Paraguaçu.	94
Figura 8 – Trechos do mural de fotos construído por Arilda Maria C. Sousa, do período de construção do Hotel Catharina Paraguaçu.	94
Figura 9 – Um dos murais do Hotel Catharina Paraguaçu.....	95
Figura 10 – Fachada da casa de Maria Eunice em Brasília.....	99
Figura 11 – Fachada da casa de Maria Eunice em Salvador – Condomínio Mata Maroto, Salvador – BA	100
Figura 12 – Parte Interna, vão da escada da casa de Maria Eunice em Salvador – Condomínio Mata Maroto (na imagem, Maria Eunice descendo as escadas).	101
Figura 13 – Maria Eunice em sua casa atual, no Condomínio Mata Maroto, Salvador - BA.	102
Figura 14 - Fonte projetada por Ana Maria Vasconcelos Fontenelle na Faculdade de Arquitetura da UFBA.....	104
Figura 15 - Foto de Ana Maria Vasconcelos em seu restaurante Saúde na Panela.....	110
Figura 16 – Ivaneuza M. L. Lima na varanda de sua atual moradia, projetada por ela e o seu marido.	116
Figura 17 – Equipe de Arquitetos e Técnicos do Escritório Técnico Arquitetônico (ETA) da UFBA, (1984)	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
ESTADO DA ARTE: CAMINHOS JÁ PERCORRIDOS.....	25
1 REFLEXÃO FEMINISTA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO HISTORIOGRÁFICO: ARQUITETURA MODERNA SOTEROPOLITANA.....	36
1.1 A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO HISTORIOGRÁFICO	36
1.2 TRAJETÓRIAS HISTORIOGRÁFICAS DA ARQUITETURA MODERNA	39
1.2.1 Historiografia latino-americana	40
1.2.2 Historiografia soteropolitana	43
1.3 MULHERES NA ARQUITETURA MODERNA SOTEROPOLITANA E A CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA.....	48
2 MULHERES NO CURSO DE ARQUITETURA EM SALVADOR: FEMINISMO E ESPAÇO PÚBLICO	51
2.1 CONTEXTUALIZANDO: FEMINISMO NO BRASIL.....	51
2.2 INFLUÊNCIAS DO FEMINISMO NA BAHIA	54
2.3 O COTIDIANO DAS SOTEROPOLITANAS: CASA, TRABALHO, EDUCAÇÃO	56
2.4 A INSERÇÃO DAS MULHERES NO ESPAÇO PÚBLICO.....	61
3 IDENTIFICAÇÃO, ANÁLISE E RECONHECIMENTO DA CONTRIBUIÇÃO DAS ARQUITETAS SOTEROPOLITANAS	66
3.1 BREVE HISTÓRIA DO CURSO DE ARQUITETURA EM SALVADOR.....	68
3.2 EDUCAÇÃO COMO PRIVILÉGIO: PERFIL DAS ESTUDANTES.....	69
3.3 MATRIMÔNIO E MATERNIDADE	71
3.4 ESTUDO SOBRE O DESEMPENHO DAS CANDIDATAS NO VESTIBULAR	72
3.5 ESTUDO SOBRE O DESEMPENHO DAS ESTUDANTES NO CURSO DE ARQUITETURA..	75
3.6 AS MULHERES NO QUADRO DE DOCÊNCIA.....	76
3.7 ATUAÇÃO PROFISSIONAL DAS ARQUITETAS SOTEROPOLITANAS	79
3.7.1 Lycia Conceição Alves (1936)	81
3.7.2 Lêda Serra Saraiva Peixoto (1956)	84
3.7.3 Arilda Maria Barreiros Cardoso de Souza (1959)	88
3.7.4 Maria Eunice Vieira de Oliveira (1959)	96
3.7.5 Ana Maria Vasconcelos Fontenelle (1966)	102

3.7.6 Maria do Socorro Amorim Fialho (1967).....	110
3.7.7 Ivaneuza Maria Leite Lima (1969).....	112
3.7.8 Virgínia de Oliveira Kaukark (1969)	117
3.7.9 Lídia Luz Conceição de Cerqueira (1969).....	119
3.7.10 Maríia Cecilia Andrade Gomes (1969)	122
3.7.11 Maria Vanda Fernandes Espinosa (1969)	125
3.7.12 Silva Castro Lima Vargens (1969).....	127
3.7.13 Norma Mascarenhas Cardoso (1969)	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICE A – Modelo de Entrevista.....	142
APÊNDICE B – Lista de trabalhos desenvolvidos arquitetas entrevistadas:.....	144
APÊNDICE C – Tabela de média das notas estudantis	154
ANEXO A – Fotos dos projetos e das arquitetas entrevistadas	155

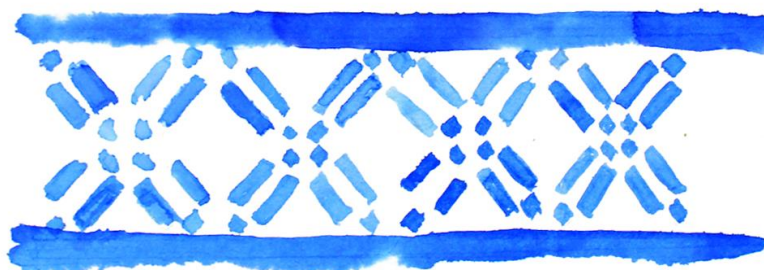


Ilustração feita pela artista Kika Carvalho, 2020.

INTRODUÇÃO

A Universidade é um dos espaços mais democráticos da sociedade, são diversas áreas de conhecimento; ensino, pesquisa, extensão e uma série de espaços de discussão, como o do movimento estudantil. A partir do contato com este último, iniciei um estudo sobre a trajetória das mulheres brasileiras, tema mobilizado a partir de diversos questionamentos acerca de invisibilidade e desigualdade, e que se tornou, para além de uma curiosidade, um campo de pesquisa e investigação. No campo da Arquitetura, em 2013, o tema parecia caminhar lentamente, havia poucas produções nacionais¹ que se debruçavam sobre a temática das mulheres, o que instigou ainda mais a pesquisa.

Com certa dificuldade de acessar materiais nacionais disponíveis, visto essa escassez de produções referentes ao tema na área de Arquitetura e Urbanismo, compreendeu-se a necessidade de averiguar tal conteúdo em outra área de conhecimento. Na História², várias autoras tratam o tema de forma aprofundada, entre elas: Mary Del Priore (1997), Andréa Lisly Gonçalves (2006) e Michelle Perrot (2008). As autoras discorrem sobre a invisibilidade das mulheres a partir de um ponto de vista historiográfico, cultural e político. Apesar da grande contribuição derivada da aproximação com tais referências, as demandas na área de Arquitetura e Urbanismo ainda não estavam supridas, iniciando-se, por isso, uma nova jornada de pesquisa e descobertas. Foram realizadas duas pesquisas pelo Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo: a primeira, *Relações de Gênero na Prática Profissional em Arquitetura e Urbanismo no Espírito Santo*, entre 2013 e 2014, sob orientação da professora Karla do Carmo Caser; e a segunda, *Relações de Gênero e Arquitetura? Prática Profissional*, entre 2015 e 2016, sob orientação do professor Nelson Pôrto Ribeiro; ambos os trabalhos foram apresentados na Jornada de Iniciação Científica da Universidade Federal do

¹ No âmbito nacional se destacava a dissertação de mestrado (1999) e a tese doutorado (2004) de Ana Gabriela G. Lima e, em 2010, dissertação de mestrado de Flávia de Sá. Os demais materiais encontrados na época se limitavam a conteúdos menores, sem muito aprofundamento teórico, o que foi se modificando com o tempo a partir das novas produções brasileiras.

² Contato obtido através da disciplina eletiva: *A mulher na História do Brasil*, realizada no segundo semestre de 2012, no programa de graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Espírito Santo (UFES). O segundo foi condecorado como um dos melhores da Jornada de 2016.

Obtido um domínio maior sobre o tema, foi possível a realização do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Arquitetas do Movimento Moderno brasileiro (1939-1975): projetos publicados nas revistas Acrópole e Módulo* (2016). Logo depois, seguindo a mesma linha de pesquisa, deu-se a aprovação para a publicação de dois artigos (2016 e 2017) na revista *Arquitetas Invisíveis*³. O desdobramento do tema se deu de forma muito natural, visto a necessidade de evidenciar, cada vez mais, novos personagens e narrativas da história da arquitetura. O próximo passo se constituiu na elaboração deste trabalho. *Nenhuma a menos* implica em trazer à luz as arquitetas e urbanistas formadas na cidade de Salvador entre 1936 e 1969 que, por diversos motivos, não foram inseridas na historiografia da área.

A compreensão da trajetória até aqui facilita o entendimento parcial do porquê do assunto estudado, apesar de não ser o único fator que justifica a elaboração deste conteúdo. Nesse primeiro momento, refletiremos sobre três indagações referentes ao recorte da pesquisa: por que estudar as mulheres? Por que um recorte tão específico diante da amplitude na arquitetura historiográfica? E, então, por que o estudo foi realizado em Salvador-BA?

O primeiro questionamento pode ser respondido através de dois contextos: um mais geral, que vincula a construção da História Política, a história entendida por muitos como principal ou única história existente. Mas também por um contexto mais específico, vinculado à História da Arquitetura.

De forma mais ampla, então, podemos responder que estudar as mulheres faz parte de uma tarefa de contribuição social e historiográfica, e isso fica ainda mais evidente ao analisar como as mulheres têm sido, durante séculos, excluídas da História. Michelle de Perrot (2008) apresenta, em seus escritos, elementos determinantes para a ausência de uma história das mulheres. Segundo ela, a invisibilidade feminina ocorre na história por três motivos: o primeiro é pelo fato de que elas eram excluídas do espaço público: sempre que saíam eram

³ O primeiro artigo nomeado *Invisibilidade nas Premiações Internacionais e a Primeira Ganhadora do Pritzker* (2016, n.01, p. 57-60) e o segundo, *Matrimônio e vida profissional: arquitetas, artistas e escritoras do século XX* (2017, n. 02, p. 20-21).

acompanhadas, vigiadas e se deslocavam apenas com um objetivo específico como, por exemplo, ir à igreja ou comprar algo, mas nunca por mera vontade de caminhar sob a luz do sol. E o espaço público, a elas negado, foi “[...] o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato.” (PERROT, 2008, p.16) Além disso,

porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E esta é uma segunda razão do silêncio: o silêncio das fontes. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra. (PERROT, 2008, p.17)

Como terceiro motivo para tal invisibilidade, aparece a *dissimetria sexual das fontes*, (PERROT, 2008, p.17) ou seja, o fato de, sempre que as mulheres aparecem na História, serem escritas, descritas, pintadas e observadas a partir da figura masculina, “[...] reduzidas ou ditadas a estereótipos[...]”. (PERROT, 2008, p.17) São mães, filhas, prostitutas ou santas, “produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou medos dos artistas do que sobre mulheres reais.” (PERROT, 2008, p.17) Trabalhos como o de Perrot trazem uma nova abordagem histórica que resgata não apenas a história das mulheres, mas a história das massas, ou seja, de tudo o que não se encaixa no padrão dominante da figura masculina, héteronormativa e branca. Como expressa Gonçalves: “[...] necessitamos estudar as mulheres, porque caso contrário só se vê parte da raça humana. [...] É preciso estudar as mulheres em seus próprios termos, ir além de apenas nomear as grandes.” (GONÇALVES, 2006, p.69) A história da Arquitetura e das mulheres na Arquitetura está, portanto, inserida em um contexto mais amplo ao qual não se pode esquivar por se tratar de uma construção social e cultural. Saber como se inicia a História das Mulheres faz parte do entendimento da História das Arquitetas.

Adentrando no recorte mais específico (historiografia da arquitetura) precisamos buscar as lacunas pulsantes de arquitetas que por diversas razões não foram incluídas igualmente quando comparadas aos seus chefes e/ou companheiros, heroicos protagonistas históricos. Hoje é possível identificar, principalmente no cenário internacional, diversos casos em que arquitetas passaram por provações, desafios e apagamentos pelo simples fato de serem mulheres. O caso de Denise Scott Brown talvez seja o mais repercutido mundialmente após ela ter recorrido ao *Prêmio Pritzker Architecture*, considerado

um dos maiores prêmios de Arquitetura do mundo, após ele ter sido entregue apenas a seu companheiro de trabalho e cônjuge Robert Venturi, em 1991, mesmo sendo evidente a atuação conjunta dos dois. A indignação diante do ocorrido levou a manifestações mais atuais, como a petição proposta pelas estudantes de Harvard: Arielle Assouline-Lichten e Caroline James, que propuseram por meio de Change.org, em 2013, que Denise Scott Brown recebesse de forma retroativa o Prêmio. (STRATIGAKOS, 2016, p. 56) Além da questão de gênero, esse caso também nos chama atenção para outra problemática: a invisibilidade de demais agentes importantes na construção de projetos. Muitas vezes tidos como produções de um único protagonista, na realidade, o mais comum é o desenvolvimento de projetos arquitetônicos concebidos de forma colaborativa, ou seja, tendo diversas mãos atuantes em seu processo até o produto final. É frustrante que, nas premiações, esse reconhecimento se dê apenas a um indivíduo, muitas vezes uma figura masculina. A condição de Scott Brown é semelhante à de outras arquitetas e urbanistas atuantes nas diversas áreas: teoria, projeto, paisagismo, etc. Em virtude dos fatos, buscou-se averiguar se o mesmo ocorreria com as estudantes e profissionais soteropolitanas, em especial de 1936 a 1969.

A escolha de Salvador como recorte espacial para desenvolvimento do trabalho se deu por duas razões. A primeira é a condição de Salvador como referência nacional e regional. A capital da Bahia, e também antiga capital do Brasil, foi historicamente um dos centros de desenvolvimento do país durante o período compreendido entre 1549 e 1763, ano em que a sede do império foi transferida para a cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, provém a terceira maior população do país, com 2.857.329 habitantes (IBGE, 2018)⁴, sendo ainda um grande centro econômico, político e cultural. No que se refere ao período analisado (1936-1969), Salvador se mostrou uma região promissora, principalmente em obras e projetos de arquitetura, e na difusão da arte Moderna. Um exemplo é o cenário baiano, em especial no final dos anos 1940, com a atuação do Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (EPUCS) dirigido inicialmente por Mário Leal Ferreira e, após seu falecimento, por Diógenes Rebouças. O EPUCS é o grande transformador da

⁴ IBGE ver plataforma online. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/panorama>>. Acesso em: 14 maio 2019.

arquitetura baiana moderna desse período, foram mais de cinquenta estudos preliminares e projetos realizados somente por Rebouças para o estado da Bahia. (ANDRADE JUNIOR, 2012) Nesse período ocorreram, também, atuações de arquitetos estrangeiros como Lina Bo Bardi, presente na capital entre 1954 a 1968. (ANDRADE JUNIOR, 2013)

Outra razão para o estabelecimento desse recorte espacial é a proporção de mulheres atuantes no Estado. Segundo o CAU BR (2016), as mulheres representam cerca de 61% das profissionais atuantes na Bahia, um número que, segundo o órgão, tende a aumentar⁵. Ou seja, buscar a história das arquitetas anteriores ao nosso tempo se faz necessário tanto por um resgate do passado quanto por um olhar para o futuro. Podendo assim, sonhar com uma nova geração de arquitetas que terão uma formação mais ampla em relação à própria identidade e condições historiográficas mais democráticas e igualitárias entre homens e mulheres.

O objetivo deste estudo é realizar uma investigação acerca da invisibilidade historiográfica da Arquitetura Moderna soteropolitana com foco na formação e atuação profissional de arquitetas formadas entre 1936 e 1969. Identificar, então, de que forma essas arquitetas estudavam e trabalhavam sob a condição de ser mulher no século XX, entendendo o contexto histórico no qual estavam inseridas e suas estratégias para se manter atuante na trajetória educacional e profissional do campo. Sabendo que não seria possível esgotar o universo temático, foram estipulados alguns recortes: o recorte regional anteriormente mencionado e também o recorte temporal.

O período de 1936 a 1969, ou seja, esses trinta e três anos, é uma delimitação importante para a arquitetura e para as mulheres da capital baiana. Em 1936 temos, em Salvador, a primeira arquiteta diplomada⁶, Lycia Conceição Alves, pelo curso de Arquitetura, um marco importante para a historiografia das arquitetas soteropolitanas, ficando assim evidente o motivo pelo qual a pesquisa se inicia neste

⁵ Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>>. Acesso: 15 maio 2019.

⁶ Apesar de entendermos como arquitetos os alunos diplomados anteriores ao ano de 1949, o curso de arquitetura de Salvador–BA passa a ser reconhecido a partir da incorporação da Escola de Belas Artes à Universidade. Esse reconhecimento se deu através da emenda N° 21 do Projeto de Lei de N° 494. Sendo assim, oficialmente, os formandos não teriam o título de arquitetos, o que não lhes impediu de atuar como tais.

ano. No que diz respeito ao curso de arquitetura, o recorte abarca um momento de conquistas e também de muita dificuldade. Desde sua fundação, o curso enfrentou desafios com relação à estrutura física e não haviam verbas suficientes para cobrir todas as necessidades. Bem no início do curso os alunos ainda contribuíam com um valor e os professores não eram remunerados; ao longo dos anos vamos vendo uma melhora, o curso foi conquistando espaço físico, acadêmico e financeiro. (ANDRADE JUNIOR, 2012) As mudanças não estavam ocorrendo apenas externamente, ano após ano o quadro de estudantes ganhava um novo membro do sexo feminino, mesmo com oscilações e com o desafio de prosseguir em um curso majoritariamente masculino. É na década de 1960 que ocorre uma mudança brusca: o número de alunos ingressantes dobra em relação aos anos anteriores.

Sobre a abordagem metodológica, o estudo baseou-se em uma estratégia qualitativa de pesquisa, de caráter analítico, por meio de: levantamento bibliográfico acerca do tema, análise documental de fontes secundárias e entrevistas individuais. Veremos melhor cada etapa desse processo através da apresentação dos capítulos. Antes deles, em *Estado da arte: caminhos já percorridos*, é apresentado o conhecimento produzido até o momento e considerado pertinente ao assunto da relação entre gênero e arquitetura. Esse compilado nos propõe pensar sobre a produção da História das mulheres na arquitetura ocidental e os futuros caminhos que ainda temos a traçar. A estrutura desta dissertação se organiza em três capítulos: **1.** Reflexão feminista sobre a produção historiográfica da Arquitetura Moderna soteropolitana; **2.** Influências que levaram as mulheres ao curso de arquitetura: feminismo e espaço público e; **3.** Arquitetas soteropolitanas. A seguir, se apresenta um breve resumo de cada um:

1. O primeiro capítulo busca compreender a historiografia ocidental e latino-americana ao longo dos séculos, analisando três referências, Foucault, Paul Veyne e Marina Waisman⁷, entendendo assim

⁷ Os livros propriamente ditos são: *A ordem do discurso. Aula inaugural no College d'e France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970* (1996), é uma versão integral do texto de Michel Foucault; o segundo, *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história* (1998), também a partir de estudos de Foucault porém pelas palavras de Paul Veyne; e especificamente falando sobre a América Latina, temos a autora Marina Waisman em *O interior da História. Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos* (2013).

como o processo historiográfico é concebido, as especificidades latino-americanas e as lacunas ainda existentes dentro da História da Arquitetura. Vale ressaltar também os escritos do professor Abílio Guerra sobre o cenário da Historiografia da arquitetura brasileira. Segundo ele,

[...] não existe na área de estudos históricos da arquitetura brasileira nenhuma obra que sequer se aproxime da produzida por luminares de outras áreas intelectuais, das quais citamos alguns nomes apenas para exemplificar: Renato Mezan e Maria Rita Kehl, na psicanálise; Antonio Candido, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz e Willi Bolle, na crítica literária; Paulo Arantes, Roberto Romano, Sérgio Paulo Rouanet, Renato Janine Ribeiro, Arthur Giannotti e Marilena Chauí, na filosofia; Maria Sílvia de Carvalho Franco e Nicolau Sevcenko, na história. (GUERRA, 2011)

Pensar o fazer historiográfico faz parte de uma contribuição contemporânea de um grupo de pesquisadores de Arquitetura que, segundo Guerra (2001), são contemplados no Brasil por duas profissionais que mais se aproximam deste perfil, são elas: Sophia da Silva Telles e Otília Arantes, ambas com trânsitos em outras áreas de conhecimento. (GUERRA, 2001)

Além de um entendimento mais geral, buscamos um olhar mais próximo à historiografia soteropolitana. A Arquitetura Moderna em Salvador possui, sem dúvida, um vasto campo de produção, o que podemos comprovar a partir da tese de doutorado *Arquitetura Moderna na Bahia, 1974-1951: Uma história a contrapelo*, de Nivaldo V. de Andrade Junior (2012). A tese serviu como base, junto a demais fontes⁸, para a compreensão dos projetos modernos presentes em Salvador, bem como o contexto social, econômico e político da época, e a análise da participação das mulheres nesse processo.

2. O segundo capítulo teve como principal objetivo refletir sobre como ocorreu a inserção das mulheres no curso de Arquitetura de Salvador.

As mulheres as quais nos referimos neste trabalho são privilegiadas economicamente e socialmente, em sua maioria branca. É importante

⁸ Entre elas, uma série de produções, artigos e mapas disponíveis no site do Docomomo_BA (<http://www.docomomobahia.org>) que pesquisam, documentam projetos da Arquitetura Moderna em Salvador.

destacar que apesar de essas serem a maioria, também houve mulheres negras que cursaram Arquitetura em Salvador no período aqui estudado, entre elas a já citada primeira arquiteta formada Lylcia Conceição Alves, em 1936. Mesmo tendo consciência da relevância das arquitetas negras, devido a limitações da pesquisa, focaremos apenas no primeiro perfil, trazendo apenas algumas colaborações para o desenvolvimento de futuros trabalhos.

De início, surge a hipótese de que o maior influenciador para a inserção de mulheres no curso seria uma onda feminista que começa na cidade em uma data próxima à primeira diplomação de uma mulher na Arquitetura, na capital baiana. Depois de analisar não apenas a história do feminismo na Bahia, mas também a História das Mulheres, chegou-se à conclusão que sim, o feminismo influenciou nesse processo de forma indireta, mas não teria sido o mais proeminente incentivo quando tratamos da inserção das soteropolitanas no curso de Arquitetura, e sim o próprio desenvolvimento da capital baiana, a demanda capitalista por novas forças de trabalho e conseqüentemente a inserção das mulheres no espaço público.

As mulheres adeptas ao movimento sufragista, em Salvador, faziam parte de um grupo social específico, mulheres de classe econômica alta/média, e era um movimento moldado a partir de parâmetros ingleses e norte-americanos, muito ligados ainda à moral cristã e à construção da mulher como responsável pelo lar e pela família. Apesar de não romper com o discurso opressor e parecer não produzir algum tipo de avanço na condição social da mulher, o movimento possibilitou, de maneira sutil e pautado na prerrogativa da caridade e do assistencialismo, ações que davam poder de fala às mulheres e oportunidade de troca e encontro, bem como cursos – com a finalidade de capacitar tais mulheres para o cuidado com a casa e família - produzidos e organizados pelas mesmas.

A compreensão acerca da temática se deu através de algumas fontes bibliográficas da UFBA disponíveis nas Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia e repositório da UFBA, disponível em plataforma digital. São elas a tese de mestrado de Maria A. F. Almeida *Feminismo na Bahia 1930-1950* (1986) e a *História das mulheres, feminismo e política na Bahia*

(2015), ambas primordiais para compreensão do contexto no qual estavam inseridas as mulheres baianas e, conseqüentemente, soteropolitanas. Na primeira obra, houve um aproveitamento maior do primeiro e do segundo capítulo, que descrevem justamente o cotidiano das mulheres e a vivência feminista de Salvador. Ainda no âmbito da Universidade Federal da Bahia foram identificados dois grupos de atuação em prol da produção científica acerca das mulheres, o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (PPGNEIM) e o Gir@ - Núcleo de Estudos Feministas em Política e Educação, ambos interligados academicamente, e responsáveis por uma grande produção sobre o tema. Entre elas, utilizamos: *Fazendo gênero na historiografia baiana* (2001) e o livro *As donas no poder: mulher e política na Bahia* (1998). O primeiro livro, que faz parte da *Coleção Bahianas* (vol.6), foi organizado por Cecília M.B. Sardenberg, Lole Macedo Vanin e Lina M^a Brandão de Aras (2001) e apresenta uma série de artigos, em ordem cronológica, com linhas diferentes de pesquisa (religiosidade, saúde, educação, trabalho, etc.), porém seguindo o mesmo objetivo de revisitar a história “[...] tendo como fio condutor um olhar questionador quanto à História Tradicional, fazendo emergir as relações de gênero e as experiências femininas e masculinas nelas tecidas ao longo da nossa história sobre a historiografia da mulher baiana.” (SARDENBERG;VANIN;ARAS, 2001, p.10) Ana Alice Costa, responsável pelo segundo livro, traz um comprometimento com o movimento feminista, analisa o jogo de poder presente nas relações entre política e o papel social desenvolvido pelas mulheres nesse jogo. Resgata a participação da mulher na política baiana, sua atuação no âmbito familiar e no feminismo. (LIMA *apud* COSTA, 1998)

Como dito anteriormente, o fator de maior relevância e influência para a inserção da mulher da elite econômica de Salvador na vida acadêmica, identificada durante a trajetória da pesquisa, foi a saída dela do espaço doméstico e, conseqüentemente a inclusão da mesma no espaço público. As obras utilizadas para dar embasamento a este argumento foram as de Maria Novas (2014), Ana Gabriela Godinho Lima (2014) e Diana Agrest (2006). Os trabalhos dessas autoras abordam, entre outras coisas, a não

neutralidade dos espaços públicos. Até o século XIX as mulheres eram rigorosamente limitadas ao espaço doméstico, havia uma divisão de papéis demarcada, onde os homens eram provedores econômicos e sociais e, sendo assim, os responsáveis pelo trabalho remunerado e exerciam uma vivência social e política nos espaços públicos. Já às mulheres era delegada à função de cuidado com a casa e a família, o que as restringia ao espaço privado.

No século XX, diante de uma nova demanda capitalista e à necessidade de expansão do mercado de trabalho, as mulheres passam a ter abertura para novas oportunidades, com isso conseguem se inserir cada vez mais na esfera pública.

3. O terceiro capítulo é o coração do trabalho, tendo como palco a história da arquitetura em Salvador por uma perspectiva feminina: da formação ao campo profissional. A narrativa se desenvolve a partir de duas fontes essenciais: os documentos da FAUFBA/EBA⁹ e as entrevistas com arquitetas formadas entre 1936 e 1969. O primeiro contato se deu através da pesquisa exploratória: ***Cadê as arquitetas modernas baianas?*** (2018) que cedeu dados sobre as primeiras descobertas acerca do tema. A pesquisa é desenvolvida sob orientação do professor José Carlos Huapaya Espinoza desde 2014, na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA)¹⁰, que disponibilizou dados numéricos comparativos entre homens e mulheres que prestaram vestibular, se graduaram e se diplomaram. Entre as fichas e dossiês foi possível identificar nomes, históricos escolares e redações de vestibulandas¹¹. Com

⁹ Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia / Escola de Belas Artes.

¹⁰ A pesquisa, elaborada de forma colaborativa, teve um levantamento inicial que identificou uma lista de discentes do curso de arquitetura de Salvador entre 1920 a 1969. Porém, as informações ainda se mostravam com certa escassez, sobretudo ao contexto social vivido por elas e a individualidade das profissionais. Na pesquisa foram consultados os arquivos da Faculdade de Arquitetura da UFBA (FAUFBA), da Escola de Belas Artes da Bahia e do Instituto de Arquitetos do Brasil- BA (IAB - BA).

¹¹ O acesso a esses documentos só foi possível graças ao armazenamento e catalogação que ocorreu entre 2000 e 2003, sob a gestão da professora Ana Fernandes, que identificou e selecionou em caixas os documentos relativos aos alunos da Faculdade de Arquitetura. Os documentos referentes à Escola de Belas Artes - BA, foram organizados sob a coordenação do professor Anderson Marinho e seguiram uma metodologia similar.

esse conhecimento prévio, foi possível entender qual o perfil de alunas que realizaram a formação entre as décadas de 1930 e 1960. E, então, com os dados em mãos, foram feitos diversos cruzamentos de informações junto ao referencial histórico anteriormente pesquisado.

A primeira arquiteta diplomada é, como já apresentado, Lycia Conceição Alves, formada em 1936. Depois dela, apenas em 1953 teremos a segunda arquiteta graduada. Um marco importante é o fato de que Lycia era uma mulher negra e de origem simples, passou por dificuldades financeiras durante sua graduação, tendo uma vivência muito destoante das arquitetas entrevistadas. Seu pioneirismo e sua contribuição social são inegáveis, por isso, mesmo não tendo sido entrevistada – pois já é falecida –, foi introduzida de maneira essencial neste trabalho.

As entrevistas, por sua vez, geraram resultados surpreendentes, em especial em relação à atuação das estudantes no processo de vestibular e no restante da graduação. Foram realizadas doze entrevistas¹², sendo onze diretamente com as arquitetas e uma com familiares de Arilda Maria Cardoso Sousa; sua filha, Sara Cardoso Sousa, e sua irmã, Maria Ângela Barreiros Cardoso (Dange). Arilda, infelizmente, não pôde ser entrevistada devido ao seu estado de saúde. Houve a tentativa de entrevistar outras arquitetas, porém não foi possível contato com as mesmas, a maioria não possuía telefone, e-mail ou endereço disponível em meio digital, ou um intermediário que fornecesse tais informações para a pesquisa; algumas arquitetas, mesmo contatadas e informadas acerca do conteúdo do trabalho, não quiseram participar; e outras já faleceram¹³.

Em nossas conclusões são apresentados os resultados dessa pesquisa; através das entrevistas realizadas com as arquitetas e do cruzamento de dados históricos, fizemos um levantamento dos motivos que as levaram a ingressar na

¹² Foram realizadas entrevistas individuais com cada uma delas: Lêda Serra Saraiva (1956), Maria Eunice Vieira de Oliveira (1959), Ana Maria Vasconcelos Fontenelle (1966), Maria do Socorro Fialho (1967), Ivaneuza Maria Leite Lima (1969), Virgínia de Oliveira Kaukark (1969), Lídia Luz Conceição (1969), Maria Cecília de Andrade Gomes (1969), Maria Vanda Fernandes Espinosa (1969), Silva Castro Lima (1969) e Norma Mascarenhas Cardoso (1969).

¹³ É importante ressaltar a dificuldade de obter dados precisos das fontes principais, uma vez que problemas de saúde ou a própria idade acabava atrapalhando na obtenção dos mesmos. Nos casos possíveis, foram realizados cruzamentos de dados como meio alternativo para romper com estes empecilhos. Porém há casos em que isto não foi suficiente, principalmente em relação à algumas datas.

Faculdade de Arquitetura. Buscou-se entender também como era o ambiente acadêmico da época, se existia equidade nas relações. No campo profissional dois apontamentos destacaram-se: a atuação majoritária das arquitetas entrevistadas na esfera pública; e a questão do casamento e da maternidade como fatores de interferência em suas carreiras, além de uma nova reflexão sobre como a historiografia ainda possui lacunas a serem preenchidas.

ESTADO DA ARTE: CAMINHOS JÁ PERCORRIDOS

No campo de Arquitetura e Urbanismo, no que diz respeito ao movimento de luta das mulheres, torna-se imperativo o esforço para o reconhecimento e a construção de narrativas de mulheres sobre mulheres. O primeiro material encontrado com tal finalidade, gênero-arquitetura, aparece na década de 1960. A autora Jane Jacobs, em seu livro *Morte e Vida das Grandes Cidades* (1961), critica primeiramente a abordagem unilateral em relação à produção do espaço, mas não necessariamente realiza uma crítica específica em relação à ausência das mulheres nesse contexto ou às relações sociais de sexo. Segundo ela, haviam problemáticas sobre a maneira como o Urbanismo moderno estava sendo pensado, sem levar em conta a diversidade e as pessoas como parte essencial desse processo. (JACOBS, 2011)

Os próximos trabalhos identificados aparecem em meados de 1970. Foram encontrados livros, textos e artigos que abordam tanto a temática da mulher na Arquitetura, quanto produções que tratam da percepção, vivência e dificuldade dessas profissionais. Os livros dessa década foram: *From Tipi to Skyscraper: A History of Women in Architecture* (1973), por Doris Cole, no qual documenta as contribuições históricas das mulheres para a arquitetura norte-americana e analisa as relações sociais e econômicas das mesmas. (LIMA, 2014) A autora Carolyn R. Johnson é a responsável pelo livro: *Women In Architecture: An Annotated Bibliography and Guide to Sources of Information* (1974), trata-se de uma bibliografia que reúne, de dentro da profissão, a vivência de mulheres, suas oportunidades na carreira, realizações, produções, descreve grupos de mulheres que se organizam para impulsionar mudanças na profissão e, por fim, dados estatísticos sobre arquitetas dos Estados Unidos. Reena Racki, em sua tese *Mothers' Perceptions Of Housing Space: an analysis of 3 married student housing sites: Eastgate, Westgate and Peabody Terrace* (1974), como o próprio nome já diz, trata de uma perspectiva do espaço para mães, como a entrada de luz, a disposição dos móveis, ou como a simples altura de uma janela pode interferir em espaços mais nutritivos para uma família com filhos pequenos. Encontrado no livro *The Architect: Historical Essays on the Profession* (1976), o capítulo: *On the Fringe of the Profession: Women in American Architecture*, de Gwendolyn Wright, critica a marginalização das mulheres na profissão. Junto a ele, o livro de Susana Torre,

Women in American architecture: a historic and contemporary perspective (1977) compõe uma das primeiras contraposições das mulheres no campo da Arquitetura, discutindo o número relativamente pequeno de mulheres e suas aparentes limitadas contribuições para a profissão. O segundo, mais especificamente, apresenta uma gama de trabalhos realizados por mulheres e aprofunda-se em como elas projetavam o seu cotidiano, os desdobramentos profissionais das arquitetas em meados do século XIX até os anos 1960. O livro também foi utilizado recentemente como base na exposição *Women in American Architecture. A Historic and Contemporary Perspective*, instalada no Museu do Brooklyn, em Nova Iorque. (BERKON, 2017) Fechando a década, a obra de Debra Coleman, Elizabeth Danze e Carol Henderson, *Architecture and Feminism* (1977), aborda as relações entre arquitetura e feminismo e a interseção desses dois campos através de uma coleção diversificada de projetos, incluindo investigações interdisciplinares de literatura, história social, economia doméstica e história da arte. (COLEMAN; DANZE; HENDERSON, 1996)

Após a década de 1970, que demonstrou um grande potencial na produção em torno do debate, a década de 1980 teve, em comparação à anterior, uma produção mais tímida. A primeira obra identificada, de Gerda R. Wekerle (Ph.D., sociologia), Rebecca Peterson (Ph.D., psicologia) e David Morley (Ph.D., geografia), *New Space for Women* (1980), é um livro composto por uma coleção de artigos sobre mulheres e seus ambientes, abordando os problemas encontrados por elas em seus espaços residenciais, prédios, escritórios, áreas tanto urbanas quanto às margens dos grandes centros. Inclui também uma avaliação de barreiras institucionais que dificultaram a locomoção dessas mulheres de acordo com suas necessidades, incluindo as formas que encontraram para lidar com essas situações. A segunda obra aparece logo depois, a autora Dolores Hayden aborda em seu livro, *Grand Domestic Revolution: History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods and Cities* (1982), um grupo de feministas norte-americanas cujas líderes fizeram campanha contra o confinamento das mulheres à vida doméstica, sendo essa, segundo elas, a causa básica de sua posição desigual na sociedade. (HAYDEN, 1982) Posteriormente à publicação de Hayden, mais duas obras foram encontradas, a primeira de Pauline Fowler, *The public and the private in architecture: a feminist critique* (1984), que no contexto da dualidade entre espaço

público e privado se baseia em Elshtain e Pitkin para trazer à luz uma visão feminista e crítica sobre os predecessores conceitos de Kenneth Frampton (que, por sua vez, se baseia em Aristóteles e Hanna Arendt). A segunda e última obra da década pertence a Ellen Perry Berkeley e Matilda McQuaid, *Architecture. A Place for Women* (1989). A obra é formada por vinte e dois capítulos e é voltada para um público que busca, de alguma forma, mudar as condições de desigualdade na profissão e na vida das mulheres americanas. Reúne figuras históricas para a América, entre elas Louisa Tuthull, autora da primeira história da arquitetura publicada no continente, Minerva Parker Nichols, arquiteta mais conhecida atuante na Filadélfia no século XIX e Miss Sue Frost, pioneira em preservação histórica, quando salvou a herança arquitetônica de Charleston, na Carolina do Sul. A autora também traz instituições que apoiaram o desenvolvimento social das mulheres como a Escola Cambridge, única escola feminina de planejamento e arquitetura fundada na década de 1970.

Na década de 90 as obras aparecem intercaladas, em média, a cada dois anos, a primeira identificada é de Claire Lorenz, *Women in Architecture: A Contemporary Perspective* (1990), no livro é possível viajar o mundo através das obras de quarenta e oito mulheres, em vinte diferentes países. Nele podemos ver soluções para projetos em diferentes espaços, condições culturais, financeiras e climáticas. Com isso, a autora teve a intenção de divulgar a atuação dessas arquitetas, sozinhas ou em parcerias. Na sequência, uma obra com grande repercussão, *Sexuality & Space* (1992). A autora, Beatriz Colomina, extrapola a temática de gênero e adentra pelo universo da sexualidade, ela aproxima a teoria da arquitetura aos estudos feministas trazendo teóricas invisibilizadas no discurso e na prática arquitetônica. (COLOMINA, 1992) Dorenn Massey, por sua vez, publica *Space, Place, and Gender* (1994), buscando apresentar para além dos conceitos já criados sobre espaço e lugar, alternativas que ora confluem, ora desconversam das existentes; apresenta leituras apropriadas para estes tempos, incluindo complexidade e profundidade ao debate acerca de espaço, lugar e gênero, e a construção de gênero nas relações sociais. Diana Agrest, Patricia Conway e Leslie Kanes Weisman publicam *The Sex of Architecture* em 1996, que reúne vinte e quatro textos que coletivamente expressam o poder e a diversidade das visões das mulheres sobre arquitetura. São mulheres historiadoras, profissionais, teóricas e

outros interessados em questões críticas em Arquitetura e Urbanismo. (CROUT; CONWA e WEISMAN, 2000) Também sobre mulheres e arquitetura, o livro *Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History* (1998), de Alice T. Friedman, descreve a história de mulheres, com suas respectivas famílias, que moram em casas icônicas do movimento moderno e suas relações com os arquitetos. (ADAMS, 2006)

Nos anos 2000 ocorre uma verdadeira ampliação do tema, a década se abre com *Gender, Space, Architecture. an Interdisciplinary Introduction* (2000), de Jane Rendell. No livro ela fornece uma introdução abrangente para as questões de gênero no que se refere a estudos de arquitetura, compilando uma série de escritos ocidentais (em sua maioria dos Estados Unidos) dos últimos vinte anos, tanto dentro como fora do campo de conhecimento. Ainda no quadro internacional, Maggie Toy, autora de *The Architect: Women in Contemporary Architecture* (2001), apresenta trinta e três arquitetas, entre elas Alison Brooks, Elizabeth Diller, Zaha Hadid e Kazuyo Sejima. Com a apresentação destas profissionais, busca-se de maneira urgente trazer à luz as contribuições feitas por mulheres à arquitetura contemporânea e a luta contínua delas para conseguir a paridade profissional em um campo há muito dominado por homens. Outra referência encontrada logo ao início da trajetória da pesquisa é o relatório financiado pelo *Royal Institute of British Architects* (RIBA) denominado: *Why do women leave architecture?* (2003) de Graft-Johnson, Sandra Manley e Clara Greed. As autoras contribuem, enquanto quadro internacional, com uma lista de desafios enfrentados pelas arquitetas durante a carreira, como diferença salarial, inflexibilidade no trabalho, baixas perspectivas de promoções na carreira, sexismo, etc. No mesmo ano, temos a obra *Women's Places: Architecture and Design 1860-1960* (2003) de Brenda Martin e Penny Sparke, na qual elas examinam os espaços profissionais e domésticos criados por mulheres, oferecendo uma visão sobre as aspirações e identidades sociais, novas informações e novas interpretações no estudo de gênero e cultura. (MARTIN; SPARKE, 2003) Beatriz Colomina, já citada anteriormente, lança um novo livro em torno da temática de gênero, *La Domesticidad En Guerra* (2006), que trata, em oito capítulos, de estudos de casos que têm em comum a integração de espaços domésticos no período entre a Segunda Guerra e a Guerra Fria. São utilizados exemplos em momentos históricos distintos que abrangem as relações de efeito da

guerra nos espaços da vida cotidiana e, conseqüentemente, na arquitetura. Tendo como dispositivo do debate a imagem, apresenta elementos que criam um modelo visual da cultura de guerra repositórios de um conhecimento cuja intencionalidade é definida e direcionada para influenciar diretamente a realidade (COLOMINA, 2006). A historiadora, escritora e professora Despina Stratigakos, em seu livro *Where Are the Women Architects?* (2016), traz uma análise histórica que se inicia com o questionamento da ausência das profissionais femininas desde o século XIX. Posteriormente, apresenta um cenário atual onde as mulheres ainda enfrentam obstáculos para se destacar, como por exemplo, o caso das premiações que majoritariamente ainda são contempladas por homens. Por fim, a autora ainda discorre sobre um grupo de defensores pró-igualdade entre os profissionais, entre eles a própria autora. Traduzido, temos o texto de Diana I. Agrest, *À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo*, o texto pertence à coletânea de *Uma Nova Agenda para arquitetura. Antologia teórica - 1965-1995* (2006). Nele Agrest afirma que o corpo da mulher foi reprimido pela tradição da arquitetura ocidental. Quando pensado um modelo para os padrões da arquitetura, é o corpo masculino que é adotado como o único e exclusivo representante. A intenção da autora, então, segue o sentido contrário a essa lógica, busca agregar o corpo feminino na arquitetura, tudo isso a partir de uma posição externa ao sistema. Segundo ela, é de fora do já habitual que podemos ter uma visão mais crítica.

No cenário *hispano hablante*, ou seja, de língua espanhola, temos: Patricia Molina e Begoña Laquidáin, autoras de *Arquitectura y género: Situación y perspectiva de las mujeres arquitectas en el ejercicio profesional* (2009), obra que trata de um relatório de estudo apresentado no *Congreso de Arquitectos 2009*, em Valencia, intitulado *Nuevas y viejas formas de ejercicio profesional en España, Europa y el mundo*, o qual tem como objetivo principal analisar a situação das mulheres no exercício da profissão de arquitetura. María Novas desenvolve a dissertação *Arquitectura y Género: una reflexión teórica* (2014), o qual teve por objetivo elucidar as relações entre gênero e arquitetura, revisando o que foi produzido até a atualidade e contextualizando os apontamentos a partir das produções teóricas e espaciais da arquitetura, além das condicionantes dos diferentes grupos sociais. O trabalho também foca nas condições do profissional arquiteto espanhol hoje, e as desigualdades de gênero presentes na profissão.

(NOVAS, 2014) O trabalho final de licenciatura de Raquel Úbeda Gómez, *Estudio sobre las Mujeres y la Arquitectura* (2016), visa dar mais visibilidade à produção das mulheres na arquitetura com estudo das consideradas duas primeiras arquitetas na Espanha e na França, Matilde Ucelay, como a primeira arquiteta espanhola e Juliette Biard como a primeira francesa que posteriormente foi substituída por Charlotte Perriand, devido a ausência de documentos de Biard. Fechando o ciclo internacional, além dos trabalhos apresentados até o atual momento, existe ainda uma enorme produção de artigos, relatórios e textos desde meados da década de 70 até a atualidade, sendo disponibilizados em plataformas digitais como: *Architectural Theory Review*, *The American Institute of Architects Journal (AIA)*, *Parlour*, *Archdaily*, *Feminism Urban*, *Un día una arquitecta*, *Architecture + Women NZ*, *MOMOWO*, entre outras.

Finalmente no cenário brasileiro, temos, ao final da década de 1990, o trabalho de mestrado de Ana Gabriela Godinho Lima, *Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX* (1999). Atualmente, são diversas/os pesquisadoras/os, núcleos e grupos de pesquisa que contribuem cada vez mais para a ampliação do tema. Em 2004, Ana G. Godinho Lima continua o debate com sua tese de doutoramento: *Reverendo a história da educação: uma perspectiva feminista* (2004), que obteve como resultado a afirmação da relevância da abordagem sobre a história da educação de Arquitetura por uma perspectiva feminista, discutindo, através de novos instrumentos e análises, questões que, segundo a autora, não tem tido o devido enfoque no ensino do campo. (LIMA, 2014) Dez anos depois, seu trabalho se desdobra e se amplifica no livro *Arquitetas e arquiteturas na América Latina no século XX* (2014). A autora divide a obra em cinco capítulos que compreendem o debate sobre mulheres na arquitetura em diferentes áreas de atuação, além de um balanço da arquitetura latino-americana do século XX, obviamente com inclusão da participação feminina nessa trajetória. Em especial, aborda teóricas, críticas e historiadoras da área, divulgando nomes de arquitetas e contribuições das mesmas. Também são incluídos os debates sobre o espaço habitacional e público e o que cada um representou para as profissionais. Toma como base referências de origem norte-americanas para então se aprofundar em um histórico de arquitetas e suas produções durante cada década. Aparecem no livro nomes mundialmente conhecidos como Lina Bo Bardi, e nomes ainda pouco explorados, porém com

grande produção, como o de Lygia Fernandes, um verdadeiro esmiuçar de *novas* figuras latino-americanas.

Em paralelo, foram analisados trabalhos ligados à Universidade Federal da Bahia, nos aproximando do quadro de Salvador, entre eles a tese de Anete Araújo, defendida em 2004, intitulada *Estudos de Gênero em arquitetura. Um novo referencial teórico para reflexão crítica sobre o espaço residencial*. A tese “[...] trata da apresentação de um novo referencial teórico-metodológico para os estudos sobre o espaço privado da habitação que vem sendo denominado de teoria crítica feminista.” (ARAÚJO, 2004, p.11) A crítica da autora discute como o modelo de *zoneamento tri-partite*: áreas social, íntima e de serviço, consolidado desde o século XIX, permanece o mesmo; e como o debate acerca do tema: habitar e habitação, é pouco abordado no meio acadêmico. Outros trabalhos relevantes em Salvador, foram desenvolvidos no âmbito do *Grupo de Pesquisa LAB20* coordenadas pelo professor José Carlos Huapaya Espinoza, além de demais produções desvinculadas, produzidas por ele. Fazem parte artigos¹⁴, resumos, banners e duas exposições. Os trabalhos têm como objetivo comum refletir e discutir sobre questões de gênero e Arquitetura e Urbanismo, tendo como recorte o período moderno e, espacialmente, a América do Sul ou/e Latina e também Salvador.

Em seguida, Silvana Rubino escreve um artigo publicado na revista *Cadernos Pagu* denominado *Corpos, cadeiras, colares: Charlotte Perriand e Lina Bo Bardi* (2010). No artigo, Rubino usa a fotografia como meio de investigação, encontra semelhanças entre as duas arquitetas e traz reflexões sobre gênero e espaço. Flávia Carvalho de Sá, por sua vez, contribui para o quadro brasileiro com seu projeto de mestrado *Profissão: arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico nas perspectivas das relações de gênero* (2010), onde identifica a participação das mulheres na produção de projetos arquitetônicos e analisa seu percurso profissional, procurando entender as formas de inserção

¹⁴ São alguns deles: *Urbanismo Moderno Feminino: um olhar sobre a contribuição de arquitetas e urbanistas sul-americanas, 1934-1962* (apresentado no XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, em 2018, no Rio de Janeiro); *Arquitetas e Urbanistas Sul-Americanas: Um olhar através das revistas especializadas argentinas 'Nuestra Arquitectura' e 'Revista de Arquitectura'* (apresentado no XV seminário de história da cidade e do urbanismo. A Cidade, o Urbano, o Humano, em 2018, Rio de Janeiro); *Arquitetas e Urbanistas [Des]conhecidas: Por uma ampliação da história da Arquitetura e do Urbanismo Modernos na América do Sul, 1929-1960* (apresentado no Congresso UFBA, em Salvador, 2019), etc.

dessas mulheres no mercado de trabalho de arquitetura no Brasil a partir da década de 1990. Para tal, utiliza como objeto de pesquisa depoimentos e entrevistas de profissionais selecionadas a partir de projetos publicados em dois periódicos especializados brasileiros, a revista *AU (Arquitetura e Urbanismo)* e *Projeto Design* em edições publicadas na década de 1990. José Tavares Correia de Lira, Flávia Brito do Nascimento, Joana Mello de Carvalho e Silva e Silvana Barbosa Rubino produzem um compilado de textos, *Domesticidade, Gênero e Cultura Material* (2017), que traz as questões de gênero relacionadas com o espaço doméstico. São textos que exploram esse espaço de diversas formas, tanto físicas quanto subjetivas, em níveis de multidisciplinaridade: História, Arquitetura e Ciências Sociais. Maria Lima Fontes escreveu a dissertação: *Mulheres Invisíveis. A produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista* (2016). Ela aborda o estudo da história das mulheres no Brasil a partir da análise de três periódicos, *Acrópole, Módulo e Habitat*. A mesma faz grandes referências a Godinho (2014), o que reforça ainda mais o pioneirismo e a relevância da produção não apenas nessa, mas para futuras pesquisas.

Sobre os trabalhos apresentados até aqui, fica nítido o esforço que se tem feito para discutir, no campo teórico e prático da arquitetura, as relações de gênero e suas ramificações. Utilizando o formato de um cone para exemplificar as produções já mencionadas, que tratam especificamente sobre a história de arquitetas, temos na borda mais larga as produções internacionais e escritas entre os eixos Estados Unidos e Europa e, conforme se afunila o cone, temos a América Latina e o Brasil. Na borda maior, não nos resta dúvidas que há uma maior produção, talvez por estarem há mais tempo familiarizadas com debates feministas e terem mulheres inseridas nas Escolas de Arquitetura com mais antecedência que os países sul-americanos. Por exemplo, a primeira estadunidense graduada em Arquitetura, Margaret Hicks, conquistou o feito em 1880 pela *Cornell University*. (LIMA, 2014) Em contrapartida, apesar de não encontrarmos registros sobre a maioria das primeiras formadas no Brasil, mas tendo como parâmetro a cidade de Salvador, temos a primeira diplomada, Lycia Conceição Alves, em 1936, ou seja, uma diferença significativa de cinquenta e seis anos.

Nos trabalhos que resgatam o histórico das arquitetas ocidentais, alguns nomes se repetem, como o de Denise Scott Brown, por representar

expressivamente o porquê dos questionamentos de desigualdade entre homens e mulheres na arquitetura. Nomes menos conhecidos também aparecem, arquitetas que produziram durante suas carreiras, mas não tiveram o devido relato em sua época. Em alguns casos a única informação disponível é o nome da arquiteta, consequência da ausência de fontes sobre elas. Um exemplo é o ocorrido com Raquel Úbeda Gómez que, em sua pesquisa (*Estudio sobre las Mujeres y la Arquitectura*, 2016) teve que substituir a arquiteta Juliette Biard por Charlotte Perriand, após se deparar com a quantidade limitada de informações sobre a mesma.

Em relação às novas contribuições historiográficas, o período Moderno merece destaque por ser o mais abordado entre os trabalhos. Pauline Fowler (1984), Alice T. Friedman (1998) e Lima (2014), abordam o mesmo período, o Modernismo, que se destaca por ter, em relação às décadas anteriores, um número maior de arquitetas atuando e, em contrapartida, um número inexpressivo de repercussão das produções realizadas por elas, ou seja, essa invisibilidade gera questionamentos e, conseqüentemente, mais produções sobre o assunto. Existem também discussões em relação aos conceitos e fundamentos concebidos na era Moderna, como as proporções, em busca de uma melhor ergonomia para os projetos que levaram Le Corbusier a desenvolver o *Modulor*, objetivando unificar os sistemas métricos e criar um sistema de proporções baseadas nas medidas do corpo humano para a época, porém se esquecendo de levar em conta que metade da população mundial não se limitava as proporções de um homem de 1,83m de altura.

Na ponta mais estreita do cone temos vazios e lacunas que esse trabalho busca de alguma maneira contribuir para o preenchimento. A maioria dos trabalhos não apresenta de forma detalhada as produções elaboradas pelas profissionais, em muitos casos não há nenhum levantamento detalhado de suas obras arquitetônicas, o que nos impede muitas vezes de conhecermos a fundo seus projetos e suas concepções arquitetônicas. A vida delas, na maioria dos casos, também é um mistério, desde sua história de formação à atuação profissional pouco é relatado e, quando se tem algo que preencha um ponto, outro fica vazio. Uma trajetória completa exige trabalho, colaborações e sorte. No caso do Brasil, as arquitetas que até o momento tem tido uma maior visibilidade estão restritas ao eixo de atuação

Rio de Janeiro – São Paulo. Acreditamos que a participação feminina, grandiosa ou pontual, tenha sido sombreada nos diversos estados do Brasil e é preciso que sejam descobertas a partir de um esforço historiográfico.

Entre as produções, também são apresentados debates acerca do espaço público e privado, que buscam soluções para as cidades e para a vida das mulheres no espaço doméstico¹⁵. Porém, a condição de mulher, mãe, esposa, filha destina às mulheres à muitas tarefas cotidianas que precisam, para além de reflexões e respostas acadêmicas, políticas públicas e planejamento urbano que contemplem suas necessidades. E, ainda, como há uma diversidade entre as mulheres, é preciso que essa construção seja, antes de tudo, plural e democrática, e, nesse aspecto, acreditamos que estamos longe do ideal. Na arquitetura, os órgãos representativos têm a função fundamental de desenvolver o pensamento crítico, bem como propor a equidade de gênero e, quando possível, executar ações que fortaleçam essa construção¹⁶.

Por fim, diante desse estado da arte apresentado, a formação é o tema mais carente de abordagem. É no âmbito educacional que se constrói as novas gerações e se tem uma perspectiva do novo quadro de atuação profissional, por isso, é urgente que se ampliem dentro do meio pedagógico as disciplinas que tratem da diversidade, para além do debate de gênero, também o recorte racial e social-econômico. Disciplinas que consigam incluir autoras de projetos e produções editoriais como protagonistas e não às sombras de grandes heróis arquitetônicos. Se de fato construirmos uma base, que não necessariamente alcance o patamar de zero desigualdade (porque apesar de muito desejado, depende de muitos outros fatores sociais, políticos e econômicos), mas que caminhe para tal, teremos uma perspectiva de igualdade profissional muito mais palpável.

¹⁵ Estão aqui alguns desses trabalhos: dissertação de mestrado de Lúcia de Andrade Siqueira, *Por onde andam as mulheres? Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife* (2015); trabalho de conclusão de curso de Isabela Rapizo Peccini, *Cidade Substantivo Feminino. As desigualdades de gênero e o espaço público (não) vivenciado pela mulher* (2016).

¹⁶ Entre as entidades representativas, o CAU-BR vem pautando algumas ações, entre elas: rodas de conversas, artigos de visibilidade às arquitetas e a formação de uma Comissão para a Equidade de Gênero (CTEG) do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR). Lançou um diagnóstico público para construção coletiva da pauta das mulheres, visando a superação dos desafios do exercício da arquitetura e urbanismo (CAU-BR, 2019).



Como podemos ver, dentro da temática gênero e arquitetura ainda se tem um vasto campo a ser explorado, e existirá até o ponto que alcançarmos a igualdade entre homens e mulheres.

1 REFLEXÃO FEMINISTA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO HISTORIOGRÁFICO: ARQUITETURA MODERNA SOTEROPOLITANA

Segundo Paul Veyne, o historiador não é nem um colecionador, nem um esteta; a beleza não lhe interessa, a raridade, tampouco. Só a verdade. (VEYNE, 1998, p. 23)

Nesse capítulo veremos algumas visões sobre a construção dos discursos historiográficos ao longo da história. Através dos dois primeiros livros de Foucault e Paulo Veyne temos algumas reflexões de como a história não é algo imparcial e neutro, mas sim coberta de escolhas e influências e, assim, mesmo que de forma não intencional, os discursos são construídos a partir de certas perspectivas. Dentro da mesma lógica, acrescentamos ao debate a autora Marina Waisman que, através de um recorte latino-americano, propõe a construção da arquitetura historiográfica, dando ênfase as suas parcialidades e particularidades. Com o intuito de nos aproximarmos do território brasileiro e posteriormente de Salvador, buscou-se compreender qual a lógica de produção historiográfica abordada pelos que construirão os discursos ali existentes. Por fim, abordamos a forma como as profissionais mulheres, arquitetas brasileiras e soteropolitanas, são inseridas nesses processos de construção da historiografia.

1.1 A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO HISTORIOGRÁFICO

É indiscutível a contribuição que as obras de Foucault tiveram nas diversas áreas de produção de conhecimento e para a sociedade de modo geral. Aqui, iremos nos atentar a algumas abordagens do vasto trabalho do autor, em especial a **construção do discurso**, que em poucas palavras podemos descrever como: tudo que produz sentido ao ser humano, seja uma produção oral, escrita, artística ou arquitetônica. (FOUCAULT, 2011) Em *A ordem do discurso* (2011), Foucault retrata a maneira parcial a qual os discursos são construídos. Segundo ele, em qualquer sociedade existe controle, seleção e organização sobre a produção do discurso. O controle sobre os discursos acaba gerando certos procedimentos que “[...] têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (FOUCAULT, 2011, p.9) Se a construção do discurso perpassa, segundo Foucault, por processos excludentes, que segregam, interditam e separam o que um determinado grupo afirma ser o verdadeiro do falso, nos é dada a oportunidade de refletir sobre os

discursos existentes, discursos esses que não foram incluídos por estarem fora do círculo da ordem do que era considerado verdadeiro. A história, construída a partir de marcos, feitos e abordagens messiânicas, tende a temer desordenados discursos. Temer tudo o que lhe foge de um direcionamento, o que não pode ser controlado pelos dispositivos heterogêneos¹⁷, tratados por Foucault ao longo de seu trabalho.

Seria muito ambicioso pensar que este trabalho conseguiria sobretudo se aproximar de um estudo arqueológico como o realizado por Foucault, porém há a intenção de tentar compreender o que seria uma epistemologia do período moderno e, em especial, sua relação com as mulheres. Interessa-nos pensar as verdades da época, não apenas buscando descrever como os discursos foram construídos em torno das mulheres soteropolitanas, mas pensar o que é possível ser transformado. Para que isso ocorra, é necessário haver mudanças sobre o que é tido como o verdadeiro discurso. Segundo Foucault (2011), uma porta para tais transformações é a educação.

Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que são marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 2011, p.44)

A educação como uma ferramenta de apropriação se torna interessante ponte para uma ampliação do discurso, ampliação essa que, nesse caso, busca a mulher arquiteta como protagonista na história. Sendo assim, é imprescindível romper o temor à descontinuidade, à desordem, a tudo que traz medo¹⁸, e aprender a “[...] questionar nossas verdades; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim a soberania do significante.” (FOUCAULT, 2011, p.51)

¹⁷ Os dispositivos estão entre o dito e o não dito, o dizer e o fazer, são: os discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis medidas, proposições filosóficas, construções morais, etc.; tudo aquilo que se utiliza para manter o controle, por isso Foucault se refere a eles como algo heterogêneo (ANÁLISE DO DISCURSO, 2016).

¹⁸ O medo é um dos grandes vilões na história das mulheres, não que as mulheres tenham medo, um medo a mais que o resto da classe humana, mas o medo dos homens sobre as mulheres, ou melhor dizendo, sobre seu desconhecido. Medo histórico, reforçado por diversos discursos, basta recordar de escritos de Perrot (2008, p.65) onde a sexualidade das mulheres era um mistério, desconhecida e ignorada, causava medo, objeto de pesquisa de muitos médicos. Medo também das possíveis mudanças que a sociedade enfrenta com a movimentação das mulheres, afinal, ao se movimentar as mulheres negam papéis destinados, preferem escrever suas próprias histórias, o que retira das mãos de muitos, privilégios.

A história é construída a partir dos fatos, porém o historiador cumpre um papel inevitável de seleção de uma narrativa. Assim, quando contamos uma história, escolhemos uma seleção de fatos que nos recordamos ou que entendemos como imprescindíveis para narrar o acontecimento. Até pouco tempo a História era escrita apenas por homens mergulhados em uma cultura machista que reforçava uma escrita discriminatória de gênero, um ponto de visão masculino, escrevendo sobre acontecimentos com protagonistas homens. Por mais que nos esforcemos e não tenhamos a intenção, a história, a narração, nunca será o acontecimento em si, e sim um ponto de vista formulado a partir da visão na qual estamos inseridos ou nos inserimos para abordar.

Dentro dessa perspectiva, Paul Veyne traz de forma didática dois princípios historiográficos: o primeiro, que tem seu embasamento a partir da cultura grega, diz que a história é tudo aquilo que acontece de *desinteressante* no dia a dia “[...] e não lembranças nacionais ou dinásticas.” (VEYNE, 1998, p. 60) É importante ressaltar que a maioria das mulheres estava – e até hoje grande parte ainda está - inserida justamente nessas atividades cotidianas que, por muito tempo, não representavam importância para aqueles que contavam a História. Por isso é necessário buscar “a banalidade do passado [que] é feita de pequenas particularidades insignificantes que, ao se multiplicarem, acabam por compor um quadro bem inesperado.” (VEYNE, 1998, p. 20) “O segundo [princípio], de nossos dias, afirma que todo fato é digno da história [...]” (VEYNE, 1998, p. 60) e para que a história se torne abrangente, não é necessário se prender a esquemas cronológicos e espaciais, apenas tramas, tecidos da história, fatos ligados objetivamente. (VEYNE, 1998, p. 60)

Os historiadores narram tramas, que são tantas quantas forem os itinerários traçados livremente por eles, através do campo factual bem objetivo (o qual é divisível até o infinito e não é composto de partículas factuais); nenhum historiador descreve a totalidade desse campo, pois um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda parte; nenhum desses caminhos é o verdadeiro ou é a História. Enfim o campo factual não compreenderia lugares que se iria visitar e que se chamariam acontecimentos: um fato não é um ser, mas o cruzamento de itinerários possíveis. (VEYNE, 1998, p. 45)

Cada acontecimento possui sua individualidade, seu itinerário a ser traçado. (VEYNE, 1998) Mesmo que recolhêssemos depoimentos de várias mulheres que passaram por uma situação de assédio em ruas de um bairro e todas relatassem o

mesmo ocorrido com frases muito similares, cada caso será um caso. Podem existir similaridades entre os depoimentos, mas ainda assim, seriam diferentes mulheres, em diferentes espaços, em diferentes dias e todos os relatos seriam verdadeiros. Na história ocorre o mesmo, ela é subjetiva, uma projeção de valores e respostas as quais nós mesmos produzimos. (VEYNE, 1998, p.37)

O desenvolvimento deste trabalho se faz estando ciente de que, ao escrevermos sobre uma História das Arquitetas Soteropolitanas, contribuímos para um processo que está por se iniciar, mas que ainda deve traçar muitas linhas até criar uma trama, ou tramas. O trabalho se resume em uma busca por tramas que foram possíveis de desenvolver, ou apenas uma trama, a qual julga-se interessante, atribui-se valor. Valor sendo aqui “o adjetivo preferido de meu arqueólogo, inimigo do belo, é a palavra mestra do gênero histórico: ‘É interessante’”. (VEYNE, 1998, p. 52) O interessante é aquilo que se quer reproduzir com base no que, por experiência e estudo, intriga e desperta interesse. É possível construir uma colaboração histórica através da reconstrução e organização intelectual, fugindo do que seria tratado com documentos antigos e buscando documentos históricos, exatamente o movimento que pretendemos realizar.

1.2 TRAJETÓRIAS HISTORIOGRÁFICAS DA ARQUITETURA MODERNA

No campo da Arquitetura e do Urbanismo, a historiografia segue os elementos abordados por Foucault e Veyne, mas com algumas especificidades provenientes de um campo de atuação único. A Arquitetura, diferente de outras áreas, se materializa e permanece fisicamente por décadas ou séculos, esse e outros fatos diferenciam a História da Arquitetura das demais, porque ao mesmo tempo em que é passado, também é presente. Para tratarmos sobre o assunto, abordamos a autora Marina Waisman, adicionando o recorte latino-americano que, por sua vez, possui ainda mais especificidades. Não esperamos, porém, nesse subcapítulo reescrever todos os pontos tratados por Waisman, mas sim aqueles que são possíveis de reflexão acerca da atuação das arquitetas soteropolitanas.

Ao final do subcapítulo voltamos nossa atenção para Salvador. A historiografia de Salvador por muitas vezes é invisibilizada - em relação às produções do eixo Rio Janeiro-São Paulo - o que interfere ainda mais no sombreamento da atuação feminina, afinal, se a divulgação do trabalho de arquitetos homens já era reduzida,

no caso das mulheres isso era ainda mais agravado. Sendo assim, veremos como a historiografia arquitetônica de Salvador foi construída, e seus desdobramentos ao longo dos anos.

1.2.1 Historiografia latino-americana

Não há como negar o entusiasmo que pesquisadoras tem ao iniciar a leitura do livro de Marina Waisman, intitulado: *O Interior da história. Historiografia Arquitetônica para uso de latino-americanos* (2013). A obra contribui fundamentalmente para o entendimento da Arquitetura como um campo teórico embasado em instrumentos de análise e crítica (ZEIN *apud* WAISMAN, 2013) e, ao mesmo tempo, é uma construção feminina, logo, lugar possível de ser almejado por demais mulheres.

Pois bem, Waisman traça, de forma didática, elementos essenciais para a compreensão historiográfica latino-americana a partir de conceitos e análises da escrita dos países latino-americanos. A primeira frase de Waisman que nos instigou foi: “[...] a história não é uma simples narração, é uma sucessão de juízos.” (WAISMAN, 2013, p. 3) Não é possível para um historiador escrever o fato exatamente como ele ocorreu porque ele não estava lá, não viu, não sabia as cores de todos os objetos, o cheiro, ou as falas. E mesmo que assim soubesse, é fato que é impossível escrever a história sem selecionar o que há de mais relevante, descrever de maneira que quem o lê se transportará materialmente para o ocorrido. (VEYNE, 1998) Tudo passa por uma seleção, um julgamento, diz se há valor ou não sobre algo ou alguém.

Exerce-se o juízo histórico desde o momento mesmo em que se toma a decisão de trabalhar sobre um determinado tema, isto é, desde o momento em que se define o objeto de estudo do historiador e, em seguida, exerce-se um juízo quando são escolhidos instrumentos e metodologias de análise, quando se delimita o alcance do estudo etc. etc. (WAISMAN, 2013, p.3)

O modo tradicional de se fazer história, a História Política que perdurou por séculos, começa a ser questionada pela Escola francesa de Annales e a sucessão de fatos tidos como únicos passam a não ser mais aceita como o exclusivo modo de se fazer historiografia. A forma linear como a História era descrita não cabe mais, “o protagonismo se transfere do indivíduo para o grupo social, e a narração linear se contrapõe a multiplicidade dos tempos - as durações.” (BRAUDEL *apud* WAISMAN, 2013, p. 6) Não cabe mais a linha onde se exprimem os relatos

históricos, busca-se espaço para a historicidade e para algo além do *desenvolvimento mecânico*. (WAISMAN, 2013)

Ao escrever sob um ou, na verdade, vários recortes, como por exemplo latino-americano, brasileiro, mulheres e mulheres arquitetas, busca-se evidentemente a valoração de um grupo específico diante da compreensão de uma nova realidade vivenciada na arquitetura. Sabendo que o historiador ou crítico é influenciado em sua maneira de pensar por todo um contexto de sua realidade histórica, não podendo ser assim imparcial por mais técnico que o seja, sua “[...] exigência de objetividade para o historiador deve centrar-se, portanto, na adesão à realidade em toda a sua complexidade, de modo que o recorte que, forçosamente, deverá fazer, não distorça os traços fundamentais do território onde atua.” (WAISMAN, 2013, p.52)

A parcialidade não se torna algo negativo quando deixado claro aos leitores os valores e juízos que serão abordados, sobretudo o método a ser utilizado. (WAISMAN, 2013) Reforçando novamente que os métodos historiográficos anteriores não eram, não foram e não são neutros, a História Política não descreve fatos imparciais, muito menos todos os fatos. As narrativas deverão ser múltiplas e claras para que a história seja verdadeira, ou melhor dizendo, as histórias sejam verdadeiras.

Segundo Foucault, escrever a história de maneira linear é algo prejudicial, se utilizarmos articulações no lugar de *continuidades impostas* (FOUCAULT, 2011) os resultados serão mais coerentes com a realidade histórica. A partir desse ponto, entramos na primeira especificidade da arquitetura latino-americana: a continuidade linear. A base de interpretação da arquitetura europeia se dá fundamentalmente em critérios estilísticos que não cabem à América Latina. Nela, não é possível obter um estilo padronizado, linear, coerente, ou simplesmente um estilo arquitetônico norteador. Não há como negar ao longo dos séculos a formação arquitetônica baseada em ações transculturais, “[...] que foram interpretadas, modificadas ou transformadas de acordo com circunstâncias histórico-cultural-tecnológicas locais.” (WAISMAN, 2013, p. 58) O processo de construção histórica da arquitetura dos países sul-americanos pode ser ligado muito mais a uma circunstância político-econômica para distinções de unidades históricas do que os processos estilísticos eurocêntricos. (WAISMAN, 2013)

Essa relação político-econômica com a História da Arquitetura é um dos pontos prejudiciais para a visibilidade da atuação feminina na Arquitetura Brasileira. Não só no passado, mas evidentemente ainda hoje, o desenvolvimento político-econômico do país é gerenciado majoritariamente por homens. Para comprovar isso não é necessário obter um número representativo de dados, basta analisar uma foto do parlamento com os membros regentes e os aposentados e não mais restará dúvida. Este é o um dos pontos que podemos levantar ao nos questionarmos: as mulheres foram protagonistas de grandes projetos públicos? Entre as décadas de 1930 e 1960, o período modernista teve à frente grandes nomes, em sua maioria homens, e muitos com relações diretas a cargos políticos, espaços esses não convidativos para as figuras femininas.

Outro ponto levantado por Waisman (2013, p.66) é a ausência de “[...] consolidações próprias e de imagens coerentes.” A formação do ser urbano latino-americano possui em si a impossibilidade de recordar e consolidar imagens devido a mudanças e substituições constantes em períodos de tempo curtos. Na maioria das vezes a continuidade é deixada de lado e substituída pelo moderno. O desprezo pelo passado é algo corriqueiro, o moderno e sua representação de progresso (renda, emprego, desenvolvimento) é entusiasmante, o que afeta diretamente a continuidade histórica das cidades latino-americanas. (WAISMAN, 2013, p.65)

A busca pelo moderno e a negação do passado faz com que as perdas sejam maiores na arquitetura. Para além do que já foi contextualizado por Waisman¹⁹, tal fato perpassa uma questão de gênero imprescindível: o moderno é basicamente masculino. Na construção social dos papéis, descrita por Gonçalves (2006), as mulheres têm o papel social definido como responsáveis por afazeres domésticos e o cuidado (das crianças, dos idosos e dos demais que necessitam de atenção), também a ela é atribuído a restrição do corpo e do espaço. Em contraposição, os homens são ausentes de cobranças domésticas e do cuidado (até mesmo do autocuidado) e a eles é associado a liberdade, o público, a produção, a força, o intelectual, por fim, o moderno, o progresso. Tudo isso faz com que a imagem representativa desse moderno seja vista na figura de um homem. Construção que

¹⁹ Para mais aprofundamentos visitar o livro: *O interior da história. Historiografia arquitetônica para uso latino-americanos*, primeira edição brasileira, 2013. Livro lançado originalmente em 1990, em espanhol.

prejudicou, mas não impediu, a atuação de certas arquitetas, mesmo que para isso elas tivessem que despende mais energia e esforço que os homens para alcançar o mesmo resultado.

1.2.2 Historiografia soteropolitana

Neste trabalho, a historiografia moderna brasileira, o cenário de desenvolvimento político-econômico e a construção de Salvador foram objetos de reflexão. O Modernismo inicia no Brasil com força a partir do século XX, em diversos estados é possível ver expressões historiográficas referentes ao movimento moderno, porém a escrita historiográfica brasileira evidencia apenas alguns momentos em meio a um mar de acontecimentos. Diversas narrativas são deixadas de fora da construção histórica da arquitetura e, junto a elas, produções arquitetônicas de grande valor. Os olhos da maioria dos responsáveis por narrar os fatos estavam voltados para o eixo sudeste e para a construção da capital, Brasília.

Entre elas podemos destacar Recife, que entre 1934 e 1937 teve apoio político através do governador em serviço, Carlos de Lima Cavalcante, para a realização de diversos projetos e obras lideradas pela equipe da Diretoria de Arquitetura e Construção. (ANDRADE JUNIOR, 2012)

Nesse cenário também podemos enquadrar facilmente a arquitetura produzida em Salvador-Bahia, não de forma comparativa, mas pelo entendimento de que a arquitetura produzida nesse estado teve, na Arquitetura Moderna brasileira, produções com grande valor arquitetônico e também articulações significativas em outros campos, como o Planejamento Urbano e as Artes Plásticas. (ANDRADE JUNIOR, 2012) O Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador (EPUCS) se mostra um elemento chave na produção e execução desses projetos, atendendo demandas públicas a nível municipal e governamental. Quando Diógenes Rebouças assume a direção do EPUCS, ele se torna um agente de articulação com profissionais vinculados à *escola carioca*, entre eles Roberto Burle Marx e Alcides da Rocha Miranda.

No início do século XX, até meados da década de 1940, Salvador mantinha uma linguagem arquitetônica que tinha muito presente edificações em estilos tradicionais, como as diversas variações do ecletismo e alguns exemplares da arquitetura neocolonial. (ANDRADE JUNIOR, 2012) Aos poucos a paisagem urbana

foi sendo alterada e o ar de modernização que já pairava mundialmente foi se difundindo pela cidade. No início da década de 1930 e meados da década de 1940 iniciam-se as primeiras obras arquitetônicas modernas da Bahia; um marco de 1930 é a inauguração do Elevador Lacerda. Também entram em destaque as obras:

A creche conhecida como Pupileira (1935), a Agência Central dos Correios e Telégrafos (1933-1937), a Escola Duque de Caxias (inaugurada em 1938), a sede do Instituto Cacau da Bahia (1936-1939), a Escola Normal da Bahia, atual Instituto Central de Educação Isaías Alves -ICEIA (1937-1939), a Estação de Hidroaviões (1937-1939), a Escola de Puericultura Raymundo Pereira de Magalhães (1940) e o Sanatório de Tuberculose Santa Terezinha (1937-1942), todos localizados em Salvador, e o Instituto Municipal de Ensino (1933-1939) e o Estádio (1933-1942), ambos em Ilhéus, um dos principais centros da região cacauzeira ao sul do Estado. (ANDRADE JUNIOR, 2012, p. 153)

Junto a essas obras também foram abertas grandes avenidas para passagem de bondes, implementados serviços de iluminação elétrica, esgotamento sanitário e meios de transporte mais avançados. Em paralelo, houve mudanças na paisagem urbana de Salvador e, infelizmente, também ocorreu a destruição de prédios históricos.

Nessa primeira fase da arquitetura moderna na Bahia (1930-1945), segundo Andrade Junior (2012), temos como principal arquiteto atuante Hélio Q. Duarte, que chegou a Salvador em 1936 trabalhando na filial local do Banco Hipotecário Lar Brasileiro e, posteriormente, como professor da Escola Nacional de Belas Artes-BA. O arquiteto permanece na Bahia durante oito anos, se transferindo para São Paulo em 1944. Além das obras públicas como a já citada sede do *Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose* (1942-1944) de autoria de Hélio Q. Duarte, também foram realizadas obras privadas que mereceram destaque, entre elas os primeiros edifícios residenciais: *Dourado* (1936-1938), *Edifício Gordilho* (1938) e *Edifício Oceania* (1932-1944). Entre os três, o último causou um enorme impacto na cidade devido a sua escala e sua localização (em frente ao Forte de Santo Antônio da Barra).

Figura 1– Edifício Oceania, em Salvador, projeto do escritório Freire & Sodré.



Fonte: SEGAWA, 1998 apud JUNIOR, 2012, p. 91.

No final de 1942 é assinado um contrato entre o EPUCS e a Prefeitura, a atuação do escritório se dá por direção do engenheiro sanitarista Mário Leal Ferreira, que teve como escolha Diógenes Rebouças como um dos principais colaboradores. Diógenes era formado em engenharia agrônoma e também pintor e arquiteto autodidata. Mário Leal atua de 1942 até sua morte, em 1947, onde Rebouças, que antes assumia o papel de planejador físico e paisagístico do plano, passa a ser coordenador geral. Além de Rebouças, também atuaram arquitetos formados na Escola Nacional de Belas Artes - BA, entre eles: Paulo Antunes Ribeiro, Hélio Duarte, Alcides da Rocha Miranda, José de Souza Reis, Jorge Machado Moreira, Hélio Uchôa Cavalcanti, Álvaro Vital Brazil e Flávio Amílcar Régis do Nascimento, todos formados entre 1926 e 1934. (ANDRADE JUNIOR, 2012) Entre as décadas de 1930 e 1940, Salvador passa por diversas transformações, saindo de uma base econômica sustentada pela produção de cacau para um processo de industrialização. Foram abertas duas importantes bases, as refinarias de petróleo, a primeira do Brasil em Mataripe - Recôncavo Baiano, e a hidroelétrica

de Paulo Afonso, localizada mais ao sertão da Bahia, na divisa entre Alagoas e Pernambuco. Nenhuma delas diretamente em território pertencente a Salvador, mas todos influenciadores de seu desenvolvimento econômico e, mais que isso, uma visão de redemocratização diante dos atrasos e a esperança de um futuro progressista. Para a Arquitetura Moderna isso significava a construção de novos projetos que trariam o futuro moderno. Além disso, a Arte Moderna também se consolidava na Bahia através de diversos artistas locais como Mário Cravo Júnior, Carlos Bastos, Genaro de Carvalho e Maria Célia Amado²⁰.

Diante de todas essas obras e sujeitos citados e da variedade ainda mais ampla traduzida em forma da tese de doutorado de Andrade Junior (2012), o questionamento sobre a invisibilidade historiográfica baiana se torna inevitável, afinal o que levou ao apagamento da Bahia e demais estados fora do eixo Sudeste? Ainda na defesa de Andrade Junior, é possível ter esse questionamento ponderado em algumas instâncias, a primeira delas a concentração de produções de profissionais e escritórios sediados no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde também se concentravam as decisões políticas e econômicas do país. Nesses dois estados, e em Belo Horizonte, existiam cursos de formação para arquitetos já estruturados e regularizados. Em Porto Alegre, Recife e Salvador os cursos existiam, porém, ainda não eram regularizados, isso só ocorre a partir de 1940 e início de 1950. Nessas escolas havia uma grande concentração da produção acadêmica: livros, teses, dissertações, artigos, seminários, etc. Conformava-se uma rede de comunicação e difusão de produções arquitetônicas locais, afinal se tem muito mais propriedade ao escrever algo que se tem próximo. (ANDRADE JUNIOR, 2012) Outro exemplo de debate entorno dessa centralidade é o artigo produzido pelo professor José Carlos Huapaya Espinoza, *“Nordeste selvagem e acolhedor”: o olhar carioca, paulista e mineiro sobre a arquitetura moderna nordestina através das revistas especializadas,*

²⁰ Maria Célia Amado, nascida em Salvador e vinda de uma família com grande aquisição financeira, residia no bairro da Graça e estudou no Instituto Feminino onde se diplomou contadora. cursou a Escola de Belas Artes – EBA, diplomando-se em 1941. Em 1946, após prestar concurso para docência, realiza aulas de Desenho Figurado II, atua como professora daquela disciplina no Curso Anexo da Escola de Belas Artes e, a partir de 21 de março de 1949, regendo Desenho Artístico – primeira cadeira, no curso de Arquitetura, que ainda funcionava na EBA. Em suas obras e também como professora implementa a técnica de colagem, sendo provavelmente a primeira artista a utilizar a técnica em Salvador. Participou de exposições (a primeira individual foi em 1950, em Salvador), mas o marco de sua carreira talvez seja, a pintura do mural para o Centro Educacional Carneiro Ribeiro que deu grande visibilidade a carreira da artista e para além de uma ilustre artista e professora, Maria Célia também foi poetisa. (Dicionário Manuel Querino de Arte na Bahia, 2014).

1950-1970 (2014)²¹, que através de análise bibliográfica referencial (nos livros: *Brazil Builds* (1944), *Arquitetura Brasileira* (1979), *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (1981), *Quando o Brasil era Moderno*, *Arquitetura moderna brasileira* (1982), *Quando o Brasil era Moderno. Guia de Arquitetura 1928- 1960* (2001), *Arquiteturas no Brasil 1900-1990* (1998), *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (1981), *Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade* (2007) e *Brasil arquiteturas após 1950* (2011)) expõe como predominantemente a história da arquitetura e do urbanismo é narrada com enfoque em produções do Sudeste e de Brasília; tratando os relatos existentes nessas obras pertencentes as regiões Norte e Nordeste como algo isolado. (HUAPAYA ESPINOZA, 2014) Em contrapartida, a esse panorama são apresentados os conteúdos de três revistas especializadas: *Acrópole*, *Arquitetura e Engenharia* e *Módulo*, deixando nítido

“[...] que as obras realizadas por arquitetos e engenheiros no Nordeste compõem um conjunto rico e diversificado de experiências, o que caracteriza a região como um importante pólo de experimentação, aplicação e adaptação da arquitetura moderna, como pôde ser notado a partir dos casos ilustrados. Dentre esses profissionais, destacam-se a arquiteta Lygia Fernandes, os arquitetos Rubens Carneiro Vianna, Ricardo Sievers, Gilberbet Chaves, e os engenheiros Jorge dos Santos Pereira e Antônio Rebouças (irmão de Diógenes Rebouças). (HUAPAYA ESPINOZA, 2014)

Hoje sabemos que em paralelo a essas construções do eixo São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Brasília, outras obras arquitetônicas de igual relevância também estavam presentes nas demais regiões do Brasil, mas passaram despercebidas diante do olhar paulista, carioca e mineiro.

Por fim, o olhar carioca, paulista e mineiro sobre a arquitetura moderna nordestina foi construído, grosso modo, a partir da obra de arquitetos locais que mantinham estreita relação com profissionais desses estados ou haviam realizado estudos neles e por arquitetos estrangeiros ou desses estados que haviam migrado para o Nordeste. Como exemplo do primeiro caso, destacamos a atuação da arquiteta maranhense Lygia Fernandes, do arquiteto baiano José Bina Fonyat Filho e, dos arquitetos pernambucanos Florismundo Lins e Heleny Lins, todos eles formados no Rio de Janeiro, além de Diógenes Rebouças, que teve relação com o grupo carioca. Já no segundo, podemos mencionar os casos dos arquitetos estrangeiros Delfim Amorim, Mario Russo, do arquiteto carioca Paulo Antunes de Ribeiro e do arquiteto mineiro Frank Svensson. (HUAPAYA ESPINOZA, 2014)

Paul Veyne (2008, p.42-45) observou que ‘toda historiografia é subjetiva’ e limitada à ‘fatia de vida que o historiador isolou segundo sua conveniência’, logo

²¹ Artigo divulgado no 5º Seminário DOCOMOMO Norte/Nordeste: *Projeto, obra, uso e memória. A intervenção no patrimônio arquitetônico modernista* - Fortaleza, 2014.

toda história corresponde a uma seleção e é, portanto, excludente e incluyente ao mesmo tempo.” (ANDRADE JUNIOR, 2012, p.142) O que podemos evidenciar até o presente momento é que Salvador, assim como seus arquitetos e suas obras²², foi pouco evidenciado nas *tramas narrativas* que consagraram o período moderno. (FOUCAULT, 2011)

1.3 MULHERES NA ARQUITETURA MODERNA SOTEROPOLITANA E A CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

É possível acessar facilmente materiais que esquematizam os projetos construídos em Salvador, entre eles os principais são do núcleo Docomomo_Ba.Se, ativo desde de 1992, quando é fundado o Docomomo_Brasil junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. No arquivo disponível em plataforma online²³ é possível ter acesso a 58 obras de arquitetura moderna na capital baiana, construídas entre os anos de 1930 a 1970. O guia foi formulado por diversos profissionais, sendo revisado e atualizado entre 1997 e 2013. Desses projetos, apenas um tem como responsável uma figura feminina: o Solar do Unhão é obra realizada pela arquiteta já consagrada, Lina Bo Bardi. Ela chega a Salvador em 1958 a pedido do governador Juracy Magalhães, e também recebe o convite de Diógenes Rebouças para lecionar a matéria *Teoria da Arquitetura* no curso de Arquitetura da EBA-BA. (ANDRADE JUNIOR, 2012, p.272) As primeiras atuações da arquiteta foram no Teatro Castro Alves (TCA), o prédio havia passado por um incêndio em julho de 1958, o que o deixou em ruínas. Ela então decide incorporar as ruínas e as marcas do incêndio como elemento significativo e estrutural para sua intervenção, configurando integralmente o espaço do teatro. (LEONELLI, 2011) No mesmo período a arquiteta realiza uma das obras mais importantes de sua autoria no país, o Museu de Arte Popular (MAP), no já mencionado antigo Solar do Unhão²⁴. Na reforma, é mantida a maior parte da estrutura, sendo demolido apenas um elemento para criação de uma praça, e é

²² Obras publicadas a partir de 1940, com *Brazil Builds*, periódicos especializados publicados no Brasil e no exterior, entre 1930 e 1970, Exposições Internacionais de Arquitetura (EIA) e bienais de arte em São Paulo. (ANDRADE JUNIOR, 2012)

²³ Site disponível em: <<http://www.docomomobahia.org/guia01.php?map=1>>. Acesso em: 20 maio, 2019.

²⁴ Hoje o Solar do Unhão é a sede do Museu de Arte Moderna da Bahia e mantém seu funcionamento como um equipamento cultural importante da cidade.

possível ver as marcas de Lina nos espaços amplos e em seus elementos vermelhos. Em ambas as obras citadas, a autora deixa nítida sua forma de atuação muito ligada a um pensamento cultural e político. São espaços para serem públicos, com o maior aproveitamento do natural e do humano, formas e linhas com composições que dialogam e, para além disso, espaços destinados ao reconhecimento do Nordeste como centro produtor de diversas manifestações e manufaturas. Com o Golpe Militar, a arquiteta volta para São Paulo e diminui consideravelmente sua produção arquitetônica. Com o fim do Regime Militar, na década 1980, é convidada pelo prefeito Mário Kértész a realizar um plano de recuperação do Centro Histórico de Salvador, voltando a atuar no estado e realizando ainda mais projetos em um trajeto urbano preocupado com o social. Efetuou intervenções em diversas áreas, entre elas a região do Centro Histórico, a Casa do Benin, a Casa do Olodum, a Ladeira da Misericórdia, o Teatro Gregório de Mattos e o Belvedere da Sé. (BIERRENBACH; ROSSETTI, 2014)

Sem dúvidas, entre os projetos produzidos por mulheres, Lina Bo Bardi é a única que, em Salvador, deu visibilidade regional, nacional e internacional às mulheres. O nome de Lina é o único nome feminino que aparece em um contexto formado por homens *representantes* da construção da arquitetura moderna brasileira. Não podemos deixar de pontuar que Lina Bo Bardi era italiana, nascida em Roma, onde se formou em Arquitetura pela Universidade de Roma, e que veio para o Brasil no ano de 1946, após ter se casado com o crítico de arte e jornalista Pietro Maria Bardi. A genialidade de Lina é inquestionável, porém é importante discutirmos o porquê de serem dadas oportunidades a ela que não eram oferecidas a outras mulheres da época. A arquiteta estava inserida no eixo sul-sudeste do país e era, como já mencionamos, casada com um influenciador das artes na época – Pietro Maria Bardi -, que, inclusive, foi um dos responsáveis pela criação do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Para além dos pontos citados, Lina chega ao Brasil já com bagagem profissional, na Itália ela possuía alguma notoriedade, chegando a ter escritório próprio, além de ser colaboradora com Gio Ponti na revista *Lo Stile – nella casa e nell’arrendamento* e também atuar nas revistas *Grazia*, *Belleza*, *Vetrina* e *L’illustrazione Italiana*; em 1946 funda a revista semanal *A cultura della vita* junto

ao arquiteto Bruno Zevi²⁵. Todos esses elementos foram essenciais para a construção de sua carreira e a visibilidade que ela obteve enquanto arquiteta.

Apesar da grande frustração pela ausência de mais mulheres nas pesquisas desenvolvidas anteriormente, não podemos ignorar o contexto e os motivos que causam essa carência nas narrativas. O principal dos motivos é a própria trajetória histórica percorrida por elas. O rompimento com anos de desigualdade é um desafio que vêm sendo encarado por diversas mulheres em todas as áreas de atuação no mundo, porém está longe de ser algo fácil. Podemos nos dar conta disso vendo o processo histórico que ainda traçamos para superar a desigualdade na arquitetura.

Outro motivo para a invisibilidade é a falta de acesso da época a certo conhecimento. Segundo Foucault (2011), o conhecimento pode sofrer intervenções de seus detentores, tornando-se algo seletivo, logo, um conteúdo pode ser acessível ou excludente, funcionando como um filtro que pode modificar ou ocultar os discursos, podendo causar controle e passividade mesmo quando lhes atinge de forma negativa. Em relação ao conhecimento inacessível, pensado para ser assim, é nosso dever buscar a democratização do mesmo, sobretudo para as mulheres. A retomada de uma consciência crítica trará à sociedade um autoconhecimento sobre seu papel social enquanto compatível e não reprodutor de qualquer que seja a opressão. Porém, na época, essa conscientização ainda era algo muito distante, o que dificultava as mulheres a se colocarem como agentes protagonistas da arquitetura.

²⁵ Fonte: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, disponível em: http://institutobardi.com.br/?page_id=87. Acesso: 20 fev. 2020.

2 MULHERES NO CURSO DE ARQUITETURA EM SALVADOR: FEMINISMO E ESPAÇO PÚBLICO

Não há dúvida da importância do papel do movimento feminista de Salvador para a emancipação dos direitos das mulheres de classes privilegiadas, que formavam apenas uma parcela pequena do total das mulheres soteropolitanas, em sua maioria, negras e pobres. (LEITE, 2001) Ao refletirmos sobre a inserção e atuação das mulheres ricas e de classe média no meio acadêmico e profissional, tendo como conhecimento a presença do movimento feminista na Bahia, esperava-se que o mesmo tivesse alguma relação com esse processo. Por isso, criou-se a hipótese de que a inserção das mulheres na Escola de Arquitetura de Salvador tivesse influência direta do movimento feminista da cidade, visto que ambos ocorreram no mesmo recorte temporal e eram ingressantes do curso, majoritariamente, moças de classe média/alta, o mesmo ciclo social das mulheres que integravam o movimento feminista da época. Buscou-se então compreender o Feminismo na Bahia entre as décadas de 1930 e 1960 e, após essa análise, concluiu-se que esse não seria um dos aspectos influenciadores principais. Haveria outras influências mais relevantes para esse processo, como o próprio processo de urbanização de Salvador e a apropriação que as mulheres de classe privilegiada tiveram do espaço público em seus cotidianos. Assim como ocorreu na pesquisa, veremos as três etapas que nos levaram a essas conclusões: a história do feminismo na Bahia (com uma breve introdução ao feminismo no Brasil); a vida cotidiana das soteropolitanas, seus direitos e deveres para com a sociedade; e por fim, o acesso ao espaço público como meio libertador do meio doméstico e as oportunidades provenientes desse acesso.

2.1 CONTEXTUALIZANDO: FEMINISMO NO BRASIL

A partir do século XIX o posicionamento das mulheres brancas e em ascensão social começa a se movimentar de forma significativa, deixando de lado a passividade a qual estavam submetidas durante longos anos de história. No Brasil, um grande precursor dessas mudanças foi o movimento feminista, paralelo às grandes transformações promovidas a partir de uma nova demanda capitalista, uma nova formação social, econômica e urbanística focada na modernização das

principais capitais do país²⁶. (ALMEIDA, 1986) O movimento feminista a qual nos referimos é um entre os distintos *feminismos* que atendiam diferentes formas de desigualdade; é comum na historiografia ver esse feminismo como único e universal, “simplesmente distinguido pelas suas épocas, como o feminismo de primeira e segunda onda, sem grandes aprofundamentos em suas teorias e divergências.” (ALVES, 2019, p.30)

Neste sentido, a filósofa bell hooks (2018) no capítulo Luta de Classe Feminista de seu livro Feminismo é para todo mundo, critica o movimento feminista branco, principalmente em sua segunda onda, na sua história como endossador do poder patriarcal e capitalista que escraviza a todas as mulheres. Ela ressalta, que enquanto as mulheres brancas reivindicavam o mercado de trabalho e o ingresso ao mundo público, as mulheres operárias e as mulheres negras já estavam nestes âmbitos e não os viam como meios solucionadores para suas opressões, que continuavam (ALVES, 2019, p.30).

Não iremos nos aprofundar na distinção entre os debates interseccionais que perpassam as relações de gênero, mesmo assim não devemos esquecer dos diferentes feminismos e, de forma equivocada, entender que a vivência do movimento era equivalente para todas as mulheres (ALVES, 2019).

Focando em nosso recorte, o movimento Feminista Ocidental surge por volta do século XIX, mas ganha uma grande expressividade na década de 1960, principalmente nos países considerados grandes potências capitalistas, como a Inglaterra e os Estados Unidos. No início do século XX já se perpetuavam, de forma mais ampla, duas correntes representativas: as sufragistas e a socialista. (ALMEIDA, 1986)

As sufragistas, com base no movimento americano e inglês, cuja proposta se caracterizava por um conjunto de reformas na esfera jurídica, a serem conseguidas nos marcos do próprio sistema capitalista; e a socialista, que, atribuindo a origem da opressão feminina ao surgimento da propriedade privada e da sociedade de classes, condicionava a emancipação da mulher à abolição das classes via socialismo. (ALMEIDA, 1986, p.10)

As mulheres cariocas, mineiras e paulistas, a partir de meados do século XIX, influenciadas principalmente pela corrente sufragista, começam a se organizar; neste período surge a imprensa feminina no estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo; e, posteriormente, o debate se espalha para Pernambuco e Rio Grande do Sul. (ALMEIDA, 1986, p. 11) Em 1891 há uma primeira tentativa de

²⁶ A representação de uma cidade moderniza em Salvador, perpassava sobre tudo, uma visão europeia, buscando reproduzir não apenas a arquitetura, as ruas, mas também a cultura e os hábitos europeus (ARAÚJO, 2004).

reivindicação pelo voto, porém esta é fracassada e se perdura por mais 40 anos, quando, em 1932, através de Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro, instituído no Código Eleitoral Brasileiro, é validado o voto feminino e as mulheres podem, finalmente, exercer tal direito. (ALMEIDA, 1986, p. 11)

Segundo Almeida (1986, p.10), é no início do século XX que ocorre de fato um movimento organizado no Brasil. Em nove de agosto de 1922 é fundada, no Rio de Janeiro, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderada e composta majoritariamente por mulheres de classe média. A principal figura de liderança era Bertha Luz, que “[...] teve grande mérito de levantar a bandeira do feminismo organizado no Brasil.” (PORTINHO; ANDRADE, 1999, p.43), mulher brilhante e independente, foi responsável por difundir e defender os direitos das mulheres no Brasil e internacionalmente. Em seu caminho aproximou outras mulheres para o movimento, entre elas Carmem Portinho, figura importante no meio da construção civil. Responsável pelo Departamento de Habitação Popular do Rio de Janeiro, propõe a construção de conjuntos habitacionais, entre os mais importantes: o conjunto residencial ‘Pedregulho’ (1948) e o da Gávea (1952).²⁷ (PORTINHO; ANDRADE, 1999) Em 1937, Portinho criou a Associação Brasileira de Engenheiras e Arquitetas (ABEA).

Na ocasião, a ABEA foi a única entidade profissional de classe composta exclusivamente de mulheres. Desenvolveu-se entre as associadas o espírito de cooperação, procurando abrir caminhos mais fáceis para futuras profissionais, criando ambientes, assegurando direitos e demolindo preconceitos. As profissionais da engenharia e arquitetura, no correr de todos estes anos, vêm atuando com sucesso e entusiasmo. (PORTINHO; ANDRADE, 1999, p. 60)

Carmem Portinho se dedicou de fato as reivindicações feministas, tanto na área da construção civil, quanto nos direitos políticos e sociais, afinal tudo estava atrelado ao modo como as mulheres ainda eram vistas pela sociedade, segundo a mesma: “[...] no início deste século, quando nasci, as mulheres tinham os mesmos direitos de um animal, não tinham sequer a quem recorrer quando sofriam agressões masculinas, fossem dos maridos ou dos seus companheiros.” (PORTINHO; ANDRADE, 1999, p. 61). Para romper com a desigualdade as feministas da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino tinha como principal

²⁷ Para mais aprofundamentos sobre a vida e os muitos projetos de Carmem Portinho, buscar o livro *Por toda minha vida* (1999) de Carmem Portinho e Geraldo Edson de Andrade.

objetivo a conquista de direitos políticos e o voto, carro chefe de campanha, era o meio pelo qual objetivavam conquistar as demais pautas que faziam parte de um conjunto de reformas na legislação civil e trabalhista. Apesar disso, mantinham suas colunas apoiadas em hierarquias, seguindo religiosamente deliberações primeiramente do centro-sul, que por sua vez seguiam padrões norte-americanos. (ALMEIDA, 1986, p.10)

2.2 INFLUÊNCIAS DO FEMINISMO NA BAHIA

No que diz respeito à história do feminismo na Bahia, teremos aspectos semelhantes ao perfil nacional: a maioria dos membros eram mulheres da elite e da classe média, tendo como ápice de campanha o sufrágio feminino. No estado, o feminismo se desenvolve a partir de 1931, com a fundação da filial da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, tendo como presidente Edith Mendes Gama Abreu. O objetivo da organização era estimular a sociabilidade entre os membros, havia uma divisão hierárquica entre as organizações, e sendo o núcleo de Salvador uma filial da sede, localizada no Rio de Janeiro, as soteropolitanas recebiam direcionamentos e isso não era visto como algo negativo, ao contrário, elas desejavam esses direcionamentos e os requisitavam. (ALMEIDA, 1986)

Figura 2- Feministas baianas reunidas, ~1930-1940²⁸.



Fonte: ALMEIDA (1986, p.8).

²⁸ Figura retirado da dissertação de mestrado: *Feminismo na Bahia -1930-1950* (1986), de Maria Amélia Ferreira de Almeida, não há informações sobre o local e a data exata da foto.

Pela Federação ocorriam encontros mensais e sessões solenes, como o aniversário da filial. Das primeiras reuniões “[...] constavam assuntos administrativos, votos de louvor e pesar, e medidas práticas para o encaminhamento das atividades. Muito pouco se refletia sobre a condição da mulher e seus problemas.” (ALMEIDA, 1986, p. 30) Figura muito representativa nesse momento é Amélia Rodrigues, educadora, escritora e poetisa, se identifica com a causa das feministas centro-sul. Ela reconhecia a desigualdade vivenciada pelas mulheres ao longo dos séculos, era apoiadora da atuação feminina na educação, religião e assistência social, porém contra qualquer cunho feminista que não reconhecia a mulher como detentora do lar e da família. Representava um grande paradoxo: atuando “na esfera pública, pregava a permanência passiva de suas companheiras de sexo na esfera privada do lar. Investida de representatividade enquanto intelectual, reproduzia a ideologia patriarcal conservadora.” (ALMEIDA, 1986, p.19) Contudo, não há como negar seu pioneirismo na década de 1930 na cidade de Salvador, falando singularmente enquanto mulher e de mulheres. (ALMEIDA, 1986) O movimento perdurou até a década de 1940, sendo que em 1945 explicitamente ocorria grande desânimo por parte da presidenta, Edith Gama Abreu.

O que se pode concluir, segundo Almeida (1986), por esse curto prazo de atuação e em relação à participação das mulheres baianas no movimento feminista, é o fato de que não ocorrem grandes mudanças na condição de vida delas. Ou seja, mesmo existindo alguma movimentação, a Bahia, assim como os demais estados do Nordeste, mantinha o passado de dominação com perfil colonial-escravista que perpassava também as relações homem/mulher, mantendo a segunda alheia às próprias condições²⁹. “[...] Sem dúvida, em algum momento essas mulheres e ideias trouxeram um referencial de novo, da possibilidade de ser e fazer diferente, talvez um prenúncio de dias melhores para suas monótonas e encerradas vidas.” (ALMEIDA, 1986, p.37)

²⁹ Em exemplo disso, são os estudos de Costa (1998), que ao investigar a participação das mulheres no meio político chega à conclusão de que apesar de alguma atuação de mulheres na política baiana, elas se tratavam apenas de peças em meio ao jogo das estruturas oligárquicas de poder do Estado. Mesmo em cargos de representação política, as mulheres atendiam um modelo de participação feminina voltado aos interesses de seu grupo político/ familiar, “sua participação na esfera pública não rompe com as velhas estruturas patriarcais que as mantêm subjugadas, mas, ao contrário, são reforçadas com esses novos papéis que lhes são incorporados.” (COSTA, 1998, p.175)

O discurso da autora é realista com o fato de não ocorrerem transformações e impactos substanciais na vida das mulheres baianas, mas o movimento feminista baiano teve algumas questões sutis que proporcionam um contato entre as mulheres que dificilmente ocorreria em outro contexto devido à restrição ao espaço privado no qual as mulheres de classe média/alta viviam. Novamente, aqui, ressalta-se o recorte de classe e cor existentes, já que outro grupo de mulheres, em sua maioria negras, necessitavam do trabalho para sua sobrevivência e, portanto, já estavam inseridas no espaço público há tempos³⁰. Um exemplo desse contato ou movimento são as aulas realizadas pela Federação, que mesmo voltadas para questões da culinária e dotes ditos femininos, mantinham as mulheres próximas e em diálogo. As limitações hierárquica e social foram os dois elementos mais prejudiciais para um possível avanço de cunho mais revolucionário, e obviamente não foram ao acaso, havia de fato um medo de que uma abertura levasse o movimento para um caminho não desejado. (ALMEIDA, 1986) No trabalho de Almeida (1986), existem diversas falas das integrantes feministas onde é nítido o posicionamento de *mulheres de família, nobres, da elite, de moral cristã*; outro ponto importante é o fato de que as mesmas mulheres que inauguram o movimento, permaneceram como lideranças até o fim porque não havia abertura para uma nova geração, tamanho engessamento das estruturas. (ALMEIDA 1986, p. 56)

Não foi identificado nenhum material que apontasse estudantes ou arquitetas que tiveram aproximação com o movimento feminista, tampouco se pode precipitadamente indicar que esse movimento influenciou as mulheres a se inserirem no curso de arquitetura, na época ainda majoritariamente masculino. O que se compreende é que havia o fomento de ideias de uma nova estrutura de sociedade, onde as novas ideias e o progresso físico e intelectual colocava as mulheres para fora do espaço privado. Partiremos agora para mais uma compreensão, relacionada ao cotidiano das mulheres de forma geral.

2.3 O COTIDIANO DAS SOTEROPOLITANAS: CASA, TRABALHO, EDUCAÇÃO

O cotidiano das mulheres de classe média e alta entre os anos 1920 e 1940 era composto de um manual de regras sociais que deveria ser cumprido pelas

³⁰ Para um aprofundamento maior sobre a questão ver a autora Ângela Davis, em; *Mulheres, raça e classe* (2016 [1981]) e bell hooks em *Não sou eu uma mulher?* (1981).

mesmas; responsáveis por manter a reputação e a moral da família, elas tinham que seguir as regras culturalmente impostas. (ALMEIDA, 1986) Ao sair, deveriam sempre estar acompanhadas; quando precisavam estudar, era necessário que uma empregada ou algum parente as acompanhasse durante o trajeto, pois mulher honrada não andava sozinha; fazer compras ou trabalhar fora (mesmo por necessidade), não era bem visto. (ALMEIDA, 1986) As mulheres que trabalhavam tinham obrigatoriamente que sair com a farda - o fardamento as identificava e justificava suas saídas -, sobretudo para mulheres que trabalhassem durante a noite (parteiras, telefonistas, etc.); assim, mesmo que não fosse o ideal, elas não eram confundidas com “mulheres imorais”. (ALMEIDA, 1986)

Mulheres que trabalhavam em setores públicos também não eram bem vistas porque tinham contato muito próximo com homens. Em 1920 as mulheres ocupavam 73,3% do magistério da Bahia e no ensino municipal da capital representavam 81,73% do corpo docente. (COSTA; CONCEIÇÃO, 2001) As professoras necessitavam manter uma postura firme, filtrar muito bem suas palavras e serem muito discretas em relação as suas particularidades; porém, era uma “[...] profissão considerada mais adequada para as mulheres, em perfeita sintonia com os estereótipos femininos dominantes e todos os limites impostos por uma moral patriarcal.” (COSTA; CONCEIÇÃO, 2001, p. 121)

Não podemos esquecer que a entrada massiva de mulheres no magistério veio acompanhada de um processo crescente de desvalorização salarial e de perda de prestígio. Essa é uma prática comum em todas as profissões que passam por um processo de feminização. Certamente, o descaso com as condições de trabalho, os baixos salários e os constantes atrasos no pagamento estavam vinculados a uma ideologia patriarcal que via e tratava o trabalho feminino como complementar. (COSTA; CONCEIÇÃO, 2001, p. 121)

Mulheres solteiras morando sozinhas causavam estranheza e poderiam sofrer assédios verbais, como convites indesejados e de conduta duvidosa. Para elas, as solteiras da década de 1920, os passeios se restringiam a idas ao cinema com amigas, voltas no Campo Grande e na Rua Chile, enquanto as casadas saíam acompanhadas do marido para festas, aniversários, recepções e espetáculos (ALMEIDA, 1986); elas representavam, em meio as “intervenções modernizadoras materializadas no longo processo de ‘europeização’ que alcançou ruas, praças e edificações na cidade, transformaram o espaço público que passa a ser cenário de novas práticas sociais” (ARAÚJO, 2004, p.115, *apud* ALVES, 2019, p. 70) o modelo

da “nova mulher”, filha quando solteira e esposa quando casada, acima de qualquer outro título. (ALVES, 2019)

O namoro era algo muito controlado devido ao medo da desonra da família. A principal comunicação era através de cartas e, quando presencial, andar de mãos dadas já era algo audacioso. (ALMEIDA, 1986) Com a chegada da década de 40 ocorreram algumas mudanças nas relações sociais que trouxeram mais liberdades para as mulheres, porém o espaço doméstico ainda se mantinha como um grande limitador; as aulas de piano, música, poesia e costura ajudavam a passar o tempo e preencher o vazio que permanecia durante o cotidiano doméstico. (ALMEIDA, 1986)

No que diz respeito à educação na Bahia, o modelo educacional predominante era o Humanista Tradicional, “[...] focado numa base essencialista do ser humano, ou seja, na premissa de que existe uma natureza humana única, cabendo à educação – incluindo-se aí os métodos de ensino, o material didático e a relação professor/ aluno — proporcionar o desabrochar dessa essência.” (SARDENBERG; VANIN; ARAS, 2001, p.11) Em 1920, “[...] apenas 52% das mulheres sabiam ler e escrever, enquanto que para os homens esse percentual era de 60%.” (COSTA; CONCEIÇÃO, 2001, p.121)

Assim como as demais escolas do país, acreditava-se em uma educação com diferenças a serem adotadas para cada sexo, era entendido que as mulheres e os homens tinham diferenças naturais que determinavam o tipo mais adequado de profissão a ser seguido; para as mulheres, o mais comum eram atividades manuais que auxiliassem na sua função de mãe, esposa, dona do lar. Na década de 1930, existia na capital um número significativo de instituições públicas (Ginásio da Bahia, Instituto Bahiano de Ensino, Colégios São Salvador e Carneiro Ribeiro, etc.), e havia também algumas de cunho profissionalizante, como o Instituto Normal da Bahia. (ALMEIDA, 1986) Já no âmbito privado, a elite preferia não deixar, em especial suas filhas, sob *influências* indesejadas, buscando assim alternativas educacionais seletivas. (ALMEIDA, 1986) Nesse sentido, Almeida (1986) identifica quatro instituições: Escola Comercial Feminina, fundada em 1923 por Henriqueta Martins Catharino e Monsenhor Flaviano Catharino, membros da elite local; o Instituto Feminino da Bahia e as escolas de ordens religiosas: a Casa de Música e a

Academia Remington de datilografia, as duas últimas com função de profissionalização feminina. (ALMEIDA, 1986)

Até a década de 1930 era comum que as mulheres fossem alfabetizadas e educadas, de maneira geral, no espaço doméstico, sendo essa tarefa normalmente era de responsabilidade materna. (ALMEIDA, 1986) Conhecimentos mais específicos como língua estrangeira, literatura e música eram ensinados por profissionais europeus, muito frequentes na época; desse cenário surgem as primeiras profissionais de nível superior; por volta de 1879 a 1893, elas³¹ começam a frequentar os cursos de medicina, direito e engenharia, antes disponíveis somente aos homens. (ALMEIDA, 1986)

As mulheres que há muito já ocupavam o espaço extra doméstico, ou seja, as de classes populares, atuavam como ganhadeiras, quitadeiras, vendedoras, rendeiras, lavadeiras ou amas-de-leite, assim garantiam a sobrevivência e o sustento das despesas de casa.” (LEITE, 2001) Em meio a um contexto escravista que deixa nítido seu poder de exclusão, “construíram o seu cotidiano a partir de uma rede de solidariedades, que lhes permitia compartilhar uma cultura própria.” (LEITE, 2001, p.90) Em números, Salvador em 1920 tinha uma população de 283.422 habitantes, com mais da metade (53%) de mulheres;

Segundo dados estatísticos analisados por Almeida, nesse período a população feminina estava assim distribuída: 1% na agricultura e pecuária; 17% estava na indústria sendo que a maior concentração de operárias se dava na indústria de vestuário e tocador (85% da mão de obra); 3% no setor terciário (transporte, comércio, força pública, administração, profissões liberais e em especial no magistério); 8,5% no serviço doméstico e 70% em profissões mal definidas. (COSTA; CONCEIÇÃO, 2001, p.121)

Como podemos observar, em Salvador o trabalho feminino era, no que diz respeito às *atividades produtivas*, (ALMEIDA, 1986, p.47) irrelevante em relação ao contexto da cidade, isso irá ocorrer durante todo o início do século XX e só se modifica a partir de 1940, com os estímulos do desenvolvimento das relações capitalistas e seu processo de urbanização. (ALMEIDA, 1986) Predominou entre as mulheres o trabalho doméstico, sobretudo o de caráter não remunerado, trabalho

³¹ Entre as pioneiras, formadas entre 1879 e 1893: Balbina Rosa de Souza (dentista pela Faculdade de Medicina), Amélia Pedrosa Benegien, Amélia de Perouse Pontes e Francisca Prager Frões, ambas doutoras em ciências médico-cirúrgicas e por fim, em 1911, Marietta Guimarães titulada bacharel pela Faculdade de Direito (ALMEIDA, 1986, p.50).

esse que as mulheres privilegiadas estavam isentas, administrando apenas tarefas domésticas mais sutis, como delegar os afazeres do dia a dia a seus empregados, e acompanhar a educação de seus filhos. (ALMEIDA, 1986) A maioria dos afazeres que as mulheres exerciam seguia a norma social de prestar serviço ao outro, papéis os quais

[...]operam no sentido de as mulheres só se considerarem importantes quando a serviço dos outros. Pior ainda, a acreditarem que são felizes e livres porque os outros dependem delas, situação onde há a inversão da realidade, a perda da consciência e da autonomia. (PASSOS, 2001, p.106)

As mesmas, em sua maioria, não exerciam nenhuma profissão, e se dedicavam a obras beneficentes e assistenciais. As que demonstravam interesse em atuar em alguma carreira de ensino superior se direcionaram ao magistério primário ou ao comércio lojista; além disso, também havia o estudo de *Letras*, profissão cultivada pelas mulheres da época de uma forma mais acessível. (LEITE, 2001, p.90) Escrever e ler não necessitava fisicamente de exposição ao espaço público, o que trazia conforto e aceitação por parte da família. Segundo Almeida (1986) algumas mulheres, porém, romperam com a lógica estipulada e atuaram na capital: Edith Mendes Gama Abreu, professora universitária, escritora, membro da Academia de Letras da Bahia e presidente vitalícia da *Federação Bahiana pelo Progresso Feminino*; Maria Luíza Bittencourt, advogada, formou-se em 1931, atuou como um dos membros principais na Federação fazendo diversas viagens de articulação ao movimento, mulher à frente a seu tempo, tinha relações próximas também com a política; Marieta de Passo Cunha, casada com o prefeito Arnaldo Pimenta Cunha, frequentava o meio político a cargo do marido, assim estabeleceu relações com Bertha Lutz, que junto a Maria Luiza Bittencourt, acendeu sua chama para o feminismo, o que lhe fez atentar à causa e permanecer no movimento durante o tempo que este durou; Laurentina Pugas Tavares, professora de matemática no Instituto Normal, foi também vereadora em 1935, exercendo mais dois mandatos na Câmara Municipal, provavelmente seu envolvimento político veio por parte de seu pai, prefeito de Nazaré das Farinhas; Carmem Germano Costa atuou como dentista, tinha como principal reivindicação a educação das mulheres, que, segundo ela, era o que as mantinha em uma posição inferior em relação aos homens; Maria Lícia Costa de Souza foi a mais jovem integrante da Federação, com 16 anos ela questionava a suas possibilidades de atuação em comparação às do irmão, lhe incomodava ter que pedir autorização para tudo, fato que a aproximou do

feminismo. Chegou a trabalhar com autorização do pai, porém apenas porque iria trabalhar com ele, posteriormente deu aulas de datilografia e por fim se casou, tendo como única atividade as tarefas do lar e a criação de quatro filhos; Nair Alves, indignada com a diferença de oportunidades de atuar na universidade entre ela e seus irmãos, procurou a *Federação Bahiana* aos 18 anos. Apesar do vedamento do pai que lhe impedia de cursar a universidade, buscou outras formas de desenvolver-se em literatura inglesa, violino, fez curso comercial e aprendeu línguas, trabalhou como secretária e tradutora, e em 1929 se casa, o que alterou sua área de trabalho, se dedicando agora a causa social e beneficente; Lili Tosta, jornalista, era responsável pela produção e publicação de parte significativa dos artigos publicados na imprensa, entre eles os de cunho feminista, também foi fundadora da Federação, 2ª vice-presidente e professora de inglês; Alice Kelsch, poucas informações se tem sobre ela, porém atuou na Federação desde sua fundação em 1931, foi conselheira e tesoureira. Seu interesse parece ter surgido após um frustrado casamento que lhe impunha limitações que levaram a uma separação. (ALMEIDA, 1986)

Na passagem do século XIX para o século XX, o processo de urbanização e modernização levou às capitais brasileiras grandes mudanças sociais, em especial a participação das mulheres no trabalho, festas e manifestações culturais, todas atividades urbanas. Para prosseguirmos, façamos aqui uma imprescindível distinção: em verdade, a mulher de classe privilegiada teve, no século XX, um grande salto na participação do uso da cidade, porém, anterior a isso, “na sociedade oitocentista já era comum ver nas ruas da Província da Bahia uma quantidade significativa de escravas negras, libertas, mestiças e brancas pobres, entretidas nas suas atividades diárias.” (LEITE, 2001, p 90) Mulheres de classes alta e média tiveram sua inserção no espaço público através da participação ativa em espaços sociais os quais de forma astuciosa souberam aproveitar. Ocuparam espaços “[...] como a filantropia e o assistencialismo social, na literatura, no magistério, nos divertimentos, evidencia formas de sociabilidades que servem para avaliarmos as suas práticas e o significado dos seus papéis.” (LEITE, p.90)

2.4 A INSERÇÃO DAS MULHERES NO ESPAÇO PÚBLICO

No início deste trabalho, era vaga a ideia sobre a relação entre a ocupação do espaço público pelas mulheres e a inserção das mesmas no curso de arquitetura.

Parecia haver mais conexão entre o desenvolvimento do feminismo na Bahia e a inserção das mulheres na academia. Esse pensamento foi se modificando durante o aparecimento de novos elementos, entre eles, a real vivência das mulheres³² no espaço público. A relação entre os espaços compartilhados e as mulheres foi explorada por autoras no âmbito da Arquitetura, são elas: Maria Novas (2014), Ana Gabriela Godinho Lima (2014) e Diana Agrest (2006). Usaremos então as mesmas como base referencial para compreender a forma como isso se deu em Salvador.

Antes de tudo, veremos algumas análises determinantes para a definição de espaço público e privado, visto que ao se aprofundar em estudos como esse, não é raro nos depararmos com definições ambíguas. Há pelo menos duas diferenças possíveis dentro da terminologia *público/privado*; a primeira refere-se à distinção entre Estado e sociedade (como em propriedade pública e privada) e a segunda refere-se à divisão entre vida não doméstica e vida doméstica. (OKIN, 2008, p.306) Como é possível prever, trataremos da segunda definição. A relação público/privado é, no ocidente, tema de análise desde a antiguidade, mas especificamente presente no pensamento grego clássico.

De maneira despretensiosa podemos brevemente apresentar a obra de Hannah Arendt, *A Condição Humana* (2007), que é organizada em três conceitos fundamentais que constituem a gênese da sua antropologia filosófica: trabalho, produção e *acção*. O trabalho (*labor*) é substancial à sobrevivência biológica do homem, estágio primitivo de existência. Esse trabalho como, por exemplo, lavar a roupa, é repetitivo, que não tem fim e também não constrói nada, servindo apenas para manutenção da vida biológica. A produção (*work*) é o momento em que o homem produz objetos duráveis (*homo faber*). Ambos são enquadrados no domínio da esfera privada, já a *acção* é diferente. A *acção* é a característica essencial da vida humana em sociedade, depende essencialmente da vida em comunidade. O homem de *acção* precisa da atuação do outro para poder agir, e para isso utiliza a linguagem da pluralidade de opiniões, deixando claro a negação à violência.

Para os gregos, forçar alguém mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da *polis*, característicos do lar e da vida em família, na qual o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos, ou na vida

³² Incluímos aqui, as que muito antes já ocupavam as ruas, e as que por privilégios, a séculos, se mantinham no espaço privado.

nos impérios bárbaros da Ásia, cujo despotismo era frequentemente comparado à organização doméstica. (ARENDR, 2007, p. 35)

Arendt situa a *acção* na esfera pública, campo de liberdade em contraste com o privado, campo de necessidades. É somente no público que o *homem* se realiza.

Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto ou ouvido por outros, privado de relação <<objetiva>> com eles decorrente do fato de ligar-se separar –se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. A privação da privatividade reside na ausência de outros; para estes, o homem privado não se dá a conhecer, e, por tanto é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância para ele é desprovido de interesse para os outros. (ARENDR, 2007, p.68)

Diante disso, surge uma nova reflexão sobre o espaço que se convencionou a partir da categoria de análise de gênero. Afinal, a divisão social de papéis entre homens e mulheres era algo tido como óbvio; aos homens, a ligação com as ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas; e às mulheres, a responsabilidade pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução *naturalmente* enquadradas como dependentes dos homens, subordinadas à família e inadequadas à atuação na esfera pública. Logo entendemos que os espaços não são neutros, seguem a mesma lógica de divisão dos papéis, assim como outras construções sociais, como a linguagem. Quando nos deparamos com a palavra *homem* na História Política, certamente o que nos é apresentado é uma falsa neutralidade de gênero. Nessa concepção, a “construção cultural surge das relações de poder, e relações de poder estabelecem normas; e as normas definem os limites, que são tanto sociais como espaciais, porque determinam quem pertence a um lugar e quem se mantém excluído.” (Mc Dowell, 2000 apud NOVAS, 2014, p.35, tradução nossa) O que entendemos é que a figura masculina que construiu, majoritariamente, os espaços e as teorias durante séculos, subordinou os projetos a uma visão masculina. O legado da suposta neutralidade da escala humana se perpetua de Vitruvius a Leonardo da Vinci (século XV) até o Modulor de Le Corbusier (século XX). (CORTÉS, 2006 apud NOVAS, 2014, p.35)

Segundo Agrest (2006), Lima (2014) e Novas (2014) no Renascimento, movimento fortemente referenciado a uma visão antropocêntrica e logocêntrica, o corpo humano é adotado como função de medida, proporção e simetria. É através do corpo que aproximamos a arquitetura da natureza e das leis naturais, onde se encontra a perfeição e a harmonia. Pensadores como Alberti, Filarete e Francesco

Di Giorgio Martini “realizaram tratados em que o corpo humano é a base para estudos geométricos e espaciais cuja finalidade é orientar o projeto arquitetônico.” (LIMA, 2014, p.21)

Vitrúvio e Alberti indicam o caminho para a incorporação do corpo como um análogo, modelo ou referente, formulando um sistema para sua transformação em regras sintáticas, elementos e significados arquitetônicos. Filarete e Di Giorgio Martini, além disso, suprimem a ambiguidade original do gênero do corpo em questão, deixando explícito que a figura humana é sinônimo da figura masculina. (AGREST, 2006, p.589)

Ocorre, dessa maneira, a repressão do sexo feminino. A lógica do sistema de arquitetura coloca duas polarizações: o positivo e o negativo, atribuindo à mulher a conotação negativa, ou seja, a mulher como um ser incompleto, existindo por assim dizer, uma suposta superioridade masculina. (AGREST, 2006) Filarete explicita em sua escrita metafórica a analogia entre o edifício e o homem vivo. Em sua opinião, as origens do edifício se relacionam em proporcionalidade com o corpo masculino. (*apud* AGREST, 2006) Di Giorgio Martini, assim como Filarete, faz analogias muito semelhantes, porém, seus pensamentos se estendem à cidade. Segundo o mesmo (*apud* AGREST, 2006), deve-se modelar a cidade segundo o corpo humano, tendo como base (assim como outros estudiosos) o umbigo, ponto central que quando fixado um compasso e rotacionado, coincidirá com as medidas da ponta das mãos e braços estendidos. E sobre essa lógica, se baseará as proporções da cidade. (AGREST, 2006).

Vejamos então: se o espaço não é neutro, e durante séculos as mulheres foram negadas a participar do processo de criação e vivência das cidades, a mulher soteropolitana privilegiada (já que é esse nosso perfil dominante entre as arquitetas identificadas), ao se colocar de maneira estratégica nele, rompe, mesmo sem certa consciência, com a limitação de atuação dos espaços públicos, em especial os de formação profissional. A mulher soteropolitana faz proveito do espaço que o movimento feminista da época proporcionou, mesmo que os objetivos principais das atividades fossem voltados para o assistencialismo e a caridade cristã, bem como a busca por uma formação que atendia as demandas de uma esposa ideal, para acessar o espaço não doméstico. Nele, além de fugir do tédio, fazia trocas, repensava conceitos e os reivindicava. É possível, considerando as pesquisas feitas para embasarmos este trabalho, afirmar que a inserção da mulher soteropolitana no espaço público está diretamente ligada à entrada delas na Universidade, e,



consequentemente, no curso de arquitetura. A saída do espaço doméstico e o contexto econômico da época, onde a demanda por mão de obra em uma cidade em expansão era crescente, corroboraram para que estas ingressassem no ensino superior de forma significativa, principalmente a partir da década de 1960. (BELTRÃO; ALVES, 2009)

3 IDENTIFICAÇÃO, ANÁLISE E RECONHECIMENTO DA CONTRIBUIÇÃO DAS ARQUITETAS SOTEROPOLITANAS

Através das entrevistas e do traçado do perfil das estudantes do curso de arquitetura de Salvador, foi possível, para além da produção de dados, o entendimento de como essas mulheres vivenciaram seu período histórico, ou pelo menos a maior parte delas. Foram realizados cruzamentos entre as informações obtidas nas referências, os dados³³ e as entrevistas, gerando assim uma análise aprofundada. Veremos à frente como esses cruzamentos ocorrem e suas conclusões.

A elaboração deste trabalho se deu, em parte, graças ao trabalho coletivo da pesquisa: *Cadê as arquitetas modernas baianas?*, sem esse esforço conjunto entre as pesquisadoras, o levantamento inicial necessário para elaboração dessa pesquisa não seria possível. Os dois trabalhos contribuem um com o outro, gerando algo maior que, no caso, faz parte da história da arquitetura de Salvador. É fato que facilmente podemos nos confundir entre os dados elaborados pela pesquisa (*Cadê as arquitetas modernas baianas?*) e os deste trabalho, então faremos, a seguir, uma explicação desses conteúdos, ficando assim justo o entendimento por parte do leitor, sem possíveis interpretações ambíguas. A pesquisa mencionada inicia-se em meados de 2018, quando é feito o levantamento documental a partir de duas fontes: os arquivos físicos do curso de Arquitetura (da antiga Escola de Belas Artes e da atual Faculdade de Arquitetura da UFBA), com o objetivo de identificar arquitetas formadas em Salvador entre as décadas de 1920 e 1960, e os arquivos do Instituto de Arquitetos do Brasil - Bahia, trazendo elementos de investigação para sabermos se algumas dessas mulheres identificadas atuaram na entidade e também possibilitando descobrir pistas sobre suas atividades profissionais depois de formadas. Os arquivos encontrados nas caixas, pastas e demais fontes são: cadernetas escolares, dossiês, redações, relatórios, listagens (diplomados, reprovados, dependentes, estrangeiros, etc.), etc.³⁴. O levantamento de dados foi finalizado em 2019 e teve como resultado a disponibilização de cerca de 200 nomes

³³ Dados referentes a coleta de informações feita através das fichas, dossiês e boletins dos alunos encontrados nos arquivos da Faculdade de Arquitetura da UFBA/EBA, em 2018/2019.

³⁴ Importante destacar aqui que esse processo foi feito de forma participativa, ou seja, não foi usufruído apenas o levantamento final do trabalho, havendo todo um acompanhamento do processo de catalogação do acervo e da produção de dados. Participaram desta primeira etapa de levantamento de dados: Rosana de Melo Costa e Shirlei Pimenta Soares dos Santos.

de arquitetas, entre vestibulandas, estudantes e graduadas, porém tendo destaque para as 71 arquitetas que de fato colaram grau. Foram disponibilizados, também, dados comparativos entre o número de vestibulandos, ingressantes, formados e diplomados, e informações sobre atuações das arquitetas.

Apesar da grande contribuição da pesquisa *Cadê as arquitetas Modernas Baianas?* (2018), as narrativas históricas ainda possuem diversas lacunas em torno da vivência das arquitetas modernas baianas. Carência essa que este trabalho também não tem como pretensão esgotar. A contribuição a ser dada aqui é a de buscar responder questões como: qual era o perfil dessas mulheres estudantes de arquitetura de Salvador? Por que escolhiam um curso majoritariamente masculino? Entre as décadas de 1930 e 1960 houve grandes mudanças? Havia dificuldades a serem enfrentadas por elas? Como seguiram carreira depois de formadas? Como dito anteriormente, para responder tais questionamentos foram necessários diversos cruzamentos entre os documentos analisados, o levantamento teórico específico e as entrevistas.

Neste capítulo veremos primeiramente a história do curso de arquitetura em Salvador. Essa visão histórica ocorre pela interpretação do trabalho de Fernando Luiz da Fonseca, *Apontamentos para a história da Faculdade de Arquitetura da UFBA* (1984). Em sua obra buscamos fazer uma leitura mais cuidadosa da participação feminina nas atividades do curso. Em um segundo momento, analisaremos, através dos documentos e demais cruzamentos, o perfil das arquitetas. Foram utilizados quatro principais documentos, cedidos pela Faculdade de Arquitetura da UFBA/EBA: boletim, ficha de assinatura (matrícula ou conclusão do semestre), certidão de casamento e histórico escolar. Além de dados gerais como nome, data de nascimento, endereço, ano de matrícula e estado civil. As notas obtidas também se tornaram um elemento de análise, pois somadas, elas geraram uma média de desempenho das alunas durante o vestibular e graduação. Assim, encontramos as disciplinas com maiores e menores desempenhos, além de índices de reprovação. Por fim, refletiremos através das entrevistas sobre a trajetória de 13 arquitetas, dando destaque à Lycia Conceição Alves, por seu pioneirismo e coragem.

3.1 BREVE HISTÓRIA DO CURSO DE ARQUITETURA EM SALVADOR

O curso de Arquitetura, hoje situado na Faculdade de Arquitetura da UFBA, demorou alguns anos para se estabelecer, sendo inicialmente realizado na Escola de Belas Artes. Com um histórico inicial de dificuldade e instabilidade, a faculdade foi se adaptando e conquistando paulatinamente espaço, financiamento e reconhecimento. A atual Escola de Belas Artes, originalmente denominada Academia, foi fundada graças aos esforços de Miguel Canyzares, em 1876, que primeiramente tinha como destino o Rio de Janeiro, mas teve seu trajeto alterado devido à fuga da Febre Amarela, vindo então da Espanha direto para o litoral baiano. (FONSECA, 1984) Em 1893, foi dada eficiência especial ao curso de arquitetura sob a organização do arquiteto José Nivaldo Allioni. (FONSECA, 1984) As dificuldades nesse período não eram poucas:

Improvisavam-se materiais para o ensino. Bancos, tamboretas, cavaletes e pranchetas eram feitos com caixões de pinho, e os alunos mais abastados proviam à Escola de outros materiais, inclusive lampiões e querosene, pois havia também um curso noturno. Os alunos pagavam uma mensalidade de dois mil réis para manutenção do Curso e os professores trabalhavam pelo ideal de ensinar, na maioria das vezes sem receberem remuneração. (FONSECA, 1984, p.4)

A Escola teve muitos diretores depois de Canyzares, que foi desligado em 1882 por *desinteligência*³⁵ a partir da decisão de alguns professores da Congregação. O imediato sucessor foi João Francisco Lopes Rodrigues, assumindo a direção até sua morte, em 1893. Logo em seguida assumiu o engenheiro arquiteto José Allioni, que deixa o cargo para o Dr. Braz Hermenegildo do Amaral. Nesse período ocorre um marco importante, em 1891 a Congregação deliberou a mudança da denominação de Academia para Escola de Belas Artes, nome que permanece até se tornar parte da Universidade da Bahia. No mesmo período também acontecem altos e baixos em relação às condições financeiras da escola, porém, de maneira mais generalizada, os investimentos se ampliaram e geraram bons frutos. Depois de Amaral, o Dr. Eduardo Dotto assume o cargo de direção da faculdade até sua morte, em 1937. Então, o cargo é ocupado pelo Prof. Oseas dos Santos e depois dele: José Nivaldo Allioni Filho, Dr. Leopoldo Afrânio do Amaral, Américo Furtado de Simas e Manoel Inácio de Mendonça Filho. (FONSECA, 1984)

³⁵ Para mais detalhes consultar: *Apostamentos para a história da Faculdade de Arquitetura da UFBA* (FONSECA, 1984, p.5.)

Podemos observar que durante todo esse período nenhuma mulher assumiu tal cargo. Era um espaço completamente masculino, não apenas a diretoria, mas também os cargos de docência. Não podemos nos esquecer, porém, de que realmente não há como cobrar, considerando o contexto da época, o aparecimento de alguma representante feminina, visto que não havia nem mesmo se formado a primeira arquiteta.

Em 1929 é sancionada a Lei Estadual número 2216, que reconhecia os diplomas emitidos pela Escola de Belas Artes. Alguns nomes de diplomados começam a aparecer: Antônio P. Navarro de Andrade (diplomado em 1920), Cunegundes Moreira Penna (diplomado em 1934), em 1936 temos um número mais significativo de diplomados e, uma surpresa, a primeira mulher: Lycia Conceição Alves, não só a primeira mulher diplomada até então, como também a única do mesmo ano. (FONSECA,1984) O curso é federalizado em 1949 e em 1959 ocorre a separação física do curso em relação à EBA, iniciando as atividades no edifício onde funcionava a Biblioteca da Secretaria de Educação, na Avenida Sete de Setembro, no bairro da Vitória, e mudando-se definitivamente em 1963 para a rua Caetano Moura, no bairro da Federação. (FONSECA, 1984)

3.2 EDUCAÇÃO COMO PRIVILÉGIO: PERFIL DAS ESTUDANTES

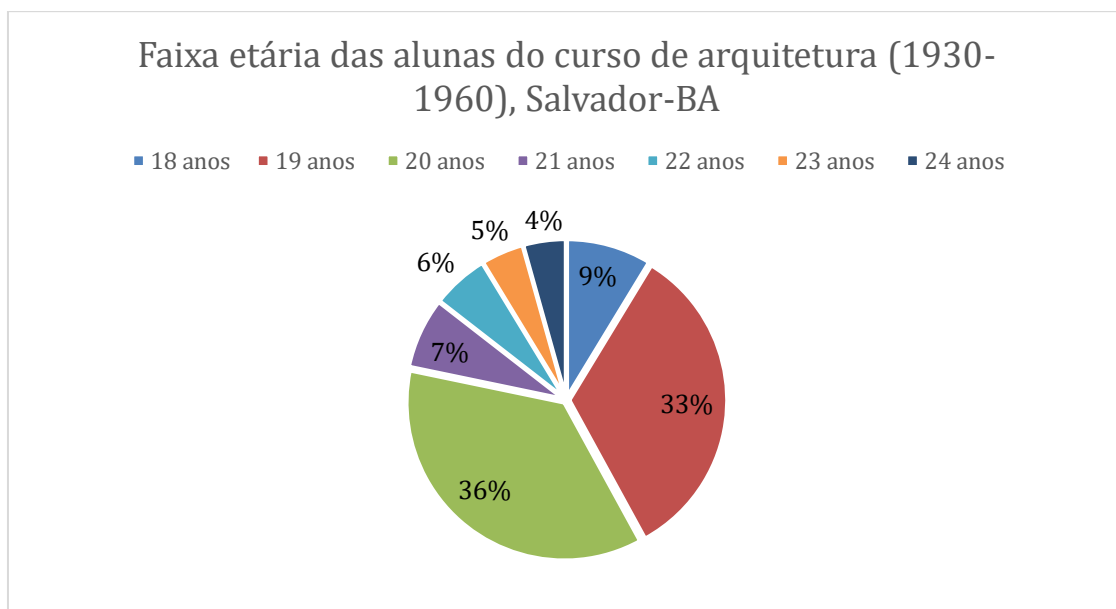
Na Primeira República (1889-1930) a educação era considerada algo urgente, algo a que todos aspiravam. (ALVES, 2009) O Império havia deixado uma grande insatisfação às necessidades do povo, em especial para a classe média. No novo governo, com o desenvolvimento urbano, oferecer educação para a população era algo imprescindível. (ALVES, 2009) Nos primeiros anos, contudo, não ocorrem grande mudanças, apenas os privilegiados usufruem dos serviços, enquanto as demais camadas da população ficam à margem de quase tudo, incluindo o acesso à educação; exemplo disso é a promulgação da primeira Constituição, em 24 de fevereiro de 1891, que foi completamente omissa ao assunto. (ALVES, 2009) Aos poucos vão se aprovando reformas em alguns estados, havendo certa melhora no ensino; na Bahia, isso ocorre em 1925, na primeira gestão de Anísio Teixeira como Diretor Geral da Instrução Pública na Bahia. (NUNES, 2010, p.17) A primeira Constituição Estadual Baiana, datada de 2/7/1891, garantia gratuidade e a universalidade do ensino primário, (NUNES, 2010, p.17) porém, segundo o próprio Anísio Teixeira, isso era garantido apenas às famílias aristocráticas que,

tradicionalmente, investiam em uma boa educação para manter as mesmas condições (Relatório do Serviço de Instrução Pública do Estado da Bahia, 1924-1928).

Nesse cenário, não é difícil constatar que o curso de arquitetura, assim como toda a formação educacional, era um privilégio social. E isso é certificado através dos antigos endereços das alunas e também pelo ciclo social identificado nas entrevistas. Não foi possível descobrir todos os endereços nesse processo de pesquisa, das 71 alunas, foram identificados 47 endereços. A maioria, aproximadamente 78,7%, se concentrava nos bairros: Graça, Barra, Brotas, Canela, Barris, Nazaré e Dois de Julho, todos espaços de concentração da classe média e alta do período.

Outro aspecto importante em relação às questões de classe social é a faixa etária das ingressantes, que variava entre 18 e 24 anos, como podemos ver no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Faixa etária das alunas do curso de arquitetura (1930-1960)



Fonte: Elaboração da autora, 2019, com base no arquivo da Faculdade de Arquitetura – UFBA.

Os dados reforçam como as famílias com grande poder aquisitivo tinham condições de manter suas filhas estudando, sem a necessidade de que a mesma tivesse que trabalhar após a conclusão do magistério, podendo exercer assim apenas atividades estudantis. Entre as arquitetas entrevistadas é clara a prioridade

que se tinha aos estudos, colocando como uma atividade a ser desenvolvida antes de qualquer outra, inclusive o casamento.

3.3 MATRIMÔNIO E MATERNIDADE

A educação para as mulheres, no século XIX, era algo justificado pela necessidade social do casamento, porque se tratava de uma colaboração, um auxílio às atividades do marido, podendo assim aumentar as chances de uma família bem-sucedida. (LEITE, 1997) O matrimônio promovido entre os casais da classe social economicamente mais favorecida tinha como função manter a propriedade e a riqueza da família, a pureza da raça e a manutenção dos valores culturais. (LEITE, 1997) Com a virada do século, ocorre um enriquecimento da condição de mulher como sujeito. A profissionalização, o surgimento dos métodos anticoncepcionais, a liberação do divórcio, etc. afastam o casamento da influência familiar, da religião e do Estado, assumindo mais verdadeiramente sua condição de relacionamento amoroso de conotação sexual, regido por um ato de vontade do casal. O mesmo acontece em relação a filhos: podendo decidir tê-los ou não. (D'INCAO, 1989)

Lycia Conceição Alves, a primeira diplomada no campo da Arquitetura, nasceu na Bahia, em 1904, ou seja, logo no início do século XX, portanto, tendo os pensamentos do século anterior ainda muito enraizados, algo que parece não ter interferido em sua trajetória, assim como das demais colegas subsequentes. Entre as 71 arquitetas identificadas, nos documentos da FAUFBA, não ocorreram muitos casamentos durante o período estudantil. No total, aproximadamente 11% das alunas se casaram durante o curso, a maioria em data próxima ao ano de diplomação ou no mesmo. Dessas, até onde temos conhecimento³⁶, uma se casou com um arquiteto, duas se casaram com estrangeiros (residentes em Salvador) e todas se casaram com homens mais velhos, com profissões já definidas.

Entre as profissionais, segundo as entrevistadas, era comum o casamento com arquitetos e engenheiros, o ciclo de convívio aproximava muitos casais. Porém não existia uma atuação conjunta, as mulheres costumavam manter suas trajetórias

³⁶ Entre os 11%, duas não constam a certidão de casamento, logo não sabemos com quem se casaram, a profissão e a idade de seus companheiros. Porém, pode-se afirmar que eram casadas porque em seus documentos constam na primeira ficha nomes de solteiras e em sua diplomação nomes de casadas.

profissionais separadas. Havia trocas, conversas, trabalho, mas de maneira menos formal, sem que fosse necessário um reconhecimento externo ou uma remuneração específica. A maioria dos casamentos gerou frutos: dois, três ou mais filhos. Apenas uma arquiteta menciona não ter tido filhos, mesmo após estar casada.

3.4 ESTUDO SOBRE O DESEMPENHO DAS CANDIDATAS NO VESTIBULAR

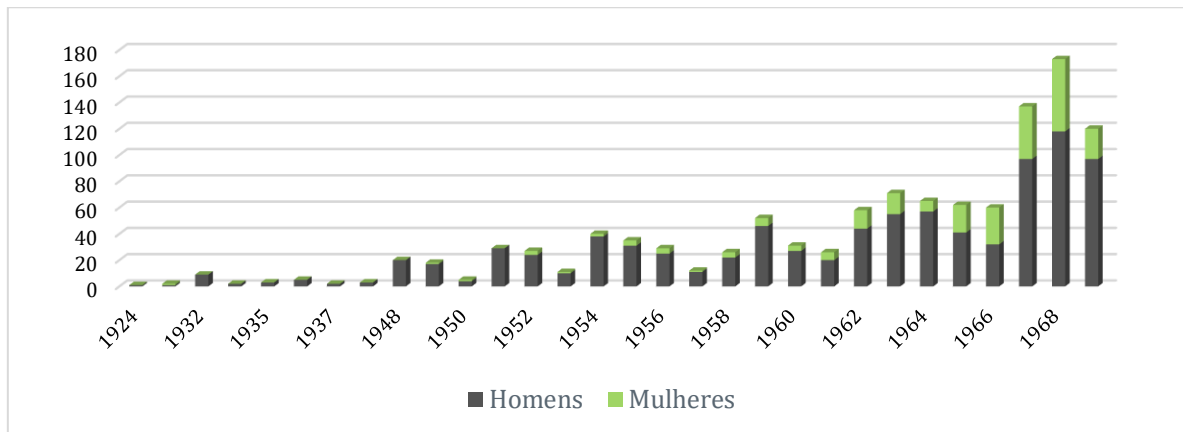
A primeira estudante que concluiu o curso, Lycia Conceição Alves, iniciou a graduação em 1927; depois dela, só veremos mulheres entrando no curso de arquitetura em 1949, ou seja, vinte e dois anos depois. Entre a primeira e a segunda arquiteta formada existe um salto de acontecimentos que justificam a década de 1940 ser o período em que, de fato, as mulheres passam a pertencer ao corpo discente. O início da Segunda República, em 1930, sob o governo de Getúlio Vargas, traz grandes mudanças no âmbito da educação. A demanda de um Brasil inserido na produção capitalista necessitava de mão-de-obra especializada e, concomitantemente, novos avanços na educação. Entre as mudanças que surgiram nesse período está a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública - Decreto 19.402. (ALVES, 2009) Na pesquisa *Cadê as arquitetas Modernas Baianas?* (2018) vemos como isso se refletiu no campo de conhecimento da arquitetura através da perspectiva de uma regularização da profissão. Apesar de alguns cursos como pintura, escultura e gravura já serem, desde 1943, reconhecidos nacionalmente, a Arquitetura chega a 1948 com uma aceitação do trabalho profissional, porém, sem reconhecimento e regularização. A espera não tardou muito e em 1949 a Escola se incorpora à Universidade, sendo então federalizada.

Este reconhecimento se deu através da emenda N° 21 do Projeto de Lei de N° 494. A Federalização assegurava ao arquiteto o pleno direito de exercer a sua profissão em todo o país e iria provocar uma futura correção na legislação de 11 de dezembro de 1933, que assegurava aos engenheiros civis, quase todos os campos profissionais do arquiteto, exceto: 'obras essencialmente artísticas e monumentais' e 'grandes decorações arquitetônicas' (FA-UFBA)³⁷.

O que se pode observar após a federalização, em 1949, é que, de maneira geral, houve um aumento da estrutura física, bem como do número de candidatos às vagas. O número de ingressantes também cresceu e, como consequência, o número de vestibulandas aumentou. (FONSECA, 1984)

³⁷ Disponível no site da FA-UFBA: <<https://arquitetura.ufba.br/pt-br/historico>>. Acesso em: 15 maio de 2019.

Gráfico 2 - Relação de vestibulandas e vestibulandos, entre as décadas de 1920 – 1960



Fonte: *Cadê as Arquitetas Modernas Baianas?*, 2019 (Elaboração: Shirlei P. Santos).

No gráfico 02 acima é possível ver essa ampliação que, apesar de existir, não ocorre uniformemente, apresentando várias instabilidades, como por exemplo “[...] os anos entre 1967 e 1969, em que é possível ver o aumento da presença masculina, mas, em contrapartida, o decréscimo da presença feminina (sendo, portanto, desproporcional à tendência de crescimento) [...]”. (ADAME; SANTOS, 2019)

No vestibular, os candidatos prestavam prova para cinco disciplinas (Desenho Geométrico, Física, Desenho Artístico, Matemática e Português) obtendo uma média entre elas que os aprovaria ou não. Foi elaborada uma média sobre as notas das 71 mulheres analisadas, salvo a primeira e uma pequena porcentagem que, por algum motivo não identificado, não constava nos arquivos. Qualificando as disciplinas em ordem decrescente de pontuação, temos: Desenho Geométrico e Física com as maiores médias, seguidas de Desenho Artístico e Matemática e, por fim, com a menor média, Português. Atividades consideradas masculinizadas, como a Física, tiveram um maior desempenho que o Português, ciência humana, mais próximo do que seria direcionado a elas como uma aptidão *natural*. Em respeito a isso, é possível pensar que mesmo enquadradas desde muito novas em um perfil cujas atividades são designadas segundo o sexo, os dados comprovam que suas habilidades rompem com estereótipos. Sendo esse, inclusive, um dado surpreendente, já que nas entrevistas elas mesmas falam sobre suas habilidades em pintura e desenho, campos apontados como as principais disciplinas que as encaminharam a fazer o curso.

No vestibular de 1968 foram encontradas redações de candidatos reprovados de ambos os gêneros (masculino ou feminino), o enunciado tinha como objetivo avaliar os alunos sobre o tema: *Porque desejo ser arquiteto*. Os textos trazem, de forma enriquecedora, muitas reflexões, as alunas e alunos responderam o questionamento com diversas argumentações, das técnicas às mais pessoais, e com isso também criaram padrões que refletem não só os anseios, mas pensamentos da época e comportamentos culturais almejados. Em comum, candidatos e candidatas descreveram a atuação profissional como algo promissor, um cargo de prestígio, reconhecimento e realização pessoal. Segundo eles, a perspectiva do país em progresso aumentava as demandas de trabalho na construção e dava-lhes a chance de contribuir com o desenvolvimento de Salvador e do Brasil. Entre as referências aparecem Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Brasília e também amigos e familiares que cursaram arquitetura. Como atributos para almejar a vaga, apresentam aptidão nas áreas de matemática e artes, a última por muitos, como forma de representação de paixão e admiração. Agora tratando especificamente das mulheres, aparece em maior quantidade a preocupação com ajudar aos que necessitam de algum tipo de assistência social. A vontade de contribuir com a sociedade de maneira geral também aparece nos textos escritos pelos homens, porém, nos textos delas é possível perceber a demanda por atender a um cunho cristão de caridade, reflexo certamente da educação religiosa (e, por que não, do feminismo baiano da década de 1930-1940) a qual foram submetidas durante sua formação primária e secundária. Uma das redações retrata um caso vivenciado pela autora, emergindo as delimitações que eram empregadas às mulheres:

Quando estava no ginásio, porém fiquei na dúvida, porque alguns amigos achavam que a Arquitetura, Engenharia, Geologia, etc., as carreiras técnicas em geral era uma carreira para homens, mas que agora que a mulher pode seguir qualquer carreira seja técnica ou não, resolvi que quando saísse do ginásio, ia fazer o científico e estudar bastante para enfrentar o vestibular de Arquitetura. (Redação da vestibulanda: Leibia Gomes dos Santos, arquivos FAUFBA – caixa 407, 2018)

A arte, apesar de aparecer na maioria das redações independente do gênero da autoria, se repete por vezes nas redações das mulheres, associada à beleza, ao que é socialmente ligado ao feminino. Os homens, por sua vez, demonstravam preocupações financeiras, a responsabilidade de garantir estabilidade para sua família.

3.5 ESTUDO SOBRE O DESEMPENHO DAS ESTUDANTES NO CURSO DE ARQUITETURA

No que diz respeito ao currículo do curso, até a década 1960 não são realizadas grandes modificações, porém, a partir da análise dos históricos escolares das alunas, foram observadas algumas mudanças posteriores nas disciplinas. Em 1966, surge um novo quadro curricular, que mantém a maioria das disciplinas antigas, porém extinguindo ou substituindo as de *Desenho Arquitetônico*, *Arquitetura Analítica*, *Modelagem (2ª parte)* e *Desenho Artístico (2ª parte)*. Entram em vigor: *Introdução à Arquitetura*, *Técnica de Representação Gráfica (1ª e 2ª parte)*, *História da Arquitetura (1ª e 2ª parte)*, *Organização Social das Cidades (2ª parte)*, *Economia, Evolução Urbana e Técnicas e Métodos de Pesquisa*, as duas últimas aparecem nos arquivos somente até 1968.

Entre as disciplinas constantes no currículo do curso, as que as estudantes tiveram um maior desempenho foram, em ordem decrescente, *Legislação*, *Economia e Política*, *Estética*, *Resistência dos Materiais* e *Instabilidade nas Construções e Física aplicada*.

Tabela 1 – Currículo do Curso de Arquitetura (1930-1960).

DISCIPLINAS CURRÍCULARES 1930-1960						
1ª SÉRIE						
Geometria Descritiva	História da Arte	Matemática Superior	Desenho Arquitetônico	Desenho Artístico 1º parte	Arquitetura Analítica 1º parte	Modelagem 1º parte
2ª SÉRIE						
Sombra, Perspectiva e Esteriotomia	Técnica da Construção - Topografia	Arquitetura Analítica 2º parte	Desenho Artístico 2º parte	Composição de Arquitetura 1º parte	Mecânica Racional Grafostática	Modelagem 2º parte
3ª SÉRIE						
Material de Construção - Estud. Solo	Composição Decorativa 1º parte	Composição de Arquitetura 2º parte	Resistência dos Materiais - Estabilidade das Construções	Física Aplicada	Desenho Artístico 3º parte	
4ª SÉRIE						
Higiene da Habitação - Saneamento das Cidades	Composição Decorativa 2º parte	Teoria e Filosofia da Arquitetura	Estudos Brasileiros	Arquitetura no Brasil	Concreto Armado	Grandes composições de Arquitetura 1º parte
5ª SÉRIE						
Urbanismo Arquitetura Paisagística	Estética	Sistemas Estruturais	Organização do trabalho - Prática profissional	Legislação, economia e política	Grandes Composições de Arquitetura 2º parte	Organização Social das Cidade

Fonte: Elaboração da autora, 2019, com base no arquivo da FAUFBA.

Diante da diversidade de matérias presentes no currículo do curso (artísticas, teóricas e técnicas), as mulheres novamente quebram o estereótipo de que suas habilidades são/estão vinculadas apenas às disciplinas ditas femininas. Das quatro disciplinas que se destacam, *Estética* e *Resistência dos Materiais e Instabilidade nas Construções* parecem ser as mais específicas para os arquitetos. A primeira proporcionava ao aluno o desenvolvimento artístico, a criação de uma obra arquitetônica, bem como o desenvolvimento estético-crítico de obras arquitetônicas; a segunda capacitava o aluno a dimensionar estruturas dentro de critérios de segurança e economia, analisando esforços e possíveis deformações de peças estruturais. (FONSECA, 1984) As duas matérias expressam muito, se pensarmos no quanto é negado o reconhecimento das mulheres no processo criativo e na execução de obras de grande proporção, que exigem do arquiteto um grande esforço na noção de cálculos estruturais. Tal descrédito pode ser explicado com base no que já mencionamos em algumas partes deste mesmo trabalho, o homem, por conta do espaço que ocupava socialmente até então, fora visto como o criador, o ser pensante, com capacidade de elaboração e de execução de um projeto. Uma vez que essas mulheres se destacam em matérias cujo tema é distante do que, socialmente, é enquadrado como algo feminino, elas, novamente, assim como o que ocorreu no vestibular, rompem com o estigma de que seriam menos capazes ou desinteressadas por essas áreas de conhecimento.

3.6 AS MULHERES NO QUADRO DE DOCÊNCIA

O quadro de professores é algo marcante quando tratamos da participação feminina na arquitetura. Apesar de não sabermos ao certo o ano de inclusão das mulheres no quadro de docência, acreditamos que as primeiras docentes que atuaram no curso de Arquitetura da Bahia iniciaram suas atividades profissionais na década de 1950, aproximadamente entre 1957 e 1959. A primeira delas é a arquiteta e professora Vilma de Lima Campos (formada pela Escola de Belas Artes, em 1956), responsável pela disciplina de *Geometria Descritiva*.³⁸ (FONSECA, 1984) O nome de Vilma de L. Campos não aparece na tabela: *Composição do quadro de docentes fundadores da Faculdade de Arquitetura* (referente ao ano de 1959),

³⁸ A disciplina tinha como objetivo familiarizar o aluno com as formas geométricas e ensina-lo a dominar e aplicar seus conhecimentos e a imaginação na produção de formas arquitetônicas, além disso buscava dar base para outras disciplinas, em especial a de perspectiva. (FONSECA, 1984)

apresentada por Fonseca (1984, p. 26) em seu livro *Apontamentos para a História da Faculdade de Arquitetura da UFBA* (1984), mas é citado na transcrição parcial do “Catálogo Geral da Universidade Federal da Bahia, referente ao ano de 1966, para conhecimento mais detalhado da situação curricular” (FONSECA, 1984, p.197), descrevendo assim sua função como professora regente.

Tabela 2- Composição do quadro de docentes fundadores da Faculdade de Arquitetura (1959)

Nº	NOME	CATEGORIA	DISCIPLINA
1	Leopoldo A. Amaral	Catedrático	Matemática Superior
2	vaga	-	Geometria Descritiva
3	vaga	-	História do Arte
4	Newton R. da Silva	Catedrático (Interino)	Desenho Artístico
5	Américo Simas Filho	Catedrático (de Organ. do Trab. Prática Profissional)	Arquitetura Analítica
6	Jair Brandão	Catedrático (Interino)	Modelagem
7	Messias Lemos Lopes	Regente	Desenho Arquitetônico
8	Guilherme Ávila	Catedrático	Mecânica Racional e Grafostática
9	vaga	—	Sombras, Perspectiva e Estereotomia
10	Frederico Simas Saraiva	Catedrático	Técnica da Construção – Topografia
11	Walter Velloso Gordilho	Catedrático (de Sist. Estrut.)	Composição de Arquitetura
12	Hemani Savio Sobral	Catedrático	Mat. de Construção - Estudo do Solo
13	Tito Vespasiano Augusto Cesar Pires	Catedrático	Resistência dos Materiais - Estabilidade das Construções
14	Carlos Furtado de Simas	Catedrático	Física Aplicada
15	vaga	—	Composição Decorativa
16	Climério de Lima Pitta	Catedrático (interino)	Concreto Armado
17	Jaime Cunha da Gama e Abreu	Catedrático	Higiene da Hab. Saneamento das Cidades
18	Fernando Fonseca	Regente	Arquitetura no Brasil
19	Diógenes Rebouças	Catedrático (interino)	Grandes Composições de Arquitetura
20	Diógenes Rebouças (vaga)	Catedrático	Teoria e Filosofia da Arquitetura
21	Hélio Simões	Catedrático	Estudos Brasileiros
22	Romano Galeffi	Contratado p/esta cadeira	Estética
23	Albérico Fraga	Catedrático	Legislação – Economia política
24	Walter Velloso Gordilho	Catedrático	Sistemas Estruturais
25	Américo Simas Filho	Catedrático	Organização do Trabalho – Prática Profissional
26	Oscar Caetano da Silva	Catedrático	Urbanismo e Arquitetura Paisagística
27	Admar Guimarães	Catedrático (Interino)	Organização Social das Cidades

Fonte: Fernando Luiz da Fonseca (1984, p.26, destaque nosso)

A segunda professora que aparece nos mesmos registros do *Catálogo Geral da Universidade Federal da Bahia* (1966) é Jacyra de Carvalho Oswaldo, ela

ministrava a disciplina *Técnicas de representação gráfica I*³⁹, acredita-se que tenha ingressado como professora regente no mesmo período de Vilma de L. Campos. Em 1966, Maria do Socorro Targino é admitida como Auxiliar de Ensino. Ela entra no cargo um ano depois de formada (1965) e permanece até 1970, quando é realizado o Concurso para Professor Assistente do Departamento V (o mesmo que trabalhava como Auxiliar de Ensino), sendo ela a única a se apresentar para o cargo. Se tomarmos como ponto de partida o ano de 1936, onde temos a primeira arquiteta diplomada, podemos concluir que a espera de quase três décadas para a inserção das mulheres no corpo docente demonstra como esse ambiente ainda era ríspido para a atuação feminina. No século XXI as mulheres, em Salvador, atuavam como professoras nos primeiros anos de formação do ensino infantil, campo que se tornou a escolha de muitas delas (como foi o caso de Yeda Gomes da Silva Barradas (arquiteta graduada em Salvador em 1953), não só na Bahia, mas em todo o Brasil. (LEITE, 1997) Segundo Almeida (1998), as mulheres eram vistas como seres aptos ao papel de formação das crianças, pois eram, segundo a sociedade, consideradas extensões da maternidade e do cuidado. Entendido como uma vocação natural feminina, a remuneração por este trabalho não era uma preocupação e, como consequência, quanto mais crescia o número de mulheres na profissão, mais precarizada ela se tornava.

A entrada de mais mulheres como docentes no ensino superior ocorreu de forma mais significativa nas décadas de 1970, em todo o Brasil (ARAÚJO, 2016), o que podemos apontar como reflexo do aumento significativo da inserção das mulheres no Ensino Superior e o contexto de reivindicação de direitos travados por elas na política. A atuação delas nesse espaço reforçou, em grande aspecto, a ideia de democratização do conhecimento, por romperem com o monopólio masculino da produção do tripé ensino, pesquisa e extensão (ARAÚJO, 2016). As mulheres, apesar de tardiamente praticarem a docência (comparado aos homens), se apresentavam em outras profissões essenciais, vistas como mais *adequadas* em relação às divisões sociais de sexo, segundo o contexto da época. Porém, elas mostravam, em sua atuação, expressiva competência, como o caso de Lúcia Silva

³⁹ A disciplina tinha como objetivo: “[...] desenvolver a criatividade do aluno na utilização da linguagem visual. Dá-se ênfase à pesquisa no campo formal e técnico.” (FONSECA, 1984, p. 184)

Mattos, homenageada como Corpo Administrativo na formatura dos diplomados de 1964 (FONSECA, 1984).

3.7 ATUAÇÃO PROFISSIONAL DAS ARQUITETAS SOTEROPOLITANAS

Sabemos que as poucas arquitetas diplomadas de que se tem conhecimento não conseguiram atuar de fato em seus próprios escritórios de arquitetura. A esfera pública, porém, era a escolha da maioria delas, atuando em instituições governamentais e, pelo que se observou nas entrevistas, realizando, muitas vezes em paralelo, atividades arquitetônicas ligadas a projetos residenciais, em especial casas de parentes, amigos ou suas próprias residências.

Tabela 3 - Arquitetas formadas em Salvador entre os anos de 1936 e 1969, em destaque os nomes das abordadas neste trabalho.

ARQUITETA	ANO DE DIPLOMAÇÃO
Lycia Conceição Alves	1936
Yêda Gomes da Silva Barradas	1953
Mary Kathryn de Oliveira	1954
Lêda Serra Saraiva Peixoto	1956
Vilma de Lima Campos	1956
Zélia Barreto de Almeida	1956
Orbele Coelho de Araújo	1957
Jane de Oliveira Vilares	1958
Arilda Maria Barreiros Cardoso	1959
Lêda de Souza Oliveira	1959
Maria Eunice Oliveira de Araújo	1959
Lúcia Maria Leal Gonçalves Pereira	1960
Yêda Pereira Robatto	1960
Fernanda Maria de Freitas Muniz	1961
Heloisa Telles de Oliveira	1962
Iza Vargas Leal	1962
Maria da Conceição Pereira Alves	1962
Anete Regis Castro	1963
Gilda Maria de Andrade Garcia	1963
Maria Sampaio Tavares	1963
Nadja Correia Gavazza	1963
Selma Maria Tavares	1963
Telma Lerner	1964
Maria de Lourdes Bautista Vidal	1965
Maria do Socorro Targino de Araújo	1965
Maria Lúcia Freire de Araújo	1965
Maura de Moura Fernandes	1965
Stella M. A. Rocha Lima	1965

Ana M. V. Fontenelle	1966
Ana Tereza D. Pontes	1966
Eduarlina de O. Almeida	1966
Margarida C. de M. Motta	1966
Sofia A. Bautista Vidal	1966
Zeneide B. Machado	1966
Analene Vieira Laurindo	1967
Célia Maria G. Viana	1967
Edyne de Souza Cruz	1967
Lélia Pithon Raynal	1967
Maria do Socorro Amorim Fialho	1967
Nívea Leite Mesquita	1967
Núbia Nunes Sarmento	1967
Rosa Alba Sarno	1967
Sheila Maria Cajazeira	1967
Terezinha L. G. Rios	1967
Esmeralda R. Cavalcante	1968
Isaura M.C. de Andrade	1968
Jane L. de A. Moreira	1968
Lícia Maria dos Santos	1968
Lígia Carvalho Machado	1968
Lúcia M.S. Guimarães	1968
Maria Â. Valente Cesar	1968
Ana M. de Góes Oliveira	1969
Blanca A. Právia Lopez	1969
Célia de Moura	1969
Darilda R. Guimarães	1969
Eliane V. Vargas Leal	1969
Elra Nunes Andrade	1969
Henia Alice Dunajer Micmacher	1969
Itanira Lima Bahiense	1969
Ivaneuza M. Leite Lima	1969
Lídia Luz Conceição	1969
Maria Cecília de A. Gomes	1969
Maria I. da R. Uchôa Costa	1969
Maria Luisa V. Coni	1969
Maria V. F. Espinosa	1969
Norma M. Cardozo	1969
Silvia de C. Lima Vargens	1969
Solange M. de M. Mutti	1969
Suzana D. de A. Baptista	1969
Vera Lúcia T. de Souza	1969
Virgínia de O. Kauark	1969

Lycia Conceição Alves (1936), infelizmente já é falecida, não podendo assim ser entrevistada. Por isso, buscamos reunir o máximo de informações e compilá-las para que possamos entender a importância de seu pioneirismo, além da singularidade de sua formação e atuação profissional. Além de Lycia, outras doze arquitetas soteropolitanas compõem este capítulo. Foram realizadas entrevistas individuais com cada uma delas: Lêda Serra Saraiva (1956), Maria Eunice Vieira de Oliveira (1959), Ana Maria Vasconcelos Fontenelle (1966), Maria do Socorro Fialho (1967), Ivaneuza Maria Leite Lima (1969), Virgínia de Oliveira Kaukark (1969), Lídia Luz Conceição (1969), Maria Cecília de Andrade Gomes (1969), Maria Vanda Fernandes Espinosa (1969), Silva Castro Lima (1969) e Norma Mascarenhas Cardoso (1969). Além delas, também foram entrevistados parentes próximos da arquiteta Arilda Maria Barreiros Cardoso (1959), pois a mesma se encontra em frágil estado de saúde. Nesse caso, sua filha, Sara Cardoso Sousa, e sua irmã mais nova, Dange Cardoso, conseguiram passar suas perspectivas e um pouco do que Arilda vivenciou. Por fim, o arquiteto e professor Pasqualino Romano Magnavita, atuante desde 1959 na Faculdade de Arquitetura da UFBA, também foi incluído como entrevistado em especial porque fez parte do quadro de docentes na época e, assim, pôde transmitir uma visão tanto da atuação enquanto professor, quanto como arquiteto. Veremos à frente a trajetória dessas profissionais.

3.7.1 Lycia Conceição Alves (1936)

Entre as arquitetas estudadas, Lycia Conceição Alves (1904-2014) (GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 2014) se torna uma pioneira de grande admiração por vários motivos. Ela teve uma trajetória de vida muito dura, sua mãe, ainda na infância, veio a falecer, o que a levou a morar com sua madrinha; antes mesmo de ingressar no curso de arquitetura, estudou música, matemática e pintura. (REVISTA CREA-BA, 2005) Negra e descendente de escravos, teve grandes dificuldades financeiras; segundo a amiga, Dolores Magalhães, ao entrar na universidade não havia dinheiro nem mesmo para o transporte, fazia a pé o trajeto da Barra até a Baixa dos Sapateiros⁴⁰, local onde funcionava o curso de arquitetura, no antigo prédio de Belas Artes. (REVISTA CREA-BA, 2005).

⁴⁰ Para os que não são de Salvador, o caminho é de mais ou menos 5,5 km, cerca de uma hora e alguns minutos de caminhada.

Figura 3– Foto de Lycia Conceição Alves.



Fonte: Imagem cedida pela Pesquisa *Cadê as arquitetas modernas baianas?*, 2019.

O pouco dinheiro que ganhava, usava na compra de livros. (REVISTA CREA-BA, 2005) Mesmo com todas as dificuldades era uma das melhores alunas em meio ao universo masculino da Escola, o que pode ser comprovado em seu histórico escolar. (REVISTA CREA-BA, 2005) Seu currículo escolar destoa dos demais cursados pelas arquitetas entrevistadas por ter algumas matérias diferentes, isso se dá pois, após sua formação, o registro da próxima arquiteta é de 22 anos depois, quando a grade curricular já tinha sofrido algumas alterações. As notas não eram dadas com uma classificação numérica, eram utilizadas nomenclaturas:

As notas de julgamento eram a aprovação com: distinção, plenamente, simplesmente e reprovado. Seria aprovado com: distinção, nota superior a 9,5; plenamente, média compreendida entre 6 inclusive e 9,5 inclusive; simplesmente, média compreendida entre 3,5 exclusive e 6 exclusive. (VALENTE, 2004)

Na primeira série Lycia teve três disciplinas, duas aprovadas com distinção e uma descrita como 1º lugar, o que por livre interpretação cremos ser um dez. Na tabela abaixo podemos constatar que nas séries seguintes ela também teve um bom desempenho:

Tabela 4 - Disciplinas cursadas por Lycia Conceição Alves

1ª Série		3ª Série		5ª Série	
Desenho Geométrico	Distinção	Desenho de Figura (gesso)	2º Lugar	Teoria e Composição Arquitetônica	3,6
História Geral e Mitologia	Distinção	Archeologia e Estética	Distinção (10)	Mat. Const. G. Est. Estab. Das Cost.	7,0

Desenho de Estampa	1º lugar	Anatomia e Fisiologia Artísticas	Distinção (10)	Física Ap. as Cost. Higiene da Hab.	7,0
2ª Série		4ª Série		6ª Série	
Desenho	1º lugar	Aprovado por Decreto nº 19.404, de 14 de novembro de 1930.		Urbanismo	7,0
História das Artes	Distinção			Leg. Const. Cont. Ad. Noç. Econ. Política	8,0
Geometria Descritiva	Plenamente			Arquitetura Paisagista	9,0
Perspectiva de Sombra	Simplemente			Composição de Arquitetura	6,0

Fonte: Elaboração da autora, 2019, com base no arquivo da FAUFBA.

Na quarta série aparece sua aprovação mediante o Decreto nº 19.404, de 14 de novembro de 1930, se refere a seguinte promoção:

Ficam promovidos, independentemente de exames, à serie ou ano superior imediato, na presente época do atual ano letivo, os alunos matriculados nos cursos superiores oficiais, oficializados e equiparados, bem como nos institutos de ensino artístico superior subordinados ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, desde que comprovem haver frequentado mais de metade das aulas dadas em cada cadeira (Art. 1ª, Decreto 19.404, 14 de novembro de 1930)⁴¹.

Neste ano, ocorre uma paralização das aulas em todo o país, por isso a implementação do Decreto, mas isso parece não ter interferido na continuação e finalização de Lycia no curso. No mercado de trabalho, entra novamente para a história como a única mulher a trabalhar como topógrafa, no Serviço de Águas e Esgotos da Bahia, atual Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A. (Embasa). (REVISTA CREA BAHIA, 2005) Sua única obra como arquiteta é a intervenção que realizou na própria casa que residiu, situada à Travessa Firmino, no bairro do Politeama.

Trata-se de uma casa geminada, atualmente a fachada de uma delas infelizmente foi nitidamente descaracterizada, a mais antiga demonstra manter as características iniciais (na qual Lycia Alves morou até sua morte, aparentemente abandonada atualmente), porém seria necessária uma pesquisa mais aprofundada para afirmar sobre alterações e características originais, infelizmente nos limitamos apenas a análise superficial. (ADAME; SANTOS, 2019)

Segundo seu afilhado, Lycia também realizou outras atividades, entre elas, a fundação da Sociedade Protetora dos Animais, que perdurou até os 90 anos e foi fruto de seu cuidado para com os bichos. (REVISTA CREA BAHIA, 2005) Antes de

⁴¹ CAMARA DOS DEPUTADOS. Legislação Informatizada - Decreto nº 19.404, de 14 de nov. de 1930 - Publicação Original Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19404-14-novembro-1930-513509-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 14, out. 2019.

seu falecimento, e também depois, foi homenageada pelo Crea-BA, em parceria com o Sindicato dos Arquitetos e Urbanistas da Bahia (Sinarq), pela Sociedade e Amigos da Marinha (Soamar)⁴², da qual é sócia efetiva e pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, por estar à frente de seu tempo. (REVISTA CREA BAHIA, 2005)

3.7.2 Lêda Serra Saraiva Peixoto (1956)⁴³

Filha de pai médico e mãe pintora, Lêda Serra Saraiva nasceu no município de Itaberaba, em 1932. Pensava muito em seguir a carreira do pai, cita até em alguns momentos que o auxiliava na aplicação de vacinas em crianças no interior. Porém, confessou que não gostava muito de ver sangue, e sim de desenhar, como a mãe. Além da afinidade com o desenho, lhe sobrava talento. Amante do voleibol, chegou a ser tricampeã pela Associação Atlética da Bahia.

Figura 4 – Recorte de jornal onde aparece a atuação de Lêda S. S. Peixoto no time de voleibol.



Fonte: Acervo pessoal de Lêda S. S. Peixoto, 2019.

⁴² Não foram encontradas mais informações sobre as datas que ocorreram as homenagens.

⁴³ Todas as citações de Lêda S. Saraiva Peixoto / (PEIXOTO, 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com a mesma, em Salvador-BA, em dezembro de 2019.

Na época, seu tio, era arquiteto e amigo de Diógenes Rebouças e, tendo ele um contato direto com os desenhos de Lêda, a induziu a cursar arquitetura, por seu talento e também pelo cenário de progressividade em que a construção civil brasileira se encontrava. O pai, sempre a favor de seu crescimento, apoiou a iniciativa.

Quando Lêda S. Saraiva iniciou seus estudos, apenas três mulheres haviam entrado no curso de arquitetura antes dela: Lycia Conceição Alves, Yeda Gomes da Silva Barradas e Mary Kathryn de Oliveira. Junto com ela, em 1952, entraram Vilma Lima Campos e Zélia Barreto de Almeida, que além de colegas de turma se tornaram amigas. Yeda Gomes da Silva Barradas era da mesma turma do futuro esposo de Lêda. Segundo ela, o fato de ter estudado até o momento no Colégio das Sacramentinas (coordenado por freiras e onde estudavam apenas moças), tornou aquele novo ambiente um espaço de novidade, não demorando muito para aproveitarem o novo cenário para *paquerar*. Foi assim que ela e seu marido se aproximaram. Segundo Lêda (2019), foi “ [...] um ano de paquera, dois anos de namoro e mais dois anos de noivado”. Seu pai deixava claro seu posicionamento em relação ao casamento: -“Só casa depois de formar”. E assim foi, formada no dia 17 de dezembro de 1956, casou-se dia 25 do mesmo mês. Seu esposo também era arquiteto; J. Alvaro Peixoto, mesmo antes de formar, já fazia projetos e montou, junto com seu companheiro de classe, Emmanuel Berbet, o escritório *Berbet e Peixoto*.

Quando questionada sobre como se sentia em meio ao convívio diário praticamente apenas com figuras masculinas, Lêda afirma que não havia nada que lhe incomodava, o convívio era amigável e respeitoso, tanto por parte dos alunos, quanto dos professores, que sempre a elogiavam pelos trabalhos.

Eu tinha orgulho de uma coisa. Eu tinha respeito, que hoje eu não queria ser mocinha. Você sabe que eu sou contra: ‘eu sou mulher quero respeito’, eu sou contra, eu fiz até um escrito, mas ninguém me respondeu. Para mudar o slogan: ‘eu respeito para ser respeitada’. Eu boto os peitos de fora, bunda de fora, remexo para lá, homem que é homem se o orgasmo sobe. Aí; ‘sou mulher quero respeito’. Está errado; ‘eu respeito para ser respeitada’. Nunca um colega meu dizia uma piadinha na nossa vista. Tinha uma escada de espiral, naquele tempo a gente usava umas saias rodadas ninguém ficava embaixo para ver as pernas da gente. (PEIXOTO, 2019)

Depois de formada, mesmo com convites para atuar profissionalmente, prolongou em sete anos sua entrada no mercado de trabalho para se dedicar à maternidade.

Figura 5 – Foto de Lêda Serra Saraiva Peixoto, álbum de formatura



Fonte: Acervo pessoal de Lêda S. S. Peixoto, 2019.

O primeiro filho veio logo após o casamento (1958) e o segundo em 1962. Infelizmente o segundo havia nascido com comunicação interventricular, o que exigiu alguns cuidados especiais durante seus primeiros anos de vida. Após uma cirurgia do filho mais novo, cessou-se a causa de sua enfermidade e Lêda foi, então, aconselhada pelo próprio médico a procurar atividades que a desprendessem de um possível cuidado em excesso. Em 1964, então, ela aceita o convite para trabalhar como arquiteta da Prefeitura Municipal de Salvador e começa assim sua jornada profissional, atuando na esfera pública, onde se mantém até sua aposentadoria. Após apurado seu tempo de Função Gratificada e Cargo em Comissão foi designada para exercer a função de Chefe de Seção de Cadastro da Divisão de Urbanismo, assumindo o exercício em 1967. Sua tarefa no cargo era avaliar se os projetos arquitetônicos tinham ou não condições de serem executados. Posteriormente, aproximadamente entre 1976 e 1977, é realocada para o cargo de Chefe da sessão da Secretaria de Urbanismo e Obras Públicas (SUOP), sendo designada a substituir Luís Carlos Leal Braga⁴⁴ nos seus impedimentos eventuais.

⁴⁴ Secretário de Urbanismo e Obras Públicas do Município de Salvador, entre 1976 e 1977. Para mais informações sobre Luís Carlos Leal Braga acessar: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Dispo nível em: <www.fgv.br/cpdoc>. Acesso: 2 set. 2019.

Ela se torna, nesse momento, a primeira e única mulher a assumir o cargo⁴⁵. Esteve presente nesse departamento até 1984, exercendo funções como: Assistente de Secretário, Assessora Técnica (1977) e Diretora de Departamento. Após isso, em 1987, se muda para a Secretaria de Finanças (SEFIM) onde se mantém até se aposentar, em 2009. Sobre o seu espaço de trabalho, Lêda relata que no início existiam poucas mulheres. Quando se estabelece o recorte de profissionais especificamente de arquitetura esse número é ainda menor, afinal, em 1956 apenas seis mulheres haviam se formado e somente com o passar do tempo esses números foram aumentando.

Apesar de exercer sua trajetória exclusivamente na esfera pública, Lêda chegou a realizar alguns projetos residenciais, ou ao menos discutir com seu marido projetos que ele levava do escritório para casa. Obviamente não podia assiná-los, devido ao cargo que ocupou na Prefeitura, não podendo nem mesmo avaliá-los quando estes chegavam ao órgão municipal. Sobre essa atividade, ela relata:

As obras residenciais eram diletantismo porque não havia tempo suficiente, eu trabalhava de manhã e de tarde, eram dois turnos. E tinha família, tinha casa, tinha tudo, não dava. O meu trabalho me absorvia, não dava para eu trabalhar no escritório de arquitetura senão eu perdia o emprego. Nunca pensei em sair da prefeitura porque eu gostava, porque você não se sentia uma máquina analisando projetos, todo dia era um projeto diferente: uma casa proletária, um loteamento, todo dia uma coisa diferente. Não é aquele trabalho que fica só batendo carimbo. (PEIXOTO, 2019)

Para ela, a atuação na esfera privada ou em conjunto a seu marido nem mesmo passava por seus pensamentos, pois lhe satisfazia e muito seu trabalho nos órgãos públicos, e também havia uma demanda de atividades domésticas e maternas que dependiam de sua presença. Atualmente, fala com orgulho de seu proceder, sua integridade e do saber que rodeavam seu trabalho; seus pareceres dentro da prefeitura, durante todos esses anos, se baseavam nos ensinamentos de seu pai, eram sempre "[...]dentro do certo e do direito." (PEIXOTO, 2019) Independente de quem eram os projetos, públicos ou privados, o tratamento era o mesmo, seguindo à risca a lei e os procedimentos necessários para a aprovação.

⁴⁵ Dados retirados do prontuário da servidora Lêda Serra Saraiva Peixoto – Estado da Bahia, Prefeitura Municipal do Salvador (aproximadamente 1990). Fonte: Documentos cedidos por Lêda Serra Saraiva Peixoto.

3.7.3 Arilda Maria Barreiros Cardoso de Souza (1959)⁴⁶

As informações dispostas aqui, diferente das referentes às demais arquitetas, não foram cedidas pela própria Arilda pelo fato da mesma não poder ser entrevistada. Disponibilizaram-se, então a contribuir com a pesquisa sendo entrevistadas, uma de suas filhas, Sara Cardoso Sousa, e a irmã de Arilda, Maria Ângela Barreiros Cardoso (Dange)⁴⁷.

Arilda Maria nasceu em Conceição de Feira - BA, em 1935, assim como seus irmãos, e, aos doze anos, saiu do interior e veio estudar em Salvador já que lá não havia ginásio. Chegando em Salvador morou com seu tio, Padre Alcides, e sua avó, no Rio Vermelho, até ser admitida no *Colégio Mercês*, um colégio interno de freiras. (PERSONAGEM DO RIO VERMELHO ARILDA MARIA CARDOSO DE SOUSA, 2014) Segundo Maria Ângela, a comunicação com a família era feita por ligações que eram solicitadas pela manhã e muitas vezes só chegavam de noite, o trajeto de Salvador até o interior era de cerca de cinco horas de trem; apesar da distância, os pais sempre apoiaram os estudos, inclusive na escolha das profissões dos filhos. Maria Ângela afirma que a liberdade de escolha era algo presente, e Sara Cardoso Sousa reforça que isso foi passado para sua geração por sua mãe, que sempre apoiou suas ideias e as da irmã.

Depois que saiu do ginásio de freiras, começou os estudos no *Colégio Estadual da Bahia*⁴⁸, também conhecido como *Colégio Central*, reconhecido como um dos melhores colégios da época. Nesse tempo do ginásio volta a morar na casa do tio e posteriormente, durante sua graduação, morou em algumas pensões do centro de Salvador. (PERSONAGEM DO RIO VERMELHO ARILDA MARIA CARDOSO DE SOUSA, 2014) A ideia de cursar arquitetura surgiu através de um colega de sala. Ele estava decidido a cursar medicina e ouvia de Arilda que

⁴⁶ Todas as citações de Sara Cardoso Sousa e Maria Ângela Barreiros Cardoso (Dange) / (SOUSA, 2019) e (CARDOSO, B., 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com as mesmas, em Salvador-BA, em dezembro de 2019.

⁴⁷ Sara C. Sousa formou-se em arquitetura, em 1986, mas passou a trabalhar com administração e hoje é responsável pelo Hotel Catharina Paraguaçu. Maria A. B. Cardoso também é arquiteta, formada em 1972, participou conjuntamente de trabalhos com Arilda, entre eles: o projeto de conservação e restauração arquitetônica e paisagística do Forte do Barbalho (2006), projeto arquitetônico-interiores-paisagismo-coordenação: Museu de Arte da Bahia (2006) e o projeto urbanístico da encosta de Pirajá (2009). (CARDOSO, B., 2019)

⁴⁸ Entre as fichas dos alunos e candidatos do vestibular, o nome do Colégio Estadual da Bahia repetitivamente, além de ser um dos poucos disponíveis, também era muito disputado.

escolheria o curso farmácia como profissão, então a questionou: “Mas Arilda, você desenha tão bem, você é tão boa aluna de matemática, de física. Por que você não faz arquitetura? Ela respondeu: ‘E existe isso?’ Ela nem sabia que existia.” (CARDOSO, B., 2019)

Já na faculdade, Arilda era reconhecida como uma pessoa muito criativa e pertencente a uma turma unida, que realizava encontros anuais. Depois de formada, ela foi contratada pela Prefeitura, passando a trabalhar na Superintendência de Urbanização da Capital (SURCAP)⁴⁹; no cargo, era responsável por todo um trabalho técnico, envolvendo desenho de ruas, greide, etc. Nesse período foi convidada a construir o GT de áreas verdes de espaços abertos do Órgão Central de Planejamento (OCEPLAN). (PERSONAGEM DO RIO VERMELHO ARILDA MARIA CARDOSO DE SOUSA, 2014) Segundo Dange, foi um projeto realizado com cuidado e à espreita, estava prevista uma grande onda imobiliária e ela foi convidada pelo prefeito regente, Jorge Hage Sobrinho, a ajudar na preservação de algumas áreas, encomendando então o cadastro de todas as áreas verdes de Salvador.

A gente foi fazer todo o limite dessas áreas. O plano existe, virou lei, e ficaram mantidas, o resto todo acabou. Aí veio para ela essa coisa do paisagismo. A primeira coisa que ela foi fazer foi conhecer as espécies, foi estudar no Instituto de Botânica para fazer aula com a professor Hortência, na UFBA. Ela fez o Plano de Áreas Verdes para proteger e depois ela foi conhecer a arquiteta Rosa Kliass. Salvador já tinha o plano de preservação com lei e tudo, um arquiteto daqui foi para lá fazer mestrado, Heliodório, que falou do trabalho de Arilda. Aí Rosa veio para fazer o plano paisagístico, elas ficaram muito amigas. (CARDOSO, B., 2019)

O Plano de Áreas Verdes de Salvador foi realizado por uma equipe técnica liderada por Arilda, entre os anos de 1975 à 1982, e também contou com a consultoria da paisagista Rosa Kliass. A instituição responsável era a própria Prefeitura Municipal de Salvador, através do Órgão Central de Planejamento (OCEPLAN) e do Plano de Desenvolvimento Urbano da Cidade do Salvador (PLANDURB). O estudo tinha como enfoque a preservação dos recursos naturais de Salvador devido a uma prevista expansão imobiliária na cidade. As áreas verdes e os espaços abertos da cidade foram sistematizados e caracterizados, depois,

⁴⁹ Não se tem informações ao certo de seu ano de contratação, mas se enquadra entre 1960, ano seguinte a diplomação da arquiteta, e 1975, ano em que Arilda foi convidada a participar da construção do Plano de Áreas Verdes de Salvador. Seguindo a lógica curricular de seus trabalhos, acreditamos que em 1963 ela já estava na prefeitura, porque, com base em seu currículo, não realizou nenhum projeto particular nos anos de 1964, 1965 e 1967.

foram estabelecidos parâmetros e recomendações, definindo assim o “[...] sistema de Parques de Recreação articulado com a política de Proteção às Áreas Verdes.” (OLIVEIRA, 2014, p.94)

O trabalho de Arilda com Rosa Kliass rendeu uma amizade, elas tinham filhos com idades parecidas e acabaram se tornando famílias próximas. Elas também realizaram um congresso internacional de paisagismo em 1978⁵⁰. Em certo momento, Arilda sai da Prefeitura e começa a trabalhar com projetos independentes. Segundo sua irmã, Dange, o ambiente de trabalho afetava muito a ela, o que a fez querer migrar.

Ela saiu porque não tinha condições mais dela ficar lá, porque ela estava vendo o plano dela moí [sic]. No escritório ela driblava os arquitetos que queriam derrubar uma árvore, ela ajudava a mudar o projeto da pessoa para manter a árvore. Começou a ficar ruim para um homem, você chega em um homem para dizer que ele fez um negócio errado, né? Nisso ela começou a ficar muito mal e ela saiu e foi trabalhar com projetos particulares, e na prefeitura da UFBA com a mãe de Anuxa, ela veio para a prefeitura da UFBA fazer paisagismo. [...] Porque para ela não dava mais para ver a coisa destruindo. Aí ela veio trabalhar na prancheta dela dentro de casa com obras particulares, deixou a cidade. É como se ela tivesse sido posta para fora, ninguém mandou ela embora, mas não se sentia mais confortável, estava sofrendo muito. (CARDOSO, B., 2019)

Nessa fala, Dange aponta o fato de que no ambiente de trabalho havia homens que discordavam das posições que Arilda tomava e, tanto seu ideal quanto o fato de ser uma mulher os questionando, impactavam negativamente seu convívio dentro da Prefeitura. Sua filha, Sara, discorda do relato e acredita que, independente de ser uma mulher ou um homem, a posição dos arquitetos e demais responsáveis que não priorizavam a preservação das árvores seria a mesma: “Mas qualquer um que tivesse na posição dela que ela estava, um homem que fosse, na posição de querer preservar sempre é contestado.” (SOUSA, 2019)

É certo que a maioria das arquitetas que atuavam na esfera pública eram, muitas vezes, convidadas, mas Arilda foi uma das poucas que desenvolveu a carreira como profissional independente. Aparecem alguns motivos possíveis dessa diferenciação, como o apoio de seu companheiro:

Ela teve muito apoio do meu pai também para fazer isso, teve essa retaguarda de poder fazer o que gostava e se dedicar a projeto, e tinha hora que ela brincava assim: olha, nesse projeto eu estou pagando para

⁵⁰ O congresso se chamou: XVII Congresso Mundial - International Federation of Landscape Architects World Congress. Paisagismo e desenvolvimento (1978), e foi realizado em Salvador – Bahia, pela International Federation of Landscape Architects (IFLA). (CARDOSO, B. 2019)

trabalhar. Então muita coisa, Campo Grande mesmo; ‘Paguei para trabalhar’, teve uma época que passou a ser uma satisfação pessoal dela, mas porque ela tinha uma retaguarda, as vezes as pessoas não têm essa retaguarda e tem que estar ali cumprindo. (SOUSA, 2019)

Outros dois motivos eram a qualidade da arquitetura que ela produzia e o valor que cobrava pelo seu trabalho.

[Sara:] Pelo diferencial da arquitetura dela, das casas que ela fazia, uma via, outro já vinha conversar. [Dange:] E o preço também, cobrava mais barato. Ela nunca foi de cobrar na tabela porque não tinha despesa de escritório. Quando você tem despesa de escritório. [Sara:] Ela não era arquiteta estrela sabe, e eu via muita paixão nas pessoas. Era assim: ‘ Eu quero meu projeto, eu quero morar numa casa como essa’. [Dange:] E ela era uma *griffe*, era uma *griffe*, a casa de Arilda. [Sara:] Tinha essa coisa da arquiteta. [Dange:] A pessoa queria comprar um projeto na mão dela porque ela era... [Sara:] Todas as casas dela são integradas, ela não jogava uma árvore no chão. [Dange:] Ela entregava a casa na topografia, entendeu muito de topografia de Salvador, muito, muito, muito. (SOUSA e CARDOSO, B., 2019)

O primeiro projeto arquitetônico de Arilda enquanto autônoma foi sua própria casa, que teria cerca de 50 anos de construção atualmente. No entanto, fora demolida recentemente após ser vendida a um empreendimento que infelizmente demoliu tanto a residência, como grande parte das árvores do espaço:

Você vê lá na casa que o pessoal vai fazer uma escola, quando apresentaram o layout do projeto da escola eu achei interessante porque tinha um ponto verde: ‘ - Que legal, vai ficar as árvores todas aí’. E também tinha na legislação que só poderia derrubar 20% das árvores, acho que não sobrou nem 20%, foi exatamente o oposto. A gente tem aquela cultura de tirar tudo, para plantar eucalipto. Tinha muita árvore antiga, frutífera. (SOUSA, 2019)

Figura 6 – Área comum do Condomínio Mata Maroto.



Fonte: foto realizada pela autora, dez/2019.

A casa estava anexada ao Condomínio Mata Maroto, construído também por ela. São seis casas distribuídas pelo loteamento, lá também reside Maria Eunice, arquiteta, ex-colega de classe da faculdade e amiga próxima de Arilda. Os caminhos do condomínio foram delimitados a partir do contorno das árvores, mantendo-as todas preservadas. Trata-se de um ambiente muito verde, que garante momentos de caminhadas agradáveis e privacidade aos moradores.

O escritório de Arilda não tinha uma sala comercial, ela trabalhava em casa. Havia estagiária, sua prancheta, etc., mas era em casa, o que facilitou a criação de suas duas filhas. Nas palavras de Dange (2019): “Essas meninas foram criadas em cima da prancheta”. Arilda se casou no mesmo ano de formada e aproximadamente um ano depois teve a primeira filha⁵¹, mas não interrompeu sua carreira em nenhum momento por conta disso. Ela e o marido, o empresário José Raimundo de Sousa, eram muito independentes financeiramente, cada um seguiu sua profissão, sempre em apoio mútuo. Sara diz que eram muito unidos, principalmente no início, quando ainda estavam começando e as coisas eram mais difíceis financeiramente.

Eu me lembro que... é uma memória de quando tinha uns oito anos, quando a gente saiu do apartamento que eram dois quartos, e um quarto era deles e o outro quarto era eu, minha irmã e a prancheta. [...] Sabe quem é Zé Roberto? Ele é da defesa civil, era meu babá. Ele era estagiário dela, eu ficava com eles desenhando lá. Podia naquela época né...ele ficava me entretendo enquanto ela estava em reunião, ou trabalhando. Não era todo dia, mas me lembro que alguns dias eu acabava indo para lá. (SOUSA, 2019)

Para conciliar as atividades, Arilda contava com a ajuda de Laíde, babá de sua filha mais nova. Segundo Dange, era comum nessa época pessoas do interior querendo e precisando trabalhar na capital, então eles migravam do interior e moravam nas casas onde também trabalhavam: “Tipo secretária, trabalhando uma ou duas, tinha babá, tinha cozinheira, ou tinha uma pessoa que fazia tudo...ajudava.” (CARDOSO, B., 2019) Laíde trabalha até hoje com a família, tendo mais de 50 anos de vínculo com eles. “Uma vez vi ela fazendo um agradecimento a Laíde, dizendo que sem ela não conseguiria fazer o que ela fez. Ela conseguia sair e deixar as filhas com ela tomando conta. É importante se ter alguém de confiança que você possa deixar, talvez por isso ela conseguiu conciliar.” (SOUSA, 2019)

⁵¹ Arilda teve duas filhas: Sara Cardoso Sousa e Carol Cardoso Sousa, formada em Publicidade e Marketing (PERSONAGEM DO RIO VERMELHO ARILDA MARIA CARDOSO DE SOUSA, 2014)

Não tinha creche, ou lugar nenhum que se deixava a criança. Não existia isso, ou é com mãe e pai, ou era com a pessoa. Mesmo que fosse com mãe e pai tinha que ter uma babá, isso era normal na nossa geração. Hoje é muito mais caro, hoje você bancar uma pessoa dessa é muito mais caro. Naquela época não era assim tão caro, era comum. (CARDOSO, B., 2019)

Durante o tempo em que atuou como arquiteta executou mais de cem projetos, tanto na área pública quanto privada, de residências, instalações de instituições culturais, hospitalares e clínicas médicas, comerciais e industriais, restauração e reutilização de edifícios de mérito arquitetônico, paisagismo (projetos e planejamentos)⁵². Um bairro de Salvador a qual dedicou muito de seu trabalho foi o Rio Vermelho. Havia uma proposta inicial de empreendimento, com mudanças urbanísticas, construção de bares e lojas, o que descaracterizaria a preservação dos edifícios antigos. Logo, ela, moradores e comerciantes interessados, entre eles também estava Maria Eunice, se uniram para fazer uma proposta de projeto para o Rio Vermelho sem que fosse feita qualquer construção nova: “Aquela parte próxima às igrejas, só próximo à parte mais antiga do Rio Vermelho foi toda preservada mesmo, não se deixou construir prédio nem nada.” (OLIVEIRA, 2019)

Nós fizemos um trabalho, ‘O RIO VERMELHO QUE QUEREMOS’. Apresentamos ali na Igrejinha para o prefeito João Henrique que perguntou à secretária, na época Kátia Camelo, que disse que o Rio Vermelho já é uma área de proteção paisagística que você pode construir até nove, dez metros de altura, não é correto. Temos é que fazer uma política de preservação.

Arilda estava à frente, confrontando, mas sempre de maneira muito inteligente, com proposta, projeto, etc.

No Rio Vermelho encontramos também o *Hotel Catharina Paraguaçu*, e a *Villa Forma Academia*⁵³ ambos antigos casarões trabalhados por Arilda. As obras do hotel se iniciaram em 1990 e foram finalizadas em 1993, ano de inauguração do mesmo. No terreno já existia uma casa do século XIX, conhecida como Palacete dos Gonzaga, ela foi preservada e integrada à nova estrutura que fora construída. Arilda adaptou a antiga casa às necessidades de um hotel. Caminhando internamente entre um espaço e outro quase não se percebe a transição entre o antigo e o novo. Logo na entrada existe um mural de fotos, uma colagem com fotos

⁵² Na tabela do apêndice B, é possível visualizar a lista com os projetos realizados por Arilda, e também as demais arquitetas. No Anexo A também estão disponíveis mais fotos dos projetos de Arilda Maria.

⁵³ No projeto anterior, antes das intervenções de Arilda, se situava o Casarão Avenida Saudável da segunda metade do século IX. (JORNAL DO RIO VERMELHO, 2014)

cortadas e montadas uma a uma por Arilda, mostrando o processo de construção do hotel. Ela manteve a preocupação em nomear as pessoas presentes nas fotos: estagiários, pedreiros, ajudantes, etc. O que se entende é que ela compreendia a obra como uma construção coletiva, onde todos precisavam ser lembrados.

Figura 7 – Registro de Arilda Maria C. Sousa, do período de construção do Hotel Catharina Paraguaçu.



Fonte: fotos realizadas pela autora, dez/2019.

Figura 8 – Trechos do mural de fotos construído por Arilda Maria C. Sousa, do período de construção do Hotel Catharina Paraguaçu.



Fonte: fotos realizadas pela autora, dez/2019.

O hotel reúne uma série de histórias: algumas não conhecidas, como a da casa mais antiga e da família que viveu nela; a história de restauração e reforma do hotel, contada por Arilda no mural de fotos; e, para além das muitas histórias que

devem ter acontecido naquele lugar e não sabemos, Sara conta sobre os murais de azulejo pensados por Arilda. Na época não existiam azulejos decorados prontos, como hoje são produzidos e distribuídos em grande escala nas lojas. Quando um arquiteto ou artista tinha um projeto de uma cozinha, ou de uma borda de piscina, com desenhos em azulejo, encomendava-se para Udo Knoff, artista plástico muito prestigiado em Salvador, pintar. A produção de Udo perpassava um momento de teste, em que ele pintava e o que não dava certo armazenava no quintal de sua olaria.

Quando a gente estava fazendo o hotel, ela [Arilda] pensou isso: 'Udo você me vende aqueles azulejos que estão ali no quintal?'. [Udo:] 'Por que você quer isso Arilda? Só tem sobra de azulejo'. [Arilda:] 'Não... quero fazer um negócio. A quanto você me vende?' ...[Udo:] 'Não, a gente vai trocar, você me dá azulejo branco que aí eu faço para vender.' (SOUSA, 2019)

Após a negociação, Sara solicitou a ajuda de um rapaz que trabalhava na casa e foi ao escritório de Udo separar os azulejos. Chegando lá, Udo disse que não poderiam escolher os azulejos, teriam que levar tudo, e eles levaram:

Levamos tudo para casa, a gente levou meses separando por cor, nas caixas de bacalhau. A gente separava por cor os tons do azulejo e depois a gente foi montando o painel. Tinha uma mesa de pingue pingue-pongue, a gente montava, enumerava. E saía catando: tinha uma parte de uma santa aí, uma parte da santa estava aqui, outra lá, porque era um lixão de azulejo. A gente saiu montando esse mosaico, montando as flores e aí faltava um pedaço. Ficávamos até de madrugada, depois a gente virava, enumerava todos, colocava na caixa que quando pedreiro vinha tinha que arrumar na ordem que a gente tinha feito. (SOUSA, 2019)

Figura 9 – Um dos murais do Hotel Catharina Paraguaçu.



Depois de alguns meses montando e enumerando o mosaico, a ideia de Arilda foi concretizada e o hotel Catharina Paraguaçu estava prestes a ser inaugurado. Udo ainda não tinha visto os murais⁵⁴, e na verdade não sabia nem mesmo o que Arilda tinha planejado executar com os azulejos. Na véspera da inauguração ela o convidou e o trouxe para ver o que havia feito com seu trabalho, Sara afirma:

É uma das cenas mais bonitas que eu lembro assim: quando ele chegou e passou nesse corredor aqui e chegou ali, e viu, e viu o outro painel, ele sentou na cadeira e começou meio que chorar, ele falou assim: "Gente, passou um filme da minha vida aqui, agora. Todo trabalho que ele fez, era o trabalho de uma vida inteira de um artista. (SOUSA, 2019)

Diante do trabalho o artista se emocionou, tudo o que havia produzido durante sua carreira profissional estava reunido e documentado, um pedaço de cada trabalho. Segundo Sara: "Ele já estava doente nessa época e um tempo depois veio a falecer. Foi uma cena muito bonita." Ainda segundo a filha de Arilda, ele disse: "Eu não imaginava o que ia fazer com esses azulejos, jamais imaginei que ia ficar tão bonito. Para ele não era nada, era resto." (SOUSA 2019)

Como já dito anteriormente, Arilda realizou inúmeros projetos ao longo de sua carreira, o que torna a escolha de um deles como o mais importante muito difícil. Porém, por todo o cuidado durante o planejamento e execução, além da visão artística e da representatividade que até hoje ele possui, podemos dizer que o hotel Catharina Paraguaçu foi uma de suas maiores realizações profissionais.

3.7.4 Maria Eunice Vieira de Oliveira (1959)⁵⁵

O interesse de Maria Eunice pela arquitetura começa com a influência de outra arquiteta, Jane de Oliveira Vilares (formada em Salvador em 1958), alguns anos mais velha que Maria Eunice, ela estudava arquitetura enquanto Maria Eunice ainda estava se preparando para o vestibular. De início, Maria Eunice estava decidida a estudar engenharia civil para seguir o exemplo da família, pois tinha um irmão engenheiro. O ambiente de estudo preparatório anterior ao vestibular, todavia, não era muito acolhedor, segundo ela: "[...] realmente se teve bastante, como se diz... não me senti à vontade na escola porque existiam pouquíssimas mulheres e só

⁵⁴ No Anexo A é possível ter acesso a mais fotos dos murais e também fotos do Hotel Catharina Paraguaçu como um todo.

⁵⁵ Todas as citações de Maria Eunice Vieira de Oliveira/ (OLIVEIRA, 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com a mesma, em Salvador-BA, em dezembro de 2019.

“... tinha quase homens.” (OLIVEIRA, 2019) Foi então que um dia sua amiga Jane lhe convidou para participar de uma festa organizada pelo curso de arquitetura, ela foi e se sentiu em um ambiente completamente diferente. Diante disso, ao se deparar com uma nova opção de curso e sentir uma identificação bem maior com a arquitetura, decidiu que seu vestibular seria para esse curso. Por parte da família não houve questionamentos, seu pai já era falecido, em decorrência de uma morte acidental quando Maria ainda era um bebê. Na época ainda não existia a Faculdade de Arquitetura, apenas o curso de arquitetura vinculado à Escola de Belas Artes da Bahia. As turmas eram pequenas, entre doze e treze alunos, o que facilitava o entrosamento entre eles. Havia professoras, mas vinculadas aos cursos de arte: “[...] tinha do pessoal de pintura que dava aula na arquitetura, mas de arquiteto, mulher... como professora... não.” (OLIVEIRA, 2019)

Segundo Maria Eunice não havia diferenças entre os homens e as mulheres no curso, ela não descreve situações de discriminação ou coisa do gênero, relata apenas a vivência com um dos alunos especificamente, que era machista.

Tinha alias um colega que ele era muito machista, ele ... [inaudível] a gente à uma distância, a gente entrava no elevador ... aahh sim, funcionava lá na nessa parte do Pelourinho, lá por baixo que era a faculdade de arquitetura. [...] Ahh... sim! Ao entrarmos no elevador, ele entrava conosco e não fechava a porta, a gente tinha que fechar a porta porque ele achava que... se ele é homem, ele não ia fechar para as mulheres. Era figura tão... me deu um ódio aquilo, e era uma figura assim realmente machista, e a gente apertava o botão assim... e subia. Coisas assim ridículas. (OLIVEIRA, 2019)

O relato de Maria Eunice nos faz refletir sobre como o machismo era, e ainda é, visto por muitos como algo pontual, presente apenas em um sujeito distante do convívio social, só visto quando de fato se expressa algo absurdo, chocante.

Foi na graduação que também conheceu seu marido, já falecido, ambos voltando de um congresso no mesmo avião. Ele, futuro médico, se sentiu interessado por ela e se aproximou, marcou um segundo encontro no zoológico. Maria Eunice não mantinha muito interesse no estudante de medicina, os aspirantes a arquitetos estavam mais em seu campo de visão, porém não tinha nenhum pretendente ainda. Mesmo assim, ele continuava insistindo, até que ela começou a gostar dele também e aceitou seu pedido de namoro. Logo depois de formada eles se casaram.

O primeiro projeto realizado mencionado por Maria Eunice é o da Escola Henriqueta Catharino: “Eu fiz com essa colega que já era formada [Jane] e eu trabalhei junto, acompanhada pelo escritório de Diógenes.” (OLIVEIRA, 2019) O professor de projeto Diógenes Rebouças convidava seus estudantes para presenciarem alguma vivência em seu escritório, como foi com Maria Eunice, que participou do projeto dessa unidade escolar em Nazaré. O segundo projeto mencionado é de um Hospital Psiquiátrico em Brasília, feito em conjunto com sua colega arquiteta Jane de Oliveira Vilares.

Agora, logo que me formei, tive essa oportunidade de fazer o outro projeto e chamei Jane porque já estávamos formadas e fizemos junto esse hospital psiquiátrico, foi um convite, uma oportunidade muito grande de pegar uma coisa dessa assim... grande. Hoje é difícil, mas eram poucas pessoas formadas, era uma amizade que tinha com alguns médicos... depois eu fui para Estados Unidos, e ela ficou e continuou acompanhando a construção. (OLIVEIRA, 2019)

Ela e o marido ficaram pouco tempo no Brasil, aproximadamente um ano e alguns meses, pois ele foi aceito para uma proposta com bolsa de estudos nos Estados Unidos e ela foi junto com visto de imigrante.

Eu tive uma situação única, porque nessa época os Estados Unidos tinham uma situação que nunca se repetiu depois, eles tinham no escritório oficial do governo uma cota para imigrante. Eu cheguei lá e na mesma hora fui contratada, eu pensei: ‘que sorte, que coisa...’ Depois descobri que eles tinham uma cota mínima, só para pessoas imigrantes, de várias partes do mundo. Então além de eu ter um contato com um escritório importante do governo, estava convivendo com outras pessoas de outras partes do mundo. (OLIVEIRA, 2019)

O escritório em que atuou tinha como foco o planejamento urbano da cidade de Baltimore e tinha como predominância figuras masculinas, apesar de ter algumas mulheres. Segundo Maria Eunice (2019), foi uma grande experiência, mesmo tendo uma participação mais tímida: “Eu ficava mais acompanhando porque como eu era imigrante, jovem... Tinha gente mais velha e tudo... Mas foi uma oportunidade de alguns anos.”

Depois de dois anos eles voltam a morar no Brasil e se mudam para Brasília. A volta para o Brasil traz grandes mudanças, sendo as principais o nascimento da primeira filha do casal, Cíntia, e logo em seguida da segunda filha, Liana. Em Brasília, ela também constrói a primeira casa do casal. Na época, ela e o marido tinham direito a um apartamento, devido a um vínculo dele com o CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), onde moraram até comprarem seu próprio terreno e ela projetar a casa. O projeto foi realizado por

Maria e o acompanhamento da obra foi feito por ela juntamente com seu irmão, que era engenheiro e morava em São Paulo, mas ia a Brasília para acompanhar a execução. Na época, Maria Eunice chegou a projetar a residência de alguns vizinhos também, mas não detalha muito sobre.

Figura 10 – Fachada da casa de Maria Eunice em Brasília.



Fonte: Foto do acervo pessoal de Maria E. V. de Oliveira, disponibilizado pela mesma (2019).

Em Brasília é também aceita para trabalhar como funcionária do Ministério da Educação. Ela e os demais membros da equipe acompanhavam dez escolas de arquitetura. A equipe era dirigida por um professor famoso, Edgar Graeff, que os observava nas visitas das chamadas *escolas polo* e participava do desenvolvimento dos debates realizados nelas. Eram chamadas de *polo* porque eles entendiam que essas seriam as escolas que posteriormente influenciariam outras escolas ao seu redor.

Você pode procurar letra da biografia dele Edgar Graeff era... descendência acho que alemã. E a gente acompanhava então uma pessoa de nível altíssimo, viajava com ele. Ahh! E eu era uma espécie de secretária dele, para marcar as viagens eu era a intermediária para fazer os contatos com as escolas, dez escolas polos e a gente viajava. Então foi outra oportunidade, tiveram várias coisas que entraram na minha vida de porta a dentro. (OLIVEIRA, 2019)

Maria Eunice lembra que pouquíssimas mulheres trabalhavam no Ministério da Educação, recorda apenas do nome de Lêda Peixoto (arquiteta formada em Salvador em 1956). Mais adiante, surge uma nova chance para seu marido na Califórnia, Estados Unidos ela aproveita a oportunidade ela inicia aulas em uma

faculdade de arquitetura, como ouvinte. Como tanto ela quanto ele tinham atividades durante boa parte do dia, sentiram a necessidade de levar uma babá para acompanhar na viagem.

[...] Aaah sim, levei uma babá porque tinham as meninas que precisava tomar conta e eu queria estudar, então levei uma babá, alfabetizada em inglês [risos], muito curioso né? Porque ela não era alfabetizada e chegando lá isso não foi aceito, ela frequentou uma escola e foi alfabetizada em inglês antes de português. Passamos um ano lá, foi muito bom. Voltamos, ficamos em Brasília, depois ele [marido] faleceu. Quando eu já estava com a casa terminada para me mudar, voltamos para aqui. (OLIVEIRA, 2019)

Depois de um ano na Califórnia, voltaram para Brasília. Em paralelo a esses acontecimentos, Arilda Maria Barreiros Cardoso, arquiteta atuante de Salvador e colega de classe de Maria Eunice, inicia o projeto do Condomínio Mata Maroto e convida a amiga a comprar um lote, apesar de achar improvável que eles se mudassem de Brasília. Um tempo depois o cenário muda e a família de Eunice decide comprar um lote do condomínio e voltar para Salvador. Ela compra o último terreno do condomínio e projeta sua futura casa: “Arilda que morava aqui, vizinha, acompanhava a construção e eu mensalmente vinha aqui.” (OLIVEIRA, 2019) Em meio à construção da casa, ela volta para Salvador e fica mais um tempo na casa de Arilda, acompanhando o final da construção da casa.

Figura 11 – Fachada da casa de Maria Eunice em Salvador – Condomínio Mata Maroto, Salvador – BA



Fonte: Foto registrada pela autora, 2019.

Aí o último lote foi esse que sobrou, foi exatamente o que eu tive que comprar e foi o mais de sorte, junto da guarita. Nesse aspecto, depois que eu fiquei viúva me senti com muito mais segurança do que se tivesse um lote para lá. Como era um lote muito íngreme, meu marido dizia que era o espaço aéreo que estávamos comprando [risos], esse que ficou por último e também foi o mais barato porque os outros eram lotes maiores. (OLIVEIRA, 2019)

Maria Eunice aproveita a declividade do terreno e constrói uma casa com diferentes níveis. O primeiro, nivelado à rua do condomínio, dá acesso à parte social, descendo um nível se encontram os quartos, no total três, todos com banheiros.

Figura 12 – Parte Interna, vão da escada da casa de Maria Eunice em Salvador – Condomínio Mata Maroto (na imagem, Maria Eunice descendo as escadas).



Fonte: Foto registrada pela autora, 2019.

Outro projeto realizado é a casa da filha mais nova, no Condomínio Associação dos Moradores Horto Florestal: “É um condomínio muito grande, é um projeto de casa que eu fiz assim de acompanhar assim, foi o dela e o meu.” (OLIVEIRA, 2019) Além desse projeto, participou de alguns trabalhos direcionados por Arilda, como o projeto do Rio Vermelho:

[...] esse projeto no Rio Vermelho que a gente acompanhou a parte assim toda... porque as pessoas que irão fazer um empreendimento muito de

lojas e tudo. Arilda, nesse ponto, ela tomou muito à frente e eu acompanhei também, tive várias oportunidades profissionais. (OLIVEIRA, 2019)

Duas novas atividades também entraram em sua rotina: a cerâmica e a pintura. Dedicou-se mais à cerâmica.

E depois com a morte dele [marido] eu comecei a me interessar assim por pintura, fiz algum curso de pintura do pessoal ali de Belas Artes e de cerâmica, teve um período que fiz muita cerâmica, tem um forno aqui em casa que atualmente não se tem usado. Eu e minha filha fazíamos muito e também amigos que frequentavam. (OLIVEIRA, 2019)

Figura 13 – Maria Eunice em sua casa atual, no Condomínio Mata Maroto, Salvador - BA.



Fonte: Foto registrada pela autora, 2019.

3.7.5 Ana Maria Vasconcelos Fontenelle (1966)⁵⁶

Ana Maria admirava desde nova o caráter de seu pai e também seu trabalho como médico, isso lhe fez pensar por um tempo em cursar medicina. Foi, de certo, a intervenção de um professor de geometria, na época que estudava no Colégio de

⁵⁶ Todas as citações de Ana Maria Vasconcelos Fontenelle / (FONTENELLE, 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com a mesma, em Salvador-BA, em dezembro de 2019.

Aplicação da Faculdade de Filosofia, que a fez repensar e escolher o curso de arquitetura:

Não, não, meu pai era médico. Eu gostava muito da atuação dele, achava muito bonito, ele era uma pessoa muito generosa, muito bondosa e eu achava bonito aquilo. E por muito tempo eu pensei em fazer medicina. Mas quando eu estudei no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia (tinha um colégio público que era ligado à universidade, e era para o pessoal da faculdade de filosofia praticar nessa escola, um colégio muito bom) e aí um professor meu de desenho, de geometria, ele era arquiteto e eu tive assim... eu conversava muito com ele e ele disse: "- Oh Ana, por que você não faz arquitetura?! Porque eu acho que você tem toda uma vocação para isso. E aí quando eu comecei a conversar com ele sobre o que era arquitetura, o que era fazer arquitetura, como era a atuação, eu acabei me influenciando muito por conta disso. (FONTENELLE, 2019)

Já decidida pelo curso que iria fazer, teve apoio da família como um todo, o pai achava bonita a profissão de arquiteto e a mãe ficava feliz com a liberdade de escolha dela: "Achava que se eu escolhi, estava tudo bem." (FONTENELLE, 2019)

Na faculdade mantinha uma relação de parceria com os demais colegas, eram trinta no total, tendo apenas seis mulheres ao todo. Quando questionada sobre a relação entre homens e mulheres reforça que não havia problemas: "A gente tinha um ótimo relacionamento com os rapazes, eles eram ótimos. Foi uma turma muito legal, muito alegre, muito amiga, muito simpática. E a gente se dava muito bem nessa época." (FONTENELLE, 2019) Ana também traz à tona um pouco do contexto que se passava no momento de sua formação acadêmica, cita o movimento feminista e também a filósofa feminista Simone de Beauvoir como exemplos de rompimentos que mulheres de maneira geral começam a fazer para se expandir mais na sociedade. (FONTENELLE, 2019)

A relação era muito respeitosa e valorizada também, eles não achavam que porque a gente era mulher era menos competente, capaz, era menos. Sempre houve muito respeito em relação a isso. Mas também eu acho que é por conta de uma emancipação que começava a acontecer. Em 19... vieram os envolvimento internacionais da mini saia e não sei o que... então principalmente o feminismo. Eu nunca fui feminista não, mas de qualquer jeito eles nos ajudaram de alguma forma, para nos empoderar um pouquinho mais. (FONTENELLE, 2019)

Segundo ela, a arquitetura sempre foi um pouco menos conservadora em comparação aos demais cursos, e reforça: "Eu não penso assim em ter tido um problema assim de discriminação, por exemplo. Não, não vi isso. Meus colegas eram muito bons, os professores respeitavam muito também." (FONTENELLE, 2019) Em relação ao corpo docente afirma que a maioria era realmente de homens, mas lembra-se com clareza de sua professora Vilma L. Campos, arquiteta

responsável pela disciplina de Geometria Descritiva. O professor que mais parece ter lhe contribuído foi Diógenes Rebouças, primeiro como professor de projeto e depois pelo fato de estabelecer uma boa relação com ele. Ele a convidou para um estágio entre os anos de 1964 e 1965 em seu escritório de arquitetura: “E trabalhei com o professor Diógenes Rebouças lá no escritório dele, 1964 e 1965, mas não era remunerado não, eu achava que ali eu devia remunerar ele porque eu aprendi tanto. Era uma aula particular o tempo todo. Era muito gratificante.” (FONTENELLE, 2019) Além do estágio, trabalhou no Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia, que funcionava na própria Faculdade de Arquitetura da Bahia, e lembra que Maria Socorro Fialho também chegou a trabalhar lá. Dentro da instituição também trabalhou no Departamento Cultural da Universidade, onde conseguia ter alguma remuneração.

No quinto ano do curso, a turma de projeto de Ana Maria, liderada por Diógenes, desenvolveu alguns trabalhos com ele, como a biblioteca de Itaparica, muito elogiada por ela, além do projeto da Faculdade de Arquitetura da Bahia.

Eu participei do projeto da Faculdade de Arquitetura daqui aquela estrutura toda junto com ele, conversando, discutindo. Aí ele pedia para gente sugerir determinada coisa. Lá tem um negócio de uma fonte enorme na faculdade... fui eu que projetei aquela fonte. A gente ia fazendo junto. (FONTENELLE, 2019)

A fonte a que se refere atravessa o pátio lateral da faculdade e compõe com harmonia os demais elementos estruturais.

Figura 14 - Fonte projetada por Ana Maria Vasconcelos Fontenelle na Faculdade de Arquitetura da UFBA.



Fonte: Website da Faculdade Arquitetura da UFBA (FAUFBA), década de ~1970.

No ano seguinte, 1967, já depois de formada, Ana Maria parte para o Rio de Janeiro para cursar mestrado em Saúde Pública na Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública, atualmente a Fiocruz.

Eu sempre gostei muito da parte de planejamento voltado para o meio ambiente, desde aquela época preocupada com o meio ambiente e com a saúde da cidade. Aí participei de uma seleção e fui para o Rio de Janeiro fazer esse mestrado de dois anos. Esse mestrado incluía muitas disciplinas, desde ciências sociais, ciências biológicas, estatística, química, hidrologia, mas o enfoque maior para os arquitetos que estavam lá eram as disciplinas que tinham uma carga horária maior, que foram: saneamento, urbanismo, planejamento urbano, higiene das construções, habitação, higiene do ar, arquitetura de unidade de saúde, zoneamento e uso do solo. Foram muitas disciplinas, a tecnologia que era: estudos dos lagos, a gente tinha... hidrologia, hidráulica, análise de água, a gente ia para os laboratórios fazer análise de água, análise de esgoto, foi um ano muito bom, muito rico em formação. (FONTENELLE, 2019)

As aplicações do mestrado vão sendo vistas durante sua carreira em algumas atuações na esfera pública, mas de início, logo após a conclusão do mestrado, em 1968, ela volta para Salvador e é contratada pela Secretaria de Saúde Pública do Estado da Bahia. Segundo Ana, na Secretaria não atuavam muitas mulheres, sendo ela uma das poucas. Lá realizou estudos para implementação de novas unidades de saúde e as demandas de reforma das existentes, acompanhando tanto o planejamento/projeto das unidades, quanto sua execução em campo. Permaneceu nessa secretaria por dois anos até ser convidada por Rômulo Almeida para trabalhar no Plano de Turismo do Recôncavo da Bahia.

Fui convidada por Rômulo Almeida, um economista e político conceituado aqui, ele participou da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), ele participou de um grupo que é ligado ao CEPAL - Centro de Estudos para América Latina. Criou, além da Sudene, vários outros órgãos de importância para o nordeste, tinha uma projeção nacional. Ele então criou um escritório aqui de planejamento e me convidou, eu fui trabalhar em um Plano de Turismo do Recôncavo da Bahia que envolvia muito a questão ambiental. (FONTENELLE, 2019)

A empresa responsável pelo Plano de Turismo do Recôncavo era o CLAN – Consultoria e Planejamento e, atuando nela, também realizou um mapeamento indicativo de localização do distrito industrial de Vitória, Espírito Santo (após a indicação, outra empresa deu continuidade ao planejamento) e trabalhou no Plano de Governo do Estado do Piauí, onde passou três meses percorrendo as cidades e fazendo indicações de planejamento urbanístico. Em 1971 ela sai da empresa CLAN e vai para a Secretaria de Indústria e Comércio da Bahia a fim de implantar o Plano de Turismo do Recôncavo, que tinha realizado no ano anterior quando era empregada na CLAN.

O que foi muito gratificante para mim porque muitos planos se perdem com a mudança de governo, e eu tive a sorte de poder implantar aqui, na secretaria de comércio, o que foi feito na CLAN. Por que na Secretaria de Indústria e Comércio do Estado? Porque como não existia nada formado de turismo aqui na Bahia, e a Bahia tem um potencial enorme né?! O estado todo, assim... de natureza, de praia, a Chapada Diamantina... nesse caso começamos pelo Recôncavo que também era muito rico, principalmente pela parte dos monumentos históricos. Então participei da implementação desse plano, era intensão do governo como medida econômica, estimular o turismo. Nessa época eu peguei um cargo de confiança, eu fui assessora da coordenadora que cuidou desse plano que foi: Eliana Kertész. Administradora, ela coordenava a equipe, mas de arquiteta só tinha eu. Até 1974 ficamos fazendo a implantação desse plano, conseguimos implantar muita coisa, porque foram quatro anos (1971-1974), então dava tempo. (FONTENELLE, 2019)

Nesse período também aconteceram, paralelamente, várias mudanças em sua vida pessoal. Em entrevista, descreve principalmente sua dedicação aos filhos e à família. Ana Maria casou-se em 1971, o primeiro filho veio em 1973, no total são quatro filhos, apenas uma mulher. Na chegada do primeiro filho ela ainda trabalhava na Secretaria de Indústria e Comércio, então precisou se organizar para conseguir conciliar a maternidade com a profissão: “Eu fiquei cinco meses de licença maternidade, depois eu combinei com a coordenadora para eu trabalhar só seis horas e arrumei um esquema de conciliar isso com a amamentação, essas coisas todas.” Em 1975 nasceu o segundo filho, em 1977 o terceiro e em 1979 o último. Entre 1974 e 1979 ela resolveu se dedicar mais às crianças e começou a trabalhar de forma independente, em parceria com escritórios particulares de planejamento urbano. Havia certo estímulo para a elaboração de planos diretores nas cidades do interior, então, ela atuou em parceria com uma empresa chamada Incrementa, onde prestava consultorias e participava dos planos diretores para as cidades, mas sem nenhum vínculo. Mesmo como autônoma, o trabalho certas vezes demandava pequenas viagens de dois ou três dias, nesses casos contava com a ajuda do marido, João Cypriano Batista, também arquiteto e professor da FAUUFBA; de sua mãe e de Jonga:

Eu tinha uma pessoa muito boa que trabalhava com a gente lá em casa. Jonga também segurava muito a onda, e minha mãe me ajudou muito quando eu saía assim. Mas era uma coisa de dois, três dias que passava lá e voltava. Até 1979, durante 5 anos, eu fiquei mais assim, mais *freelancer*, mais independente, sem nenhum vínculo empregatício, para conseguir harmonizar com os trabalhos de casa e com os cuidados com as crianças. (FONTENELLE, 2019)

O que parece ter sido uma de suas grandes realizações, a maternidade, também confessa ter sido um dos maiores desafios devido à necessidade de conciliação com a paixão pelo trabalho, principalmente entre 1979 e 1981, período

que trabalhou na Prefeitura de Salvador. Quando questionada se sua carreira profissional seria diferente em outro cenário, com um número menor de filhos, ou mesmo sem ter tido filhos, afirma:

Eu nem nunca pensei nisso, mas eu gostei de ter meus quatro filhos. Eles são ótimos, são maravilhosos. E acho que a gente pode dar um jeito de conciliar, agora tem que aprender a conciliar, dar um jeito, para que eles não sofram. Isso é importante, muito importante. Não sei se eu teria uma projeção maior, talvez tivesse. Talvez eu pudesse me dedicar de corpo e alma, não sei. (FONTENELLE, 2019)

Em outra fala Ana deixa claro a sua preocupação com o reconhecimento de seu trabalho, mas sem uma personificação de sua figura como arquiteta:

Eu nunca pensei nessa coisa de aparecer, isso é muito coisa de artista né? De aparecer como grande arquiteta, nunca me passou pela cabeça isso, eu sempre pensei no coletivo. Trabalhar em equipe, trabalhar como pião mesmo, como equipe, dando tudo de mim, o melhor de mim. Nunca pensei em ter uma... o meu ego não inflamou muito nisso. (FONTENELLE, 2019)

O reconhecimento personificado nunca foi um dos seus objetivos, tinha paixão pelo trabalho e em ver as coisas acontecendo, se realizando. Para ela, aquilo representava mais que o reconhecimento de seu nome como uma arquiteta singular.

Voltando à sua trajetória profissional, em 1979 começa um trabalho na prefeitura que perdura até 1981 e aparenta ser o que mais lhe trouxe orgulho. Convidada a ocupar o cargo de Coordenação de Desenvolvimento Social, coordenava um programa chamado Prefeitura nos Bairros.

De todos os trabalhos que já fiz esse é o mais gratificante. Nessa época não tinha... qual era a proposta: a gente implantar mini prefeituras nas áreas de baixa-renda da cidade. A gente chegou a implantar sessenta e cinco na época, não eram administrações regionais, eram mini prefeituras mesmo. Eram estruturas bem pequenas, que iam criar um canal de comunicação com os moradores. Se aproximar o máximo possível dos moradores, para fazer um planejamento participativo, para ouvirmos as pessoas. E foi muito lindo a gente ouvir as pessoas, elas se colocaram de uma forma assim... muito sincera e mostrando realmente as necessidades reais que a gente, às vezes, está distante no escritório e não consegue enxergar. (FONTENELLE, 2019)

As prefeituras-bairro estão presentes em Salvador até hoje, mesmo que com um programa diferente, hoje são garantidas através da Lei nº 8.376/2012, Artigo nº 13, com a finalidade de atender não apenas as demandas físicas, mas também as burocráticas dos cidadãos de determinada região. Na época de Ana Maria a ideia era basicamente oferecer todos os serviços prestados pela Prefeitura sem que fosse necessário o deslocamento da população, e garantir constantemente o diálogo

entre as entidades públicas e os bairros. Difícil afirmar o quanto esse atendimento supre, ou não, as demandas das regiões de Salvador e quais seriam as diferenças entre essas *mini prefeituras* atuais para as da década de 1970. Aqui nos resta apenas analisar dois pontos: o primeiro é o relato que Ana traz sobre como esse trabalho foi construído, a dinâmica realizada pela Prefeitura e seus componentes para que a execução de um plano fosse o mais democrático possível.

Como é que era a ideia: a gente tinha uma miniestrutura que convocava, identificava as lideranças do bairro, que eram: pastor, o padre, a diretora de uma escola, o presidente de uma associação de moradores, eram as lideranças. Marcávamos reuniões (aí os meninos já estavam maiorzinhos e eu tinha uma boa estrutura em casa), eu ia de noite, eu ia conversar com as pessoas e levantar as necessidades, quais eram as expectativas. Formávamos um dossiê, e a gente ia visitar também como arquiteto para ver se aquelas reivindicações tinham sentido, se eram viáveis. Levávamos todo esse dossiê para o órgão de planejamento da prefeitura, chamado: OCEPLAN (Órgão Central de Planejamento), lá existia um grupo de arquitetos que transformavam essas reivindicações em um plano urbanístico, de localização de terminal de ônibus, de escola, enfim... faziam um plano. (FONTENELLE, 2019)

Dentro dessa dinâmica destaca-se a inclusão dos representantes do bairro, que não só participavam das discussões e decisões dos planos, como também da fiscalização no momento de execução do projeto. O projeto era feito pela Companhia de Renovação Urbana (RENURB) que tinha a sua frente o arquiteto *Lelé* - João da Gama Filgueiras Lima.

Ele [Lelé] pegava o plano e fazia o projeto executivo. E depois a gente voltava para o bairro. E com a elaboração, com a vigilância dos próprios moradores, a gente implantava. Aí a gente voltava com esse plano e dizia para eles: ' - Olha o que vocês disseram aqui, a gente transformou em um projeto, um plano para a gente implantar realmente', e aí eles já faziam algumas correções que eram possíveis ou não. Por exemplo, eles diziam assim: ' - Esse terminal de ônibus não está muito bom porque fica muito distante' [e nós explicávamos:] ' - Mas a cidade tem uma declividade muito grande, então para a gente fazer um ponto de ônibus mais em cima, como vocês querem, nós temos que desapropriar algumas casas para permitir que a via tenha uma declividade que chegue lá'. [Representantes do bairro:] ' - Então não, a gente prefere que não, que fique mais embaixo, a gente anda mais um pouquinho, mas não queremos que indenize ninguém'. Essa conversa assim que foi elaborando os planos. [...] E lá eles também acompanhavam a implantação: ' - Olhe, não vieram hoje, deixaram muito material aqui descoberto, a chuva vai levar'. Então eles fiscalizavam, de certa forma, do jeito deles, e informavam a gente diretamente, tínhamos um canal direto de comunicação com eles. Não só para implantar, para ouvir e para acompanhar. Foi muito bonito, foi bacana. Foi assim, genial, foi muito gratificante porque eu vi as coisas acontecerem de uma forma como eu sempre pensei que deveriam ser. (FONTENELLE, 2019)

O segundo ponto é a experiência dela com esse trabalho e sua perspectiva de como ele teve impacto estrutural, quando se fala de planejamento urbano, e também social, quando se fala dos relatos que a própria Ana traz dos moradores:

Eu via coisas lindas assim. O pessoal que vinha do interior para cá, porque no interior não tinha nenhuma condição, aí vinha morar aqui e aqui eles eram desconhecidos, eles eram anônimos. E no interior eles eram respeitados, eles tinham uma relação mais humana. Aí tinha uma senhora que veio com os filhos para cá, os filhos já grandes trouxeram ela, e aí um dia a gente estava conversando perguntando o que eles queriam que tivessem, quais eram as dificuldades, fazendo o levantamento das necessidades de lá. Ela disse: ‘ – Olha, se vocês não fizerem nada disso, eu já me dou por satisfeita’. Eu disse: ‘-Como assim? A gente veio com esse objetivo de trazer melhorias. Ela disse: ‘-Porque só de vocês estarem me ouvindo, eu acho que é tudo. Por que ninguém me ouve, ninguém fala, ninguém conversa, ninguém pergunta nada, eu me sinto aqui um rato de esgoto.’ Disse nesse termo. (FONTENELLE, 2019)

A gratificação que Ana Maria demonstra ao falar desse período mostra como realmente foi o trabalho que mais se destacou em sua carreira. Para ela todo o processo realizado para a produção de um projeto é o cenário exemplar a qualquer execução de projeto urbano.

Em 1982 as coisas se modificam no cenário político baiano. Em plena Ditadura Militar ocorriam muitos desentendimentos, e o fato de ter pessoas cotidianamente presentes nos bairros, discutindo, de certa forma acompanhando os acontecimentos, gerava um desconforto e *atrapalhava o trabalho deles*. Logo, não foi possível dar continuidade ao trabalho das prefeituras-bairro e Ana passou a trabalhar como assessora da vereadora Eliana Kertész, cargo que ocupou até 1986, quando foi convidada para a Secretaria de Educação, que fazia parte do RENURB. Lá, era responsável pela Coordenação de Projetos Especiais, em resumo, implantações de unidades educacionais.

E aí mais uma vez eu trabalhei com Lelé, ele criou aqui uma fábrica de equipamentos comunitários junto com a ‘coisa’ do prefeito. E fazia escolas pré-moldadas, você conseguia fazer escolas da melhor qualidade, assim... coisas lindas, lindas mesmo. O trabalho dele é muito lindo, eu considero ele o melhor arquiteto do Brasil. A gente fazia em pouco tempo, era como se fosse um grande brinquedo de armar, a gente conseguiu implantar muitas escolas aqui com a tecnologia de pré-moldado. (FONTENELLE, 2019)

Sua carreira como arquiteta se concluiu na Fundação Mario Leal Ferreira, (órgão responsável por elaborar e coordenar projetos urbanísticos, setoriais, de arquitetura, especiais e complementares da cidade de Salvador), se aposentando em 1997. Mesmo aposentada ela continua ativa, trabalhando em seu restaurante, Saúde na Panela. O restaurante tem como ideia principal trazer comida saudável e saborosa. Tudo começou quando seu terceiro filho nasceu com problemas respiratórios (complicação genética herdada por parte da família de seu esposo). Em busca de uma solução, consultou um médico naturalista que tinha voltado da

Europa e estudado questões sobre alimentação natural, ela então adotou o método saudável e vegetariano para ela e seu filho e, por fim, acabou por abrir o restaurante. Conta com uma equipe de 28 funcionários e com muita vitalidade.

Tem 22 anos esse restaurante. Trabalho até hoje aqui, dando duro. Restaurante não é fácil não, dá muito trabalho. Eu tenho 28 funcionários. E é isso, eu já estou com 76 anos e meio, daqui a pouco eu estou com 80. (FONTENELLE, 2019)

Figura 15 - Foto de Ana Maria Vasconcelos em seu restaurante Saúde na Panela.



Fonte: Foto registrada pela autora, 2019.

3.7.6 Maria do Socorro Amorim Fialho (1967)⁵⁷

Maria do Socorro Amorim Fialho, nasceu em Petrolina – Pernambuco, em 1943. Logo depois de formada, foi convidada, junto a outras colegas, para trabalhar na Prefeitura de Salvador. Ainda na graduação, via o curso como uma área de proeminência devido à repercussão das obras dos grandes arquitetos brasileiros, motivo inclusive pelo qual lhe fez pensar no curso no momento de escolher uma profissão. Segundo ela, Salvador tinha escritórios muito bons, havia muito trabalho e poucos profissionais da área. A época como estudante é contada por ela como

⁵⁷ Todas as citações de Maria do Socorro Amorim Fialho / (FIALHO, 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com a mesma, em Salvador-BA, em junho de 2019.

um espaço promissor e harmônico. Dedicava-se exclusivamente aos estudos, tendo o auxílio financeiro da família, segundo ela os estágios na época não eram remunerados. Na faculdade, realizava atividades extracurriculares, como o grupo de pesquisa ATU- Arquitetura Tropical e Urbanismo, desenvolvendo estudos e levantamentos sobre a relação da arquitetura nórdica com a arquitetura tropical (dos trópicos). Em seguida, aproximadamente em 1967, realizaram um seminário junto ao EPUCS, atividade que rendeu bons frutos, onde ela e colegas se aproximaram do grupo de arquitetos da prefeitura, sendo então convidados a trabalhar lá logo depois de formados. Na época não havia concursos, então foram contratados e, depois de muitos anos, foram transformadas em estatutárias. Ficou ausente do trabalho apenas por dois anos, período de licença maternidade.

Eu fiz uma coisa só, eu tirei dois anos de licença sem vencimento na prefeitura. Quando meus filhos estavam pequenos, eles tinham um apoio muito grande, mas o que eu queria era a minha presença junto com eles. Não é que eles tivessem desassistidos, de jeito nenhum, eles tinham todo apoio, mas chegou um ponto que eu disse: não, eu preciso acompanhá-los, pelo menos durante um tempo ter um contato maior com eles. Isso eu fiz, foi uma escolha minha, foi uma decisão minha. Eu até pensava assim: eu vou sair, porque pode ser que eu queira ir para a iniciativa privada. Eu teria até chance de fazer isso, mas eu não quis. Dois anos depois eu resolvi voltar ao serviço público. (FIALHO, 2019)

De volta à Prefeitura, não encontrou dificuldades, estavam todos já esperando sua retomada ao trabalho. Sobre a atuação na esfera privada, ressalta que realmente não se tinha o mesmo patamar de igualdade que a esfera governamental proporcionava. Quando questionada se achava que, se tivesse nascido do sexo oposto teria tido uma experiência diferente, afirma que sim. Como exemplo diz que talvez tivesse tido uma iniciativa maior para atuar na área privada. Na prefeitura, segundo Socorro, não havia diferença nem salarial, nem de tratamento, nem de relações. Havia muitas mulheres em diferentes cargos, e com os colegas as relações também eram muito boas. Em relação aos desafios que enfrentou na carreira, destaca a sua participação na implantação do Centro Administrativo da Bahia (CAB) no início da década de 1970, trabalhava junto com a equipe em um galpão na Paralela, onde não havia nada além do campo de obras e animais peçonhentos. Nessa época já tinha uma filha pequena, e ficou grávida pela segunda vez.

E nós trabalhamos muito... e eu fiquei grávida lá, trabalhando dessa forma. Chegou um ponto que eu não tive mais condições de continuar. Porque lá era assim, todo dia a gente tinha que sair sete horas da manhã de casa, e

voltávamos no fim da tarde, umas seis horas da tarde, almoçávamos lá. Eu via minha filha muito pouco, o tempo que passei lá. (FIALHO, 2019)

Nesse momento ponderou que seria melhor sair de lá, onde ganhava próximo ao salário de um secretário, e voltar a trabalhar no escritório, mesmo ganhando um salário consideravelmente menor, mas mantendo condições mais tranquilas de trabalho. Nos cuidados dos filhos havia uma estrutura muito grande de familiares, babás e o pai, Júlio Ferreira da Silva, que como trabalhava perto, também conseguia acompanhá-los de perto. Isso ajudou muito, dando possibilidade inclusive de ela realizar cursos depois de formada.

Aposentou-se por tempo proporcional na prefeitura em 2007, e foi convidada a continuar trabalhando, dessa vez para o Estado, onde ficou até 2013. Em uma visão mais atual, percebe que hoje as mulheres conseguem atuar mais nos espaços, mas não deixa de relatar o quanto ela, e as demais companheiras, conquistaram em sua época: cargos importantes e de liderança.

3.7.7 Ivaneuza Maria Leite Lima (1969)⁵⁸

A irmã de Ivaneuza Maria fazia um curso na Escola de Belas Artes e por isso ela mantinha um contato frequente com a escola. Além disso, seu pai trabalhava no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), e tinha um amigo arquiteto. Essas aproximações fizeram com que Ivaneuza conhecesse sobre o curso e fosse estimulada a fazer arquitetura, por já demonstrar talento com o desenho: “Eu gostava de desenhar, e você sabe que os mais velhos ficam: ‘ela gosta de desenhar, vai ser arquiteta’, não é isso?!” (LIMA, 2019) O pai de Ivaneuza comemorou ao saber que a filha tinha sido aprovada, mas depois de alguns dias lamentou o fato de não ter feito medicina. Como ela mesma coloca, eram os valores da época: “[...] medicina ou direito, eram os valores que tinha, mas isso eu perdoou, na época eu entendi.” (LIMA, 2019)

Muito estudiosa, Ivaneuza Maria se dedicou muito ao colégio e ao vestibular, e quando ingressou na Escola de Arquitetura sentiu uma diferença muito grande no ritmo de estudo. Segundo ela, parecia que havia regredido em certos aspectos, ela critica o desempenho de alguns professores por não orientarem ou não introduzirem

⁵⁸ Todas as citações de Ivaneuza Maria Leite Lima / (LIMA, 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com a mesma, em Salvador-BA, em dezembro de 2019.

matérias em quantidade ou profundidade necessárias para que ela pudesse estudar como imaginava.

Uma decepção porque eu vinha de um pique de estudar muito grande, porque naquela época só tinha Federal, e você tinha que passar na federal. Quando eu entrei na faculdade eu pensava que eu ia continuar naquele pique de estudar, naquele prazer de estudar que eu gostava muito de estudar e não foi. Não, não foi porque nem todos os professores eram bons, nem todos. Tinha professor bom, mas nem todos, e eles, os que não eram bons, não davam para você os instrumentos, nem te orientavam para você estudar. Eu confesso, foi uma frustração muito grande, eu fiquei perdida dentro da faculdade porque não tinha orientação, professor não indicava livro, não dava apostila como é hoje, e eu fiquei meio perdida. Querendo estudar e não tinha como, não tinha direção para estudar. (LIMA, 2019)

Na turma de Ivaneuza a maioria dos professores eram homens, “[...] davam aula de paletó e gravata.” (LIMA, 2019) Entre os alunos, os homens também eram maioria, embora tenha sido a primeira turma a ter um número expressivo de mulheres, o que inclusive chamou a atenção da faculdade. Quando questionada sobre as relações entre alunos e alunas, disse que se davam bem: “Nunca, nunca percebi discriminação.” (LIMA, 2019), porém havia o que ela nomeou como: “[...] o verdadeiro clube do Bolinha: os meninos e as meninas separados.” (LIMA, 2019) Outra coisa que destaca é a divisão entre a chamada elite da época e a classe média, o que, segundo ela, não impediu que a turma até hoje se reunisse, todo ano, para comemorar o aniversário da classe.

Os costumes eram outros, ela relembra o momento em que Zeneide Bartilotti Machado (arquiteta formada em 1966), uma aluna do curso de arquitetura, chegou à escola vestindo calça comprida (na época as mulheres usavam apenas saia):

Foi Zeneide, quando ela chegou de calça comprida, foi um escândalo na faculdade. Se eu tenho 50 anos de formada, isso deve ter uns 52 anos. Agora você vê que mudança brusca, mas foi um escândalo, ninguém falava mais outra coisa na escola a não ser que Zeneide veio de calça comprida. E olha que eram umas calças compridas bem folgadona, bem solta no corpo. Você vê que mudança brusca. A mudança de valores foi muito grande. (LIMA, 2019)

Ivaneuza chegou a participar de muitos movimentos que trouxeram novas perspectivas de vida para a sociedade e para as mulheres, como o movimento *hippie* que, segundo ela, quebrou com o tabu da virgindade; menciona também o nome de uma líder feminista, Betty Friedan: “[...] ela se tornou internacionalmente conhecida porque pegou e vestiu sua blusa e colocou o sutiã por cima da blusa. Foi uma bomba na época, igual a menina de calça comprida na faculdade.” (LIMA, 2019) Seu marido fez parte do movimento estudantil, tendo, ambos, participado de

passeatas, acompanhado as ações contra o golpe de 1964, visto amigos presos e torturados.

Ainda na faculdade, seu pai conseguiu uma vaga de estágio para ela no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), experiência que não foi tão produtiva porque as atividades eram muito destoantes da arquitetura, a maioria dos funcionários era engenheiro e fazia trabalhos como açudes e barragem, “[...]não tinha nada a ver com arquitetura.” (LIMA, 2019) Depois de formada precisava trabalhar, e um tio arranhou-lhe um emprego na Secretaria de Saúde, onde realizava licenciamento de projetos ligados a saneamento e esgotamento sanitário.

Nesse período ela se casa, cerca de dois anos depois de formada, em 1971. Ela e o marido conheceram-se ainda na faculdade, ele também é arquiteto, e tiveram três filhos. Em nenhum momento Ivaneuza interrompe sua carreira: “Nunca parei, fui até o fim, tendo filho e trabalhando. Como eu queria que, depois que a criança nascesse, ficar mais tempo com ela, eu trabalhava quase que na véspera de ter filho.” (LIMA, 2019) Para dar conta das duas paixões, o trabalho e os filhos, contava com a ajuda da mãe, sempre presente e encantada com os netos.

Após a Secretaria de Saúde trabalhou no *Departamento de Obras e Conservação de Salvador – DECOIS*, onde foi responsável pelo licenciamento de alvarás de empreendimento. Segundo ela, tudo o que era feito em Salvador passava no DECOIS. (LIMA, 2019) Inquieta com o surgimento do Segundo Plano Diretor, ela decide migrar para o órgão de planejamento de Salvador, lutou até conseguir se encaixar na participação dele. Lá conheceu a arquiteta Arilda, ela coordenava o trabalho técnico de uma das temáticas do plano, o grupo de áreas verdes (coordenado por Arilda entre 1975 e 1982) em que Ivaneuza estava incluída:

Desenvolvemos um trabalho belíssimo, quase ninguém conhece esse trabalho. De vez em quando se cria grupo de áreas verdes e eles começam a trabalhar pelos caminhos totalmente errados, termina não dando em nada. Agora se criou um grupo de áreas verdes dentro dessa proposta de Salvador 500, espontâneo, você vai ver. Ele não vai pagar nada, eu estou me encaixando nesse grupo para ver se eu direciono as coisas como se deve ser feito, porque eu estou acompanhando pelo WhatsApp e os caminhos estão errados, por desconhecer esse trabalho. (LIMA, 2019)

O Plano Diretor é concluído e entregue, e com a mudança de governo não é dada continuidade ao trabalho:

Se entrega o plano diretor, se termina tudo, como é do governo, para tudo. Para tudo, desfaz a equipe, uma coisa terrível. Eu ia para lá, não tinha nada para fazer em uma sala de cheia de técnicos. Eu me aborreci e fui trabalhar no órgão ambiental do estado. Trabalhei no órgão ambiental do estado e eles tinham o antigo CRA - Centro de Recursos Ambientais do Estado, é um órgão respeitado aqui em Salvador, eles tinham como finalidade principalmente o licenciamento ambiental. (LIMA, 2019)

Dentro do órgão ambiental eles analisavam projetos de indústrias, fábricas, etc., mas Ivaneuza percebeu que havia uma deficiência na análise dos projetos de loteamento, projetos de urbanização das cidades do interior, e ao discutir isso com o diretor responsável obteve aprovação da ideia de criação de um setor de licenciamento ambiental de empreendimentos imobiliários, tendo como líder Ivaneuza. Foi um momento de satisfação profissional:

Aí foi ótimo, tudo que era loteamento, projeto de urbanização, grandes empreendimentos, passava pelo meu setor. Eu coordenava o setor, aí deu uma virada lá dentro, não sei se ainda existe esse grupo, se ainda está se fazendo isso, ou se extinguiu. Fiquei lá, aí criei leis junto com uma colega minha maravilhosa: Patrícia Borges, engenheira sanitária. Criamos leis, por exemplo, essa costa aí da Estrada do Coco, ela é toda protegida por leis criadas por mim e por ela. Eu viajava muito, eu conhecia o estado da Bahia todo fazendo trabalho, vivia montada em teco-teco, avião. Naquela época a gente não tinha medo, hoje não me chame que eu não vou mais. (LIMA, 2019)

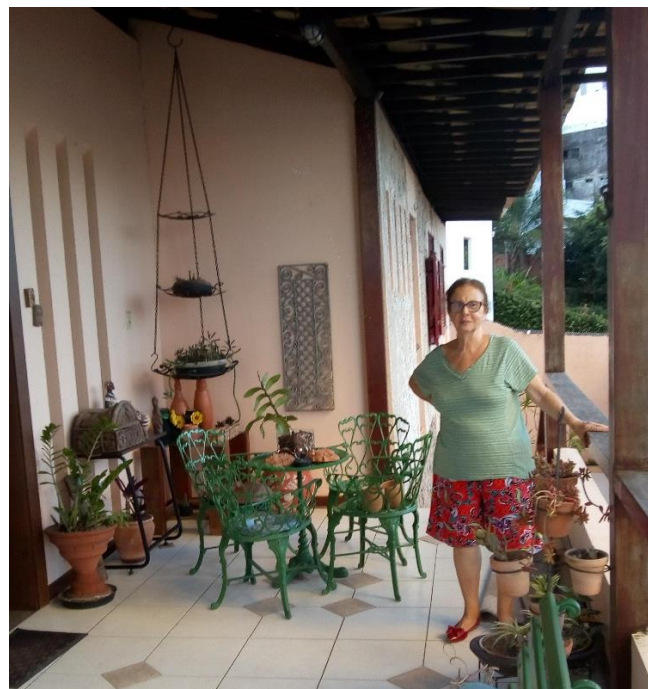
Ivaneuza manteve-se por um tempo atuando na esfera pública, de 1970 até 1991, quando começa sua carreira como docente, no ano 2000. Para ela, ter trabalhado para órgãos públicos representou uma dualidade: um momento muito rico, de muito conhecimento sobre a funcionalidade, a engrenagem do órgão de governança; e momentos muito frustrantes de impotência, “[...] tudo meio parado, aquela maresia terrível.” (LIMA, 2019) Quando questionada sobre o motivo pelo qual não quis ter um escritório independente, ter trabalhado no meio privado, afirma: “Eu acho que para abrir um escritório **faltou coragem** talvez... eu, quando me formei, como dizia a você, eu fui para a Secretaria de Saúde, então eu fui direcionada por algumas determinadas forças, por variáveis que me jogaram lá.” (LIMA, 2019, grifo nosso) Mesmo não tendo um escritório próprio, realizou duas construções: a primeira é a casa onde mora, localizada em Brotas – Salvador, realizando o projeto e a obra em conjunto com seu esposo; a segunda foi projetada apenas por ela, trata-se também de um projeto residencial denominado por ela como ‘a casa da ilha’, a mesma fica localizada no Condomínio Orixás, em Taipoca, Ilha de Itaparica – BA. No escritório de seu marido participou da equipe responsável pelo projeto do

Clube Sírio Libanês (hoje demolido, antes localizado no Campo Grande) e alguns projetos menores.

Eu tenho uma certa frustração porque eu gostaria de ter também trabalhado em meu escritório, ou de um colega, de outro colega, criando projetos. Contribuiria muito, eu gostaria também de ter vivido essa experiência de projeto. (LIMA, 2019)

A frustração de Ivaneuza demonstra que não necessariamente as mulheres escolhem o ambiente de atuação, sendo muitas vezes levadas por circunstâncias sociais que podem não ter sido perceptíveis enquanto as viviam. Por exemplo, vê-se a dificuldade de mulheres em se imaginar ocupando um cargo de chefia em um grande escritório de arquitetura, sendo eles majoritariamente dirigidos por homens. Como poderiam se imaginar em um lugar ocupado por tão poucas mulheres ao seu redor? Teriam elas o mesmo apoio, ou incentivo, que seus colegas ao abrirem um escritório?

Figura 16 – Ivaneuza M. L. Lima na varanda de sua atual moradia, projetada por ela e o seu marido.



Fonte: Foto registrada pela autora, 2019.

Dando continuidade à sua carreira, Ivaneuza foi convidada a dar uma aula sobre a questão ambiental do espaço urbano para o curso de engenharia ambiental na Universidade Federal da Bahia, lá percebeu que poderia dar aula. Nessa disciplina havia uma estudante que se identificava muito com o conteúdo abordado, ela dizia: " - É isso que a gente precisa aprender, é isso." (LIMA, 2019) Em 2002

surge, no curso de Turismo da Fundação Visconde de Cairu, uma vaga de professor na disciplina de Informação do Espaço Urbano, ou seja, relacionar turismo e meio ambiente. A mesma aluna a indicou para o cargo e ela foi contratada como professora. Aos poucos as coisas foram se encaminhando para o meio acadêmico, deu aula como professora substituta de Estudos Sociais e Ambientais entre 2000 e 2003, na UFBA, e depois na União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME), onde ministrou aulas na área ambiental desde a sua fundação, em 2004. Aposentou-se recentemente, no último semestre de 2019, mas pretende voltar a dar aulas em outras faculdades.

3.7.8 Virgínia de Oliveira Kaukark (1969)

Virgínia decidiu estudar arquitetura porque tinha habilidade com as matérias de exatas, mas também gostava de Artes, de Geografia e de História. Não teve em sua trajetória ninguém próximo que lhe influenciou, escolheu o curso porque realmente achava que era conveniente com suas habilidades. Sobre o tempo na faculdade, o que mais expõe são as viagens e os momentos de união da turma, ela reforça que a classe era muito unida, e que em nenhum momento vivenciou qualquer tipo de discriminação, social ou de gênero. Sua turma foi a primeira a ter sessenta alunos ingressantes no semestre, segundo ela cerca de um terço eram mulheres. Sobre os colegas, relata:

E outra coisa importantíssima: eles cuidavam da gente! Eram irmãos. Eles cuidavam, né. A gente se sentia como uma família. A mesadinha era rateada com a gente, o dinheiro. Minha filha sempre diz: "-Minha mãe, eu queria ter vivido na sua época." (KAUKARK, 2019)

Na faculdade era comum, entre o segundo e terceiro ano, começar um estágio, assim, Virgínia chega a estagiar no escritório de Assis Reis. Depois de formada ela começa a trabalhar em uma construtora chamada "Otto" (KAUKARK, 2019), sendo a única arquiteta em meio aos engenheiros, "[...] a parte da arquitetura era comigo e eles executavam." (KAUKARK, 2019) Depois que saiu da construtora foi trabalhar com Alberto Fiuza, ele havia sido professor de Perspectiva e recrutava alunos recém-formados para atuar com ele, permaneceu durante um ano nesse trabalho e, após esse período, mudou-se para fora do país.

Não era a primeira vez que viajava, logo depois de formada fez um estágio de oito meses na Bélgica. Tanto ela quanto o atual marido, na época namorado, se candidataram a uma bolsa de estudos lá, ele foi aprovado com bolsa e ela não,

então ele partiu antes e ela foi dez meses depois. Durante seus oito meses de estadia na Europa, estagiou na cidade de Ghent, Bélgica, e também aproveitou uma viagem de um grupo de estudantes e arquitetos brasileiros que estavam indo para a Inglaterra e foi junto com eles. Eles estavam indo conhecer um conjunto habitacional comparativo aos conjuntos de residências do BNH, mas lá “[...] eram bem mais modernos que os daqui.” (KAUKARK, 2019) Ao voltar continuou trabalhando no escritório onde atuava antes da viagem, e se casou em 1972. Segundo ela, arquiteta, naquela época, ou se casava com arquiteto ou com engenheiro, seu marido era engenheiro eletricista.

Em outra viagem que fez foi para os Estados Unidos, entre 1975 e 1977, ela foi acompanhar o marido que tinha ganhado outra bolsa de estudos para fazer um mestrado em sua área. Ela aproveitou o momento para estudar, foi aluna livre da Universidade de Yale: “Eu fiz geografia urbana, fiz interior de design, fiz desenho artístico, fiz várias matérias na Universidade. Cada semestre eu fazia uma matéria, ou duas matérias. Mas eu nunca perdi tempo, sempre que eu posso, eu estou fazendo alguma coisa, não fico parada.” (KAUKARK, 2019)

Um tempo depois nasceu seu primeiro filho, o que a fez reduzir o ritmo de trabalho. Ela, então, começou a trabalhar com projetos em casa, para a família, amigos e também desconhecidos.

Em geral, tudo o que aparecia, eu fazia. Normalmente eram projetos de residências, a gente fazia muito projeto de residência, fazia muita coisa assim de...reformas, essas coisas menores, não fazia coisa muito grande não. Porque para gente era mais requisitado para fazer mais...é....unifamiliar. (KAUKARK, 2019)

Para conseguir conciliar todas as atividades, contava com ajuda de seus pais, que segundo ela sempre a ajudaram com seus filhos, e uma pessoa de confiança que trabalhava em sua casa.

Ela morava com a gente, dormia com a gente. Antigamente, no apartamento, tinha um quarto de empregada com um sanitário só para ela, a área delas. Hoje em dia não existe mais, né. Minha filha mesmo, quando nasceu a filhinha dela, ela mora em São Paulo, ela é paulista, a minha netinha, com oito meses ela já foi para uma creche porque minha filha não podia parar de estudar, ela não tinha família...não tem a família no mesmo Estado...as crianças, hoje em dia, são crianças filhas de creche. Nós não, os filhos vão a partir de dois anos. Nossos filhos vão para a escola a partir de dois anos. (KAUKARK, 2019)

Virgínia teve três filhos, quando sua caçula estava com um ano e alguns meses ela começou a trabalhar na Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER), onde permaneceu durante dois ou três anos.

Nessa época, o Brasil passava por um episódio em que o presidente Fernando Collor de Melo aplicou um conjunto de reformas econômicas⁵⁹, descrito por Virgínia: “E aí foi na época de Collor, que Collor pegou e bloqueou o dinheiro de todo mundo, ninguém tinha mais emprego, foi um horror. Aí o quê que aconteceu: a gente não tinha perspectiva de trabalho.” (KAUKARK, 2019) Como solução para o momento de crise, o marido e um primo dele resolveram abrir uma panificadora em um terreno que eles possuíam no bairro Costa Azul, Salvador. Lá ela trabalhou durante quinze anos. Quando questionada sobre como enxerga sua trajetória, ela responde:

Então eu não posso dizer que minha vida seja monótona. É uma vida que eu fiz arquitetura, eu fui mãe, eu fui uma profissional em panificação, estudei, fiz pós-graduação, então...sempre as oportunidades vão aparecendo e você vai absorvendo. E é isso que você tem que levar da vida: sempre procurar agir! O que você tiver oportunidade, vá lá e faça, não tenha medo, agarre. (KAUKARK, 2019)

3.7.9 Lídia Luz Conceição de Cerqueira (1969)⁶⁰

As influências que levaram Lídia Luz a cursar arquitetura foram decisivas para seu egresso, ela diz ter entrado na faculdade “[...] se sentindo muito poderosa.” (CERQUEIRA, 2019) Seu pai, que não tinha curso superior, a incentivava, acreditando que as mulheres tinham que se formar, ter um curso e uma profissão para não se manter submissa ao marido. Os irmãos, que já estudavam na faculdade (cursando medicina), também a estimularam:

Tive também influência de irmãos que já estudavam na faculdade, que faziam medicina, tinha um irmão que incentivou a entrar no coral porque no coral iria encontrar pessoas da área de arte, me falou sobre arquitetura. Então teve sim. No curso fundamental os professores levavam alguns profissionais para nos informar de algumas profissões. (CERQUEIRA, 2019)

⁵⁹ O chamado Plano Collor tinha como objetivo reduzir a taxa de inflação que desde o Governo Ditatorial já atingiam números altíssimos, as medidas fracassaram, o governo se tornou impopular e tudo isso se somou a uma crise econômica e ao escândalo de corrupção envolvendo Collor, culminando em seu impeachment.

⁶⁰ Todas as citações de Lídia Luz Conceição de Cerqueira/ (CERQUEIRA, 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com a mesma, em Salvador-BA, em dezembro de 2019.

A aproximação também aconteceu no colégio, os professores apresentavam à classe profissionais que discursavam sobre suas profissões, aproximando os alunos da realidade que vivenciariam em suas atividades futuras. No colégio de Lídia Luz também estudou Norma Mascarenhas Cardoso, arquiteta que veremos à frente. Elas eram amigas e ingressaram juntas na Faculdade de Arquitetura em 1965, ano seguinte ao regime militar ditatorial no Brasil:

Bem, eu vim de uma escola pública onde sempre estudei, então me deparei com metade de colegas vindo de escola do ensino privado. Metade eram mulheres, não tive colegas negras. Ao contrário da maioria dos meus colegas de turma, participava do movimento estudantil, quando fui entendendo o que o país estava passando. (CERQUEIRA, 2019)

Lídia destaca que, entre suas colegas, não existiu nenhuma mulher negra, apenas homens negros, e, segundo ela, as mulheres presentes no curso tinham como principal objetivo de vida casar e ter filhos. Ainda assim, a maioria via o curso como uma forma de construir uma carreira individual. Já parte dos colegas homens achava que as mulheres escolhiam o curso de arquitetura para se formar e se casar, se possível, com engenheiros.

Ainda na faculdade frequentou três importantes escritórios da época, dos arquitetos: Newton Oliveira, Assis Reis e Diógenes Rebouças, segundo ela uma experiência muito gratificante. Foi frequentando concertos musicais que conheceu seu atual marido, que é clarinetista, ambos atuaram no movimento estudantil que lutava por uma série de questões, como a restauração da democracia no país, o aumento de verbas para ampliação das vagas na universidade, as reformas curriculares, etc. Eles se casaram em 1969. “No mesmo ano que eu me formei. Nós nos formamos no dia 21 de dezembro, e eu casei no dia 31, antes de terminar o ano.” (CERQUEIRA, 2019) Diferente da maioria das arquitetas entrevistadas, Lídia não teve filhos, foram desejados, porém “não vieram” (CERQUEIRA, 2019), o que aparentemente não significou para ela algo que a beneficiasse ou prejudicasse em sua trajetória profissional. Três meses após o casamento, 1970, se mudam para Brasília porque seu marido era professor e passa a dar aulas na Universidade de Brasília (UnB). Ela, como ainda não tinha nenhum vínculo empregatício, se muda também e batalha durante um ano até conseguir, através de um amigo, uma vaga no setor de cadastros da prefeitura, trabalha entre 1973 a 1975: “Quando me formei, me mudei para Brasília e trabalhei em uma cidade satélite, que era o Núcleo

Bandeirante, no setor de cadastro, como trabalhei nesse setor eu tive uma experiência no trabalho em comunidade.” (CERQUEIRA , 2019)

Com o tempo ela consegue migrar, ainda dentro da Cidade Satélite do Núcleo Bandeirante (Brasília – DF), para o setor de projetos, onde, segundo ela, só trabalhavam homens, sendo ela a única mulher. Depois de cinco anos em Brasília, retorna para Salvador e começa a trabalhar na UFBA, na área de projetos, onde permanece de 1976 até 1999. O cenário era completamente diferente, já que agora várias colegas de trabalho eram mulheres. Segundo Lídia, entre os dois ambientes trabalho que atuou – em Brasília e em Salvador – não havia muita discrepância, mesmo o segundo tendo outras mulheres além dela. Relata: “Não senti muita diferença não, até porque aqui eu estava chegando... então eu era caloura.” (CERQUEIRA, 2019) O único momento que se recorda de ter percebido alguma diferenciação entre homens e mulheres foi no canteiro de obras: “O que eu sentia diferente era com o pessoal mesmo...com os pedreiros, o pessoal de obra, eles nunca chamavam a gente de 'doutora', já com os homens era 'doutor' Alfredo.” (CERQUEIRA, 2019)

Figura 17 – Equipe de Arquitetos e Técnicos do Escritório Técnico Arquitetônico (ETA) da UFBA ,1984⁶¹



Fonte: Acervo pessoal de Lídia Luz Conceição de Cerqueira, 2019.

⁶¹ Lídia Luz se encontra na esquerda, em pé, cabelo curto, com a visão voltada para a mesa.

A maioria dos trabalhos realizados por Lídia foi desenvolvido no setor de projetos da UFBA, ela foi coautora de projetos como a biblioteca da Universidade Federal da Bahia, o Instituto de Matemática e todas as unidades planejadas para o campus universitário da UFBA. Posteriormente, outros profissionais os modificaram de forma significativa, tendo projetos executados que não foram executados em sua época de atuação. Lídia permaneceu na UFBA até se aposentar em 1996, mas mesmo aposentada continuou trabalhando, agora com projetos residenciais e de clínicas médicas. Hoje seu ritmo de trabalho é reduzido, por escolha e também por não manter um contato constante com o mercado de trabalho.

3.7.10 María Cecilia Andrade Gomes (1969)⁶²

Maria Cecilia escolhe o curso de arquitetura por sua familiaridade com as disciplinas de matemática e física. Sobre o curso, afirma que sentia a sua turma muito unida, que vivenciou momentos muito agradáveis, muito divertidos, e diz nunca ter presenciado algo discriminatório na relação entre mulheres e homens. Os homens eram maioria em sala de aula e também no cargo de docência, mas ela relembra três professoras:

Tinha a professora Vilma. Com a Vilma era engraçado, os meninos pirraçavam a pobre da Vilma, da época daquele programa infantil, falava: 'O Vilmma!', você não vai lembrar não. Mas era muito engraçado que era da idade da pedra. Ahh, tinha uma outra professora muito boa que sempre acompanha a gente, até hoje ela vai nos nossos encontros, uma japonesa. Tinha matéria que era especial para ela, que ela trabalhava cores, as cores na arquitetura, muito boa ela. Tinha uma Lúcia, não lembro o que ela fazia, dava uma matéria que não era tão relevante. (GOMES, 2019)

Entre os professores homens e mulheres ela afirma que a única diferença era que elas eram “[...] mais amigas, os homens eram mais fechados” (GOMES, 2019), mas a amizade com alguns professores permanece até hoje. Maria Cecilia conta um caso engraçado em que uma turma de alunos mais velhos trouxe um burro para a sala de aula e o colocou na carteira da professora Vilma Lima Campos. Depois, tentaram esconder o burro dentro do banheiro feminino.

Em 1968 Maria Cecilia trabalhou como estagiária em uma empresa de projetos de engenharia, onde havia apenas ela como arquiteta, os demais eram engenheiros. Não demorou muito para o líder da empresa nomeá-la como chefe do

⁶² Todas as citações de María Cecilia Andrade Gomes / (GOMES, 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com a mesma, em Salvador-BA, em dezembro de 2019.

setor técnico, e convidou mais dois arquitetos para somar ao setor, pois a demanda de projetos era muito grande. Maria ficou nessa empresa por dois anos. Depois de formada, em 1972, ela se casa com um engenheiro mecânico, ele prestava serviços para a Petrobras em vários estados diferentes, passava cerca de um ano ou dois em cada local e se mudava de acordo com as necessidades da empresa. Isso fez com que Maria Cecilia fosse, junto com ele, morar no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Quando o destino a faz retornar a Salvador ela decide não viajar mais. No tempo em que viajou também teve seus dois filhos, ambos próximos ao casamento, e isso fez com que se dedicasse mais a eles e não atuasse profissionalmente durante esse período.

A gente foi para São Paulo, depois Rio Grande do Sul, quando veio para Bahia eu disse: ' - Daqui não vou sair mais'. Porque assim, um ano depois você não saberia onde estaria, podia ter uma obra em São Paulo, ou em Salvador, como teve a primeira quando eu o conheci. Ficamos assim três, quatro anos. Eu na verdade não queria mais esperar para trabalhar, eu queria trabalhar. Eu fiquei esses dois, três anos sem trabalhar, mas minha opção era trabalhar. Aqui em Salvador eu tinha uma estrutura, toda minha família, pessoas que trabalhavam junto comigo, que davam suporte a casa. (GOMES, 2019)

Voltando para Salvador, um amigo a convidou para trabalhar na prefeitura, no Plano Diretor de Salvador. Suas atividades estavam ligadas a projetos para o sistema viário, desde o levantamento de informações sobre o existente, até a criação de vias e organização de tráfego:

Os olhos chegavam a brilhar quando víamos que as coisas estavam se encaixando, se abrir isso, vai isso... os vales todos foram abertos nessa época. Tinha uma maquete, a gente estudou muito em cima dela: porque uma via não dava certo, onde ia ser o retorno, já se pensava em deslocar a rodoviária que estava muito dentro da cidade.

Foram trinta anos trabalhando na Prefeitura, nesse tempo ocorreram diversas viagens para o exterior, com reuniões em países com sistemas viários mais desenvolvidos e seus respectivos projetistas. Maria Cecilia conta sobre a viagem que fez para a França, a convite do Ministério de Desenvolvimento Urbano da França, ela e mais nove funcionários públicos de diversos Estados brasileiros foram para um curso cedido pelo Ministério. Chegando lá, o alojamento tinha quartos separados, mas os demais ambientes eram de uso coletivo, a anfitriã então questionou se ela iria ficar no mesmo alojamento que os demais:

[Anfitriã:] “ - Você vai ficar aí com eles?” [Maria Cecilia:] – “Vou.’ [Representantes dos outros estados:] “- Aaaa, não... vai ficar aqui!!!’ Uma confusão eles fizeram...” [Anfitriã:] “- Mas se você não estiver se sentindo bem porque está aqui...” [Maria Cecilia:] “- Não, a cozinha é coletiva, mas

os quartos são individuais, não tem problema nenhum". De vez em quando o cara que tomava conta, o *conciERGE*, ouvia nossas discussões depois do encontro na cozinha, parecia que era uma briga: "-Não era por aí, era assim, era assado", aí ele vinha de lá e reclamava. A pessoa do acolhimento dizia que: " - Eu acho que é porque tem uma mulher nesse jogo, porque a mulher está lá discutindo junto com eles, acho que se mandasse tirar ela de lá..." Mandasse me tirar e colocar em outro prédio que eles tinham. Ela [anfitriã] perguntava: "- Precisamos saber se está tudo bem, está tudo bem? Porque soube que vocês estavam discutindo..." [Maria Cecília:] "- Sim, estamos discutindo sobre trabalho, sobre vida e tudo". [Anfitriã:] "- Se você quiser sair para outro lugar"... eu disse: "- Jamais...", aí Geraldo: "- Nãooooo, a baiana vai ter que ficar aqui." (GOMES, 2019)

Segundo ela, eles a tratavam de maneira igual, as discussões eram postas e discutidas sem que o fato de ser uma mulher afetasse naquele momento. Porém, relata uma sutil situação em que um colega a solicita para passar uma peça de roupa:

[Colega do alojamento:] Dá para você dar uma passadinha na minha camisa? [Maria Cecília:] Não que eu não sou...., leva para sua mulher fazer quando chegar lá em São Paulo, falei para ele. "Estou em igualdade de condições". Aí quando cheguei um dia para atravessar, que eu peguei uma mala e a gente foi para outro lugar ele disse: " Oh! Você não quer ser igual a gente?" Eu disse: " Mas para isso não tem problema não, vai pegar aqui minha mala. Pode atravessar isso aqui que esse negócio é muito pesado". Mas a gente se queria, fizemos ótimas amizades lá com eles, até hoje a gente se fala e tem muito tempo isso, foi ótimo. (GOMES, 2019)

Apesar da resposta de Maria Cecília ter sido positiva, já que se recusa a cumprir uma tarefa doméstica que não lhe pertence e que certamente só foi solicitada a ela, única mulher do grupo, e a mais nenhum de seus companheiros de viagem, na mesma frase ela reforça ser uma atividade destinada às mulheres, não ela, mas a outra mulher (a esposa do paulistano). Nesse caso, há uma reprodução machista em que o homem, que veste a camisa, em nenhum momento é responsabilizado por passar sua própria peça de roupa.

Voltando ao Plano Diretor, Maria relata que havia um grupo grande de pessoas responsáveis por esse trabalho, equipes de planejamento, de sistema viário, de recursos hídricos, eram sempre equipes multidisciplinares, em alguns momentos com a presença do Estado (que era fundamental para a captação de verba).

A gente precisava saber se o projeto era só em Salvador e onde ele seria metropolitano. Para viabilizar algumas coisas ele teria que ser metropolitano. Por exemplo, o metrô na época: eu estive na secretaria do Estado, conversando com Valença e eu disse para ele: " Se esse metrô não for até o aeroporto, Lauro de Freitas, ele não se torna metropolitano", e a capacidade de endividamento da prefeitura era muito pequena, não dava para fazer um plano diretor com metrô muito extenso. Aí você se juntando com estado recebe verba também do estado. (GOMES, 2019)

Junto a ela, um grande grupo de mulheres também atuou:

Tinham, tinham várias, inclusive Socorro. Terezinha Rios, só tinha arquiteta mulher praticamente. Esse plano tinha gente maravilhosa, a Socorro, a Arilda, a Terezinha, quem mais... a gente se juntava lá, tinha outras mulheres, sempre tinha muita mulher trabalhando. Lógico que tinha um dirigente homem, tinham vários estagiários homens, tinham engenheiros também, era uma equipe grande porque o Plano Diretor deu trabalho, mas sempre conseguiram concluir. (GOMES, 2019)

Entre o privado e o público, Maria Cecília diz que o privado tinha uma remuneração mais vantajosa, mas o serviço público lhe dava uma enorme gratificação: “Quando você trabalha no público, na prefeitura, você vê o seu trabalho sendo feito, colocado em prática.” (GOMES, 2019) Depois de trinta anos trabalhando na Prefeitura de Salvador, Maria Cecília hoje é aposentada e mora com um de seus filhos.

3.7.11 Maria Vanda Fernandes Espinosa (1969)⁶³

A escolha pelo curso de arquitetura por Maria Vanda aconteceu ao acaso, quando uma amiga ainda no colégio lhe apresentou o curso como uma alternativa. As duas prestaram vestibular para arquitetura, Maria Vanda foi aprovada e sua amiga não foi.

A aprovação no vestibular contava com o apoio dos pais, “[...] mas tinha que ficar de olho” (ESPINOSA, 2019), ela disse. A geração de Maria Vanda ainda era muito marcada pela vigilância, por uma questão de cuidado físico e moral. No curso ela encontrou um quadro de professores homens, havia algumas mulheres, mas os homens ainda eram maioria. Segundo ela, isso não afetou em nada seu desenvolvimento enquanto aluna. Quando questionada sobre as diferenças entre os homens e as mulheres ela relata:

Nós fomos a geração que, por exemplo, eu me lembro de ter sido uma das primeiras mulheres a usar uma calça comprida na Universidade. Porque nós só usávamos saias. Eu me lembro de ter sido uma das primeiras a usar calça comprida porque era só saia. Eu ainda era de uma época que, quando nós trabalhávamos de noite, papai mandava o secretário ficar me olhando porque eu estava trabalhando de noite. Nós éramos dessa época. (ESPINOSA, 2019)

Ainda na faculdade conheceu seu marido, ele também é arquiteto e se encontraram em um estágio que fizeram juntos. Casaram-se antes de Maria Vanda

⁶³ Todas as citações de Maria Vanda Fernandes Espinosa / (ESPINOSA, 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com a mesma, em Salvador-BA, em dezembro de 2019.

se formar e tiveram quatro filhos. O curso de arquitetura significou um amadurecimento para Maria Vanda, uma ampliação em sua visão sobre mundo, em especial em relação à história, à arte. Mas em sua perspectiva, ela não se considera uma arquiteta e sim uma técnica em arquitetura:

Eu fiz arquitetura, mas eu nunca fui uma arquiteta, eu fui uma boa técnica em arquitetura. Porque para você ser arquiteta, você tem que ter também um lado inspirador, um lado que ele...o arquiteto é um artista, e que, lógico, tem que ter também a parte estrutural, etc., mas ele é, antes de mais nada, um artista e um sonhador. E eu nunca fui artista, nunca fui sonhadora, nunca fui nada, mas sempre fui uma pessoa que...vamos dizer assim: aprendi a conhecer aqui o mundo. (ESPINOSA, 2019)

Ao longo de sua vida, Maria Vanda teve duas carreiras distintas: atuou como arquiteta até aproximadamente os quarenta anos e depois se dedicou a ensinar inglês, primeiro como professora (momento em que desenvolve uma metodologia de ensino) e depois como proprietária e administradora de seu próprio curso de inglês. No tempo em que atuou como arquiteta, trabalhou na Prefeitura, no Plano Diretor de Salvador, mais especificamente no projeto de áreas verdes.

Trabalhei como arquiteta dentro de um projeto de Salvador, de áreas verdes, foi sensacional. Meu lado de paisagismos...e, você sabe, tudo o que você começa, qualquer coisa que você começa, você tem que estudar para você poder se situar, então eu sempre fui assim, sempre procurei dar o melhor de mim e sempre procurei estudar bastante. Eu trabalhei no setor de áreas verdes e foi sensacional. Foi justamente uma época em que começou a haver uma conscientização do que era uma árvore, do que era um verde. Eu me lembro bem que uma vez nós estávamos em um Congresso, em São Paulo, e no metrô tinha assim...isso foi uma coisa que me marcou muito, porque tinha uma propaganda de um edifício de apartamentos, e tinha: "Apartamento de não sei quantos quartos e tal, e uma árvore", uma árvore na propaganda do apartamento. Então foi nessa época que eu comecei a trabalhar. (ESPINOSA, 2019)

Ela diz ter aprendido muito com o que desenvolveu com sua equipe, no projeto de áreas verdes, mas também não concordava com muitas questões administrativas, como o desperdício de materiais (ar-condicionado, cadeiras, mesas, etc.) que ocorria com as mudanças de prédio ou setor, isso a incomodava. Enquanto trabalhava na Prefeitura, ela decide se dedicar a aprender inglês, uma vontade que já tinha há algum tempo. Afirma ter sempre tido um *encanto* pela língua e também muita facilidade. Ela e a família se mudam para Villas, em Lauro de Freitas, e ela decide pedir demissão da Prefeitura. Nesse ponto, a remuneração não compensava mais e logo em seguida surge a oportunidade de dar aulas de inglês. Dando aula conseguiu desenvolver uma metodologia para o ensino de inglês

através de imagens, começando do zero uma nova profissão. Hoje, ela administra uma escola de inglês que se encontra em plena funcionalidade.

3.7.12 Silva Castro Lima Vargens (1969)⁶⁴

A mãe de Silva Castro foi a inspiração para sua escolha do curso de arquitetura como formação. Ela não era arquiteta, mas tinha habilidades em relação as artes: pintura, escultura e coisas ligadas a decoração. Assim como a mãe, Silva levava jeito para o desenho e optou por arquitetura. Sobre o tempo de faculdade, apenas relata que foi muito prazeroso: “[...] Foi um ótimo tempo o da escola.” (VARGENS, 2019)

Seu primeiro emprego foi em uma construtora que pertencia a seu pai, ela relata ter participado da construção de alguns prédios, mas depois que os filhos nasceram interrompeu suas atividades para cuidar deles, no total foram cinco.

Anos depois, ela se separa do marido e volta a trabalhar, agora no Estado, na Superintendência de Construções Administrativas (SUCAB). Suas atividades estavam ligadas a projetos de hospitais, salas de aula, escolas... “Coisas ligadas a isso.” (VARGENS, 2019) De vez em quando também fazia projetos particulares, serviço que presta até hoje. A parte que mais lhe agrada no trabalho são as obras de reforma. Segundo Silva, há uma diferença na relação que se tem com o cliente de hoje da que se tinha nas décadas anteriores: “Eles querem tudo do jeito deles, não ouvem, é muito difícil de trabalhar.” (VARGENS, 2019)

Quando questionada sobre o que mais lhe trouxe prazer na carreira, ela relata ter sido sua atuação na área de Urbanismo. “Engraçado, o que eu mais gostava não era nem na área de...era Arquitetura, mas era na área de Urbanismo, eu gostava muito...quando lá era a SUCAB, tinha uma coisa ligada à Urbanismo, que eu sempre gostei. Foi a coisa que eu mais gostei.” (VARGENS, 2019)

3.7.13 Norma Mascarenhas Cardoso (1969)⁶⁵

Norma é prima da arquiteta Arilda Maria Barreiros Cardoso, diz que nunca tinha refletido sobre uma influência que a levou para o curso de arquitetura, mas

⁶⁴ Todas as citações de Silva Castro Lima Vargens / (VARGENS, 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com a mesma, em Salvador-BA, em dezembro de 2019.

⁶⁵ Todas as citações de Norma Mascarenhas Cardoso / (CARDOSO, M., 2019) foram obtidas através da entrevista realizada com a mesma, em Salvador-BA, em dezembro de 2019.

pensa que talvez inconscientemente Arilda tenha a influenciado. Quando decidiu cursar arquitetura teve apoio dos seus pais que, apesar de serem do interior, tinham a mente muito aberta.

Norma, assim como as demais integrantes da turma de 1969, faz parte da primeira classe com uma quantidade maior de mulheres. Segundo ela, eram 15 ou 16 mulheres em um total de 60 novos alunos. Ela também aproveitou muito as viagens com a turma, todo ano viajavam para algum lugar, como, por exemplo, a Bienal de São Paulo. As viagens criaram um clima de união entre os membros da classe que permanece até hoje. Quando questionada sobre a presença de alguma diferença entre os homens e as mulheres durante sua formação, Norma diz: “Eu não senti não, particularmente, eu não senti nada. Se teve, eu não absorvi, pode acontecer isso também, né!?” (CARDOSO, M., 2019)

Ela relembra também que a maioria dos professores eram homens, mas havia algumas professoras, entre elas: “[...] Vilma, Maria Helena... qual outra mulher... Zélia Almeida, Maria... [...]”. (CARDOSO, M., 2019) As disciplinas que mais lhe trouxeram satisfação foram as de História da Arte e História da Arquitetura porque foram determinantes na mudança de seu olhar sobre a cidade, sobre os espaços. Também cita a disciplina de Diógenes, que ministrava aulas de projeto, lembra-se dos estudos de inserção da arquitetura no contexto da cidade e o olhar atento que se deve ter com a natureza. Junto com os estudos, ela também estagiou em dois escritórios: o de Assis Reis e o de Paulo Ormino. Naquele momento o dinheiro não era a prioridade, mas sim o conhecimento: “Eu achava que, na minha cabeça eu deveria até pagar para estar aqui, eu estava aprendendo, isso eu acho um pouco diferente da filosofia de hoje.” (CARDOSO, M., 2019)

Após a faculdade, em 1970, começa a trabalhar na Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura e depois passa para Superintendência de Urbanização da Capital (SURCAP). Norma, mantinha uma vontade enorme de ir para o exterior e se esforçava em manter contato com as embaixadas, em 1973 consegue uma aprovação e vai para Paris fazer um curso de construções industrializadas, patrocinado pelo governo e as indústrias de cooperação técnica francesa (a escola se chamava: *Centre Scientifique et Technique Du Batiment*). Quando volta a trabalhar na SURCAP e encontra seu atual marido, um musicista.

[...] quando começou a fazer essas avenidas de vale, essas coisas... participei disso tudo. Eu participei do Plano de Áreas Verdes da Cidade de Salvador, o Projeto da Orla Marítima da Cidade de Salvador, que não era essa coisa..., vários projetos que foram bons, espetaculares, que você ficava assim... noites trabalhando, apesar de estar trabalhando na prefeitura. (CARDOSO, M., 2019)

Entre 1974 a 1984 ela permanece na prefeitura, como já dito, primeiro na SURCAP e depois na OCEPLAN. Ainda em 1974, apesar de algumas incertezas, Norma se casa: “Inclusive eu, quando casei, no dia do casamento eu fiquei com medo, eu não sabia se queria mesmo me casar” (2019), e em 1978 nasce seu primeiro filho. Em 1985 ela começa a atuar na Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER); por fim volta a prefeitura, de início na Secretária de Meio Ambiente e depois na OCEPLAN onde se aposenta, em 1995. De maneira menos formal desenvolveu projetos arquitetônicos particulares, atividade que manteve durante um tempo, mesmo após se aposentar na prefeitura. Em relação à maternidade, ela diz não ter interrompido o trabalho:

Não, não. Parei na licença de 3 meses, aí fiquei com dois trabalhos particulares em casa. Eu botava meu neném aqui na minha perna, com uma mão eu ficava batendo no bumbum dele e com a outra mão eu ficava desenhando. Não me empatava em nada. (CARDOSO, M., 2019)

Assim como as demais arquitetas, ela também contou com suporte de uma babá que cuidava das crianças em sua ausência, enquanto trabalhava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as experiências das arquitetas e nos aproximar de vestígios que contam os caminhos percorridos por elas, mesmo que de forma discreta, tornou-se um prazeroso trabalho. “Vasculhar o passado com o intuito de refletir sobre as experiências do presente é o grande móvel do trabalho daqueles que se dedicam à pesquisa histórica.” (LEITE, 1997, p.171) Durante todo o processo foi necessário retomar do século XIX ao século XX, do XX ao XXI, buscando em diferentes materiais interpretações do que seria o contexto social em que viveram as arquitetas, e pensando em como as atitudes tomadas por elas mudaram a nossa atual realidade. Não resta dúvida sobre as riquezas por elas deixadas e os caminhos abertos.

Podemos concluir que, de maneira geral, o acesso à graduação foi se tornando, ao longo das décadas, algo corriqueiro graças a um novo contexto econômico e social que emerge no século XX, demandando a modernização das capitais brasileiras e novas forças de trabalho. O feminismo obviamente também contribuiu para a emancipação feminina no campo do conhecimento e do trabalho. Mesmo sabendo que em Salvador o movimento feminista da época era algo muito amistoso e que não buscou romper com a figura da mulher pertencente ao lar e responsável pelo cuidado com a família, ele gerou encontros entre as mulheres e a saída delas da esfera doméstica. Esses fatos, porém, só se aplicam à realidade da mulher branca e pertencente a uma classe econômica média/alta. Como indicado ao início deste trabalho, as mulheres negras e pobres já ocupavam os espaços públicos, trabalhando e mantendo a sobrevivência de si e dos filhos. A mulher privilegiada, pelos motivos já mencionados, começa a ampliar sua presença na esfera pública, e um dos espaços em que se insere é o da Universidade.

O curso de arquitetura, entre 1936 e 1969, modifica-se expressivamente no aspecto curricular e físico. Até o final da década de 1940 o número de alunos era pequeno, assim como o número de mulheres, mas com o passar do tempo, o aumento das vagas no vestibular, a federalização do curso e a regularização da profissão do arquiteto, esse número cresce, ainda que de maneira irregular.

A primeira mulher formada no curso de arquitetura, Lycia Conceição Alves, difere completamente do perfil majoritário das arquitetas entrevistadas. Lycia era negra, e é importante entender que apesar deste trabalho não ter como foco trabalhar a atuação de mulheres negras formadas em Salvador, foram identificadas⁶⁶, além de Lycia, mais três arquitetas negras formadas entre 1936 e 1969, são elas: Maura de Moura Fernandes (1965), Analene Vieira Laurindo (1967) e Lícia Maria dos Santos (1968). Infelizmente não foi possível uma fonte de contato com elas. A carreira profissional de Lycia levanta alguns questionamentos, apesar de ingressar no curso de arquitetura e ter um desempenho formidável durante sua formação, quais eram as reais oportunidades de Lycia após se formar? Teria ela as mesmas chances que seus onze colegas de turma? Comparando a história de Lycia com as das demais arquitetas entrevistadas, cremos que poucas oportunidades foram dadas a ela, o apoio financeiro da família e as trocas sociais eram desproporcionais às de suas sucessoras, ela trabalhava durante o curso e o pouco que tinha era investido em sua educação. Provavelmente, seu ciclo social estava distante de um possível meio influenciador que lhe apresentasse clientes que quisessem um projeto arquitetônico. Por fim, era mulher e negra, em meio a muitos homens brancos e no contexto social do início do século XX, que deixava nítido que o lugar atribuído a ela era o de uma profissional mal remunerada que cuidava do outro. Quem a enxergaria como arquiteta e a confiaria um projeto arquitetônico? Lycia, ao se propor fazer um curso onde era a única mulher, e ao se dedicar a uma carreira em que poucas portas de trabalho eram disponibilizadas a ela, toma uma postura de pioneirismo e resistência, além de uma provável paixão pela profissão.

Como já dito, diferente do perfil de Lycia, as arquitetas entrevistadas compõem a classe mais alta/média de Salvador no século XX, e tanto na fala delas quanto através da bibliografia consultada, fica evidente o quanto era prioritário para essas famílias dar apoio e garantir que suas filhas se formassem e tivessem uma profissão. O primeiro contato antes da escolha do curso, a decisão e participação no vestibular, era vinculado principalmente ao contexto social ao qual estavam

⁶⁶ Reforçamos que a identificação dessas mulheres como mulheres negras foi feita a partir de um entendimento de fisionomia, possível através de fotos dos arquivos estudados nesta pesquisa. Porém, as fotos, além de desgastadas pelo tempo, foram tiradas em preto e branco, a maioria encontra-se amarelada, o que pode ter gerado equívocos. Sendo assim é possível haver mais arquitetas negras.

inseridas, eram parentes, amigos, professores que lhes apresentavam a profissão, o que podemos interpretar como uma oportunidade de acesso limitada a parte das estudantes. Maria Ângela B. Cardoso, irmã da arquiteta Arilda Maria Cardoso Sousa, relembra que Arilda nem mesmo sabia da existência da profissão até que um colega de classe a apresentasse. Após a escolha do curso no vestibular, nenhuma das entrevistadas afirma ter tido alguma contraposição por ter escolhido arquitetura, pelo contrário, todas tiveram o apoio e incentivo dos pais.

Durante a formação acadêmica, segundo as arquitetas entrevistadas, nenhum tipo de discriminação de gênero ocorreu, pelo contrário, todas elas relatam união entre os alunos, que trabalhavam em conjunto e eram respeitosos. Essa visão, porém, é discutível porque se trata da perspectiva de uma geração de mulheres que tinham valores enraizados em uma cultura onde o machismo era enxergado apenas em atitudes escancaradas de ódio⁶⁷ ou de violência contra as mulheres. Atualmente a interpretação de atitudes machistas se dá de forma mais visível, obviamente muitas mulheres ainda estão distantes de uma consciência feminista que lhes permite perceber comportamentos discriminatórios no cotidiano, mas, se comparado ao século XX, temos um cenário com um número muito mais amplo de mulheres conscientes sobre o assunto. O que entendemos a partir dessa reflexão é que apesar de ter sido negado por elas qualquer tipo de discriminação, não resta dúvidas de que estavam sujeitas a essa possibilidade e podem apenas não ter percebido ou ter achado irrelevante. Hoje, tanto homens quanto mulheres estão mais atentos às suas ações, que mesmo não intencionadas, acabam reproduzindo o machismo devido a um histórico de repetição.

No campo profissional, as diferenças entre os homens e as mulheres se torna algo mais visível, isso porque a cobrança da representação de um papel social determinado pelo machismo parece transparecer mais nas arquitetas depois de formadas. Dois pontos se destacam nesse contexto: o fato da esfera pública ser a principal área de atuação profissional de quase todas as arquitetas entrevistadas e o casamento e a maternidade, experiências vivenciadas por quase todas.

⁶⁷ Um exemplo disso é o relato de Maria Eunice Vieira Oliveira, que observou que um dos alunos do curso não fechava a porta do elevador para mulheres porque, segundo sua interpretação, ele via as mulheres como inferiores (relato completo na página 86, deste trabalho).

Todas as arquitetas, até mesmo Lycia Conceição Alves, trabalharam, em algum momento, em estruturas governamentais e afirmam o quanto essa vivência foi agregadora profissionalmente. Entre elas, o trabalho mais é citado é o Plano Diretor da Cidade de Salvador, que reuniu muitas delas devido à grande demanda de trabalho de uma cidade em expansão. Quando questionadas sobre a vontade de ter seu próprio escritório, uma parte diz nunca ter pensando sobre e a outra menciona a palavra *coragem*, afirmam não ter tido coragem para tal feito. Nesse ponto apresentamos discordância total, pois coragem é algo que todas demonstraram, principalmente em suas atividades profissionais. Logo, sob nossa análise existem outros motivos que não as aproximaram do meio profissional privado, são eles:

1 - No meio privado os projetos arquitetônicos eram negociados e vendidos pelos próprios profissionais. Se hoje ainda temos uma gama de pessoas que considera que arquitetas mulheres são responsáveis apenas por projetos de interiores, tratadas como inferiores ou incapazes de conceber um projeto arquitetônico, do início até meados do século XX esse pensamento era ainda mais significativo, o que poderia reduzir propostas de trabalho a elas. Consideradas como o *sexo frágil*, as mulheres dificilmente eram incentivadas a protagonizarem seu próprio negócio. Até mesmo na imaginação das próprias arquitetas o encorajamento e desenvolvimento individual parecia algo distante de ser concretizado. Um elemento alarmante nesse aspecto é o fato de que pelo menos duas arquitetas, Lêda Serra S. Peixoto e Ivaneuza M. Leite Lima, eram casadas com arquitetos, donos de seus escritórios. Elas discutiam e participavam indiretamente de alguns projetos, mas de maneira informal. Ivaneuza diz inclusive ter se arrependido por não ter montado seu escritório, pois gostaria de ter tido essa experiência profissional;

2 - Trabalhar com projetos particulares também perpassava a competitividade. Em uma profissão com número maior de homens do que de mulheres, elas teriam de provar sua competência de forma muito mais expressiva que eles, afinal, o esperado era que eles ocupassem esse lugar profissional, enquanto as mulheres eram facilmente vinculadas ao cuidado da casa e da família. Um exemplo dessa competitividade é o

caso de Arilda Maria C. Sousa, segundo Maria Ângela B. Cardoso, um dos motivos que lhe possibilitava atuar como autônoma em meio à concorrência era o baixo custo de seus projetos, seu escritório era em casa, o que cortava custos, podendo assim diminuir os valores repassados para os clientes.

3 - Incentivados desde a infância a serem confiantes e autônomos, os homens buscavam prestígio e o reconhecimento de seu trabalho como indivíduo, o que dificilmente aconteceria em grandes obras públicas, (salvo alguns arquitetos como Diógenes Rebouças). Uma obra pública era feita por muitas mãos e, via de regra, levava o nome da intuição responsável e não dos profissionais executores. Nas falas das arquitetas entrevistadas é demonstrado a inexistência, dessa preocupação, o único objetivo delas era realizar o trabalho com a melhor qualidade possível e trazer melhorias para a cidade, o reconhecimento era coletivo;

Em uma reflexão final sobre esses apontamentos, compreendemos que, de maneira geral, a sociedade dos arquitetos, ou seja, arquitetos e arquitetas, profissionais atuantes da esfera pública, privada e acadêmica, não cogitavam a existência dessa estrutura social que definiu, limitou e prejudicou a atuação profissional das mulheres arquitetas soteropolitanas. Portanto, não nos cabe aqui apontar ou julgar os acontecimentos, apenas analisar os desdobramentos, buscar a verdade e propor caminhos que contribuam para uma construção história inclusiva, colocando as mulheres, também, como protagonistas históricas. Entre as 71 arquitetas formadas nesse período apenas uma, Arilda Maria Cardoso Sousa, conseguiu romper, até certa medida, com essa estrutura, graças ao apoio familiar e a condições financeiras que lhe permitiam ser uma mulher à frente de seu tempo. Segundo sua irmã, Maria Ângela B. Cardoso: “Arilda é muito avançada, a cabeça dela era de vanguarda. Mas não significa que ela não vivia esse preconceito, mas ela quebrava.” (CARDOSO, B., 2019) A produção técnica de Arilda foi reconhecida com premiações⁶⁸ e publicações, mas mesmo assim a história e os registros editoriais não possuem, sob nossa interpretação, a devida repercussão de sua

⁶⁸ As premiações e demais informações profissionais de Arilda Maria Cardoso Sousa, estão disponíveis no apêndice C.

relevância, sobretudo no meio acadêmico. Com isso, não só as produções de Arilda, mas também das outras 70 arquitetas, estão passíveis de cair no esquecimento e junto com elas, parte complementar da história da arquitetura soteropolitana.

No século XX - diferente do século XIX, que entendia a união de duas pessoas como uma negociação entre famílias -, o casamento atinge, a representação de um verdadeiro ato de vontade de ambos envolvidos, o que é confirmado em todas as entrevistas com as arquitetas. Predominantemente, elas se casaram logo após se formar, algumas tendo conhecido seus companheiros ainda na faculdade. As profissões dos maridos variavam entre músico, médico, engenheiro, arquiteto, etc. Entre uma história e outra elas sempre lembram de citar os feitos que seus companheiros realizaram durante a vida profissional, muito porque algumas decisões tomadas por eles modificaram também suas histórias e suas escolhas. Nesse aspecto, podemos citar ao menos três exemplos: Maria Eunice V. Oliveira, Lídia Luz Conceição e Maria Cecília. Maria Eunice se casou com um médico e fala de duas viagens que fez aos Estados Unidos junto com ele para que ele pudesse estudar. Nesse caso, ela aproveitou as oportunidades e também trabalhou e estudou, mas o impulso das viagens era a carreira dele. Lídia Luz, logo após formada, encontrava-se desempregada e acompanhou seu marido até Brasília porque ele havia conquistado um emprego como professor. Depois de um tempo também consegue trabalho, mas inicialmente atende a uma demanda ofertada para ele. Maria Cecília se muda para diversos estados do Brasil porque seu marido era contratado por uma empresa que realizava trabalhos em todo o país. Durante o tempo que se manteve fora de Salvador não trabalhou, e quando o destino de seu marido volta a ser Salvador, ela permanece e se recusa a mudar novamente. Nos três exemplos acima citados, observamos facilmente que as escolhas de seus companheiros alteraram completamente o destino, as oportunidades de emprego e a vida dessas mulheres. Entre as arquitetas que afirmam ter viajado sozinhas, por demandas próprias de estudo, como Norma Mascarenhas Cardoso e Ana Maria V. Fontenelle, percebe-se que o fizeram antes de se casarem. Depois de casadas, as arquitetas entrevistadas relatam viagens a trabalho, mas sempre em um curto espaço de tempo, em especial por um cuidado com os filhos. Não se pode dizer que o casamento em si impediria as profissionais de desenvolver proeminentemente suas carreiras, o que podemos afirmar é que as mulheres de forma geral eram

cobradas socialmente a cumprir um papel de adjutora ao marido, priorizando auxiliá-lo no prover familiar a um crescimento pessoal. As arquitetas, inevitavelmente, estando inseridas nesse contexto social, não estavam imunes a essas prioridades.

Após o casamento era comum a chegada dos filhos. Um, dois, três... até cinco filhos. Entre as entrevistadas, aparecem dois perfis: as que se entregaram integralmente à maternidade nos primeiros anos de vida dos filhos e as que continuaram suas atividades profissionais, interrompendo-as apenas nos primeiros meses de licença maternidade. Entre elas, não transpareceu nenhum arrependimento na escolha de ser mãe, pelo contrário, falam dos filhos com orgulho e acreditam também que a maternidade não afetou suas trajetórias como arquitetas.

Mesmo que as arquitetas não enxerguem a maternidade como determinante na interferência de seu trabalho, estudo como os da pesquisadora Cristina Bruschini (1995), mostram como é uma tarefa que prejudica relativamente a atividade de trabalho remunerada das mulheres, sobretudo enquanto os filhos são pequenos. Porém, sua pesquisa refere-se às mulheres que necessitam economicamente de sua atuação no mercado de trabalho para sua sobrevivência e da família, o que difere do perfil das entrevistadas, que em sua maioria contavam com uma ampla rede de apoio. A conciliação entre o trabalho e o cuidado materno era feita trabalhando em casa, onde conseguiam uma flexibilidade maior entre o trabalho e os filhos, com a ajuda de parentes, principalmente de suas mães, e do marido. Mas o que mais foi citado pelas entrevistadas como um fator de auxílio foi a presença de uma empregada/babá contratada para cobrir o cuidado com os filhos e a casa. Na época, segundo Maria Ângela B. Cardoso (2019), era comum e viável manter uma ou mais pessoas trabalhando em casa, não havia instrumentos coletivos, como as creches, para atender profissionais que trabalhavam fora, provavelmente a ausência de uma trabalhadora doméstica/babá comprometeria em grande parte a atuação das arquitetas. Com o suporte recebido, era possível dar continuidade ao trabalho, mas “[...] ao conciliar suas funções profissionais com as de mãe, esposa e mulher reduzem consideravelmente suas possibilidades de sucesso e ascensão na carreira.” (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1999, p.11)

Por fim, para além das conclusões já expostas aqui, percebemos uma grande abertura para novas pesquisas, visto que muitos projetos de qualidade e grande relevância arquitetônica elaborados em Salvador, e por arquitetas soteropolitanas,

não foram catalogados; e os que foram necessitam de mais visibilidade para as autorias femininas. Historicamente tendemos a reproduzir a invisibilidade das mulheres, a menos que estejamos atentos ao que culturalmente nos parece desinteressante, que aparenta ser pura banalidade, mas que conta fundamentalmente a história e preenche suas lacunas.

A força que moveu todo o processo deste trabalho veio da vontade de incluir, mesmo que de forma tímida, essas mulheres e seus feitos na história. O registro de suas vidas e obras falam sobre uma trajetória pioneira de introdução das mulheres na arquitetura soteropolitana e reforçam que existem possibilidades para as futuras gerações femininas de arquitetas; constroem o sentimento de identidade, afinal, assim como ela progrediram, outras também conseguirão. O conhecimento sobre os desafios por elas enfrentados também são valiosos para que possamos cobrar o direito de sermos mulheres, mães e esposas sem que sejamos prejudicadas por isso.

REFERÊNCIAS

- ADAME, T.; SANTOS, S.P.S. Preenchendo Lacunas: trajetória das mulheres no curso de arquitetura em Salvador - 1920-1960. **13º Seminário DOCOMOMO_Brasil**. 2019.
- ADAMS, A. **Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History**. Londres: Yale University Press, 2006.
- AGREST, D. I. À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo. In: _____. NESBITT, K. (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- ALMEIDA, M. A. F. **Feminismo na Bahia 1930-1950**. Tese (mestrado) 1986. 190 f. Universidade Federal da Bahia - Salvador, Bahia. 1986.
- ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.
- ALVES, W. L. U. **A história da educação no Brasil: da Descoberta à Lei de Diretrizes e Bases de 1996**. Monografia (especialização). 2009. 93 f. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. UNISALESIANO – Lins, São Paulo, 2009.
- ANÁLISE DO DISCURSO com Michel Foucault | Ep. 02 Os dispositivos. Grupo de estudos de análise do discurso de Araraquara. **Youtube**. 10 out. 2016. 27min35s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lpMURaG9hYc>>. Acesso em: 06 set. 2019.
- ANDRE JUNIOR, N. V. de. **Arquitetura Moderna na Bahia, 1947 – 1951: uma história a contrapelo**. 2012. 305 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- ARAÚJO, A. **Estudos de gênero em arquitetura**. Um novo referencial teórico para a reflexão crítica sobre o espaço residencial (Salvador). Cadernos PPGA- AU UFBA, v.5, n.1, 2006, p. 1-12.
- ARAÚJO, R. C. **Espaço Privado Moderno e relações Sociais de Gênero em Salvador: 1930-1949**. 2004. 327 f. Tese (doutorado). Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal da Bahia - Salvador, Bahia. 2004.
- ARAÚJO, S.S. A presença de docentes femininas no Ensino Superior no Brasil de 1990 a 2005. In: XIII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. HISTÓRIA E DEMOCRACIA: POSSIBILIDADES DO SABER HISTÓRICO. 13., 2016, Coxim – MS. **Associação Nacional de História (ANPUH)**. Mato Grosso do Sul: ANPUH - MS, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/telmi/Documents/Mestrado%202018/TEXTOS%20A%20SEREM%20CATALOGADOS%202019/A%20presen%C3%A7a%20de%20docentes%20femininas%20no%20Ensino%20Superior%20no%20Brasil%20de%201990%20a%202005.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- ARENDT, H. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/277>>. Acesso em: 17 set. 2019.
- BERKON, S. F. et al. **Women in American architecture: a historic and contemporary perspective**. [2017]. Disponível em: <<https://archleague.org/publications/women-in-american-architecture-a-historic-and-contemporary-perspective/>>. Acessado em: 10 nov. 2018.
- BIERRENBACH, A.; ROSSETTI, E. Lina Bo Bardi reloaded: vestígios, memórias, latências. **Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo** (Online), n.20, p.74-86. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i20p74-86>>. Acesso em: 5 mai 2019.
- CADÊ AS ARQUITETAS MODERNAS BAIANAS?. Faculdade da Arquitetura – Universidade Federal da Bahia. **Base de dados documentais referentes a alunas formadas entre os anos: 1936-1969**. Acervo. Salvador, 2018-2019.
- COLEMAN, D; DANZE, E.; HENDERSON, C. **Architecture and Feminist**. Yale Publications on Architecture. New York: Princeton Architectural Press, 1996.
- COLOMINA, B. **Sexuality & Space**. New York: Princeton Architectural, 1992.
- COLOMINA, B. **La domesticidad en guerra**. Barcelona, Actar, 2006.



CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO (CAU/BR). **Anuário de Arquitetura e Urbanismo 2016**. Brasília: CAU, 2016. Disponível em: <http://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/anuario-final-0301_web150.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

COSTA, A. A. A. **As donas do poder**. Mulheres e política na Bahia. Salvador: NEIM/UFBA - Assembléia Legislativa da Bahia. 1998, 248 p.

_____.; CONCEIÇÃO, H. A revolta dos resignados: a participação feminina na greve dos professores (1918/1919). In: _____. SARDENBERG, C. M.B.; VANIN, L. M.; ARAS, L. M. B. de. **Fazendo Gênero na Historiografia Baiana**. Salvador: NEIM/UFBA, 2001. p. 119-132.

CROUT, D.; CONWA, P.; WEISMAN, L. K. **Reviewed Works: The Sex of Architecture** by Diana Agrest. *Journal of Architectural and Planning Research*, vol. 17, n. 3, 2000, p. 260-267.

DICIONÁRIO MANUEL QUERINO DA ARTE NA BAHIA. **Maria Célia Amado**. Salvador: EBA-UFBA, CAHL-UFRB, 2014. Disponível: <<http://www.dicionario.belasartes.ufba.br>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

D'INCAO, M. A. **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. 160 p.

MASSEY, D. **Space, place and gender**. University of Minnesota Press. Minneapolis: Editora John Wiley & Sons, 1994.

FAUFBA. **Histórico**. Disponível em: <<https://arquitetura.ufba.br/pt-br/historico>>. Acesso em: 5 set. 2019.

FRIEDMAN, A. **Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History**. New York: Harry N. Abrams, 1998.

FONSECA, F. L. **Apontamentos para a História da Faculdade de Arquitetura da UFBA**. Salvador, 1984.

FOUCALT, M. **Ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

FOWLER, P. The public and the private in architecture: a feminist critique. **Women's studies hr. Forum**. Canada: University of Toronto. vol. 7. n. 6. 1984, p.449-454.

GRAFT-JOHNSON, A.; MANLEY, S.; GREED, C. **Why do women leave architecture ?** University of the West of England, Bristol, 2003, p.1- 55.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Conselho de Cultura debate Plano de Leitura e criação de comissão de diagnóstico. Disponível em: <<http://www.secom.ba.gov.br/2014/08/120612/Conselho-de-Cultura-debate-Plano-de-Leitura-e-criacao-de-comissao-de-diagnostico.html>>. Acesso em: 17 set. 2019.

GONÇALVES, A. L. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUERRA, A. Historiografia da arquitetura brasileira. **Arquitextos**, São Paulo, ano 01, n.010.00, Vitruvius, mar. 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.010/905>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

HAYDEN. D. **Grand Domestic Revolution: History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods and Cities**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1982.

HUAPAYA ESPINOZA. J.C. "Nordeste selvagem e acolhedor": o olhar carioca, paulista e mineiro sobre a arquitetura moderna nordestina através das revistas especializadas, 1950-1970. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO NORTE/NORDESTE. Projeto, obra, uso e memória. A intervenção no patrimônio arquitetônico moderno. 5., 2014, Fortaleza **Anais eletrônicos [...]**. Fortaleza: DOCOMOMO Norte/Nordeste, 2014. Disponível em: <https://docomomoceara.wixsite.com/docomomoceara/anais-5o-nne>. Acesso em: 22 fev. 2020.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JOHNSON, C. R. **Women In Architecture: An Annotated Bibliography and Guide to Sources of Information**. Illinois: Editora Monticello, 1974.

PASSOS, E. S. Entre a autoridade e o afeto: Anfrísia Santiago e a educação feminina na Bahia. In: _____. LEITE, M. M. S. B. (org.). **Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em**



salvador, 1090-1930. 1997. 187 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, 1997.

LEITE, M. M. S. B. As damas da caridade: sociabilidades femininas na Bahia republicana. In: _____. SARDENBERG, C. M.B.; VANIN, L. M.; ARAS, L. M. B. de. **Fazendo Gênero na Historiografia Baiana.** Salvador: NEIM/UFBA, 2001. p. 89-104.

LEITE, M. M. S. B. **Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930.** 1997. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1997.

LEONELLI, C. Lina Bo Bardi: experiências entre arquiteturas, artes plásticas e teatro. Dissertação de mestrado, São Paulo, 2011, p.210.

LIMA, A. G. G. **Reverendo a história da arquitetura:** uma perspectiva feminista. 2004. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do Século XX.** São Paulo: Altamira Editorial, 2014.

MARTIN, B.; SPARKE, P. **Woman's Places:** Architecture and Design 1860-1960. London and New York: Routledge. Taylor&Francis Group. 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=LfiBAGAAQBAJ&pg=PA172&lpg=PA172&dq=Architecture.+A+Place+for+Women&source=bl&ots=3PTULcJE_G&sig=iorJ0id5fBya_xi5Ag0ThGS8gKQ&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwjP0Pzq8M_eAhWNnJAKHbWFDKM4ChDoATABegQIBBAB#v=onepage&q=Architecture.%20A%20Place%20for%20Women&f=false>. Acesso em: 20 Oct. 2018.

MASSEY, D. **Space, Place and Gender.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MONTANER, J. M.; MUXÍ, Z. **Arquitetura e Política:** ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

NADER, M. B. A influência da determinação biológica na divisão social dos papéis. In: _____. **Mulher:** do destino biológico ao destino social. 2ª ed. Ver. Vitória: EDUFES/ centro de Ciências Humanas e Naturais, 2001. p. 105-122.

NOVAS, M. **Arquitectura y Género.** Una reflexión teórica. Dissertação (mestrado). Instituto Universitario de Estudios Feministas y de Género. Facultad de Ciencias Humanas y Sociales. Jaume, 2014.

NUNES, C. **Anísio Teixeira.** Recife: Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

OKIN, S. M. **Gênero, o público e o privado** (tradução do original). 1998. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, n.16 (2): 440, mai. - ago. 2008.

PERROT, M. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2008.

PERSONAGEM DO RIO VERMELHO ARILDA MARIA CARDOSO DE SOUSA. **PERSONAGEM DO RIO VERMELHO ARILDA MARIA CARDOSO DE SOUSA.** Salvador –BA, mar. 2014 – Ano 3. n.6, p. 10.

PORTINHO, C.; ANDRADE, G. E. **Por toda a minha vida.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 195 p.

PRIORE, M D. **História das mulheres no Brasil.** 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RACKARD, N. Dez arquitetas desprestigiadas pela história. **ArchDaily.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-101648/dez-arquitetas-desprestigiadas-pela-historia>>. Acesso em: 15 jul 2019.

RACKI, R. **Mothers' Perceptions Of Housing Space.** An Analysis of 3 Married Student Housing Sites: Eastgate, Westgate and Peabody Terrace. Massachusetts Institute of Technology, 1974.

RENDELL, J.; PENNER, B.; BORDEN, I. **Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction.** London: Routledge, 2000.

REVISTA CREA BAHIA. **Primeira arquiteta formada pela Ufba, Lycia Conceição Alves completou 100 anos.** 2005. ed.10. Disponível em: <<http://www.creaba.org.br/Artigo/176/wfmlnterna.aspx?Tela=Artigo&Codigo=176>>. Acesso em: 10 out. 2019.



RUBINO, S.; GRINOVER, M. Lina por escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi 1943-1991. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, n. 28, 2009, p. 272-274.

RUBINO, S. Memórias de uma moça (nem tão) bem-comportada. Resenhas Online, São Paulo, ano 08, n. 089.01, **Vitruvius**, mai. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.089/3040>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. Corpos, cadeiras, colares: Charlotte Perriand e Lina Bo Bardi. **Cadernos Pagu**, n. 34, p. 331-362, abr. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644960>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

SÁ, F. C. **Profissão: Arquiteta**: Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico nas perspectivas das relações de gênero. Tese (Mestrado) – Faculdade de arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SARDENBERG, C. M.B.; VANIN, L. M.; ARAS, L. M. B. de. **Fazendo Gênero na Historiografia Baiana**. Salvador: NEIM/UFBA, 2001. 199p.

SCOTT BROWN, D. Room at the top? Sexism and the star system in architecture. In: _____. RENDELL, J.; PENNER, B.; BORDEN, I. (org.). **Gender space srchitecture**. Na interdisciplinary introduction. New York: Routledge, 2000.

STRATIGAKOS, D. **Where Are the Women Architects?**. Nova Jersey: Princeton University Press, 2016. 128 p.

TEIXEIRA, A. **Relatório do Serviço de Instrução Pública do Estado da Bahia**, apresentado ao Exo. Sr. Cons. Bráulio Xavier da Silva Pereira, Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, para ser encaminhado ao governador do Estado da Bahia. Salvador, Imprensa Oficial do Estado, 1928. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/>>. Acesso em: 05 ago. 201.

VALENTE, W. R. **O Nascimento da matemática no ginásio**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

VEYNE, P. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WAISMAN, M. **O interior da história**: Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. São Paulo: Perspectiva, 2013.

WRIGHT, G. On the Fringe of the Profession: Women in American Architecture. 1976, p. 290 -306. In: _____. **The Architect**: Historical Essays on the Profession. New York: Oxford University Press, 1976. cap. 10, p. 280-360. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=OdzFs7uZ8clC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=On%20the%20Fringe&f=false>. Acesso em: 10 nov. 2018.

APÊNDICE A – Modelo de Entrevista

Roteiro para entrevistas das profissionais formadas em arquitetura entre 1936-1969, em Salvador –BA.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

Nome:
Endereço:
E-mail:
Estado civil:

Este formulário tem como finalidade compor uma série de estudos acerca da pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado: *NENHUMA A MENOS: AMPLIANDO A HISTÓRIA DA ARQUITETURA MODERNA EM SALVADOR (1936-1969)*. As informações serão utilizadas apenas com tal finalidade, e de forma anônima.

Salvador - BA - 1936-1969

- Quais as principais mudanças que marcaram Salvador entre as décadas de 1930 a 1960?
- O que significava ser mulher em Salvador durante o período o qual cursou e se formou em Arquitetura?
- Havia incentivo na sua família para que você estudasse? E de maneira mais abrangente, acha que as mulheres tinham incentivos aos estudos de forma igualitária?

Formação

- Por que escolheu o curso de arquitetura e urbanismo? Teve alguma influência?
- Como era sua rotina na época dos estudos? Quais as principais dificuldades encontradas?

- Durante o curso havia mulheres em sala de aula? E professoras? Acha que existiu alguma diferença entre homens e mulheres durante a graduação?
- Você trabalhou durante o curso, ou teve algum suporte financeiro?

Atuação Profissional

- Depois de formada atua profissionalmente na área? Se não, em que área atuou?
- Como foi seu primeiro emprego?
- Havia mais mulheres atuando com você durante sua carreira profissional?
- Se casou? Se sim, antes ou depois de se formar? Qual a profissão do seu companheiro?
- Teve filhos? Acha que o fato de ter tido filhos dificultou algo na profissão?
- Com relação à vida pessoal, quais os sacrifícios ou decisões que tomou para chegar onde está hoje? Teve que abrir mão de algo, ou fazer algum sacrifício para exercer a profissão?
- Como superou os desafios que foi encontrando durante a profissão?
- Você conhece alguma arquiteta que se formou na UFBA e atuou profissionalmente? Quem? Conhece projetos dela? Quais?

APÊNDICE B – Lista de trabalhos desenvolvidos arquitetas entrevistadas:

CATEGORIA	ARQUITETA	ANO
CARGO/ FUNÇÃO		
Topógrafa, no Serviço de Águas e Esgotos da Bahia, atual Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A. (Embasa).	Lycia Conceição Alves	s/ informação
Membro Fundadora da Associação Brasileira Protetora dos Animais (ABPA-BA)	Lycia Conceição Alves	1939
Arquiteta contratada pela da Prefeitura Municipal de Salvador, Secretaria de Finanças (SEFIM).	Lêda Serra S. Peixoto	1964-1967
Chefe de Seção de Cadastro da Divisão de Urbanismo da extinta SVOP	Lêda Serra S. Peixoto	1967-1970
Chefe em substituição do Diretor da Divisão da extinta Secretaria de Urbanismo e Obras Públicas (SUOP) .	Lêda Serra S. Peixoto	1973/1973/1975
Assistente de Secretário da Secretaria de Urbanismo e Obras Públicas (SUOP).	Lêda Serra S. Peixoto	1976/1977/1978
Assessora Técnica da Secretaria de Urbanismo e Obras Públicas (SUOP).	Lêda Serra S. Peixoto	1977-1978
Secretária em substituição de Urbanismo e Obras Públicas.	Lêda Serra S. Peixoto	1978
Assistente de Secretário em substituição.	Lêda Serra S. Peixoto	1979
Diretora de Departamento da Secretaria de Urbanismo e Obras Públicas (SUOP).	Lêda Serra S. Peixoto	~1979-1990
Analista Fazendário da Secretaria de Finanças (SEFIM).	Lêda Serra S. Peixoto	1992-2009
Coordenadora do GT de Áreas Verdes e Espaços Abertos do OCEPLAN – Órgão Central de Planejamento.	Arilda Maria C. Sousa	1975 -1982
Representante da ABAP – Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas - no Estado da Bahia.	Arilda Maria C. Sousa	Desde 1976
Membro do Conselho da Diretoria da ABAP (Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas).	Arilda Maria C. Sousa	Desde 1980
Membro do Corpo de Jurado do IAB – nome indicado nas eleições.	Arilda Maria C. Sousa	1993
Arquiteta do Escritório de Planejamento Urbano da Cidade de Baltimore.	Maria Eunice Vieira	s/ informação
Arquiteta pelo Ministério da Educação.	Maria Eunice Vieira	s/ informação
Arquiteta contratada pela Secretária de Saúde Pública do Estado da Bahia.	Ana Maria V. Fontenelle	1968-1970
Arquiteta contratada pela CLAN S. A.– Escritório de Consultoria e Planejamento.	Ana Maria V. Fontenelle	1970
Arquiteta contratada pela Secretaria de Indústria e Comércio do Estado da Bahia – ocupando cargo de confiança de Assessora da Coordenadora responsável pelo Plano de Turismo do Recôncavo.	Ana Maria V. Fontenelle	1971-1974
Arquiteta contratada pela Prefeitura Municipal de Salvador – Membro da Coordenação de Desenvolvimento Social.	Ana Maria V. Fontenelle	1979
Assessora da Vereadora Eliana Kertész.	Ana Maria V. Fontenelle	1982
Arquiteta contratada pela Companhia de Renovação Urbana de Salvador (RENURB), Secretaria de Educação de Salvador.	Ana Maria V. Fontenelle	1985
Arquiteta contratada pela Fundação Mário Leal Ferreira - Prefeitura Municipal do Salvador.	Ana Maria V. Fontenelle	1989-1997



Cargo de Diretora Técnica Prefeitura Municipal de Salvador.	Maria do S. A. F. da Silva	1968 - 2007
Arquiteta contratada pela SEDU do Estado.	Maria do S. A. F. da Silva	2007
Arquiteta do Órgão Central de Planejamento da Prefeitura de Salvador , DECOIS (Departamento de Obras e Conservação de Salvador).	Ivaneuza M. Leite Lima	1970-1991
Instrutora do I Curso de Capacitação de Recursos Humanos na área de Meio Ambiente ministrando a disciplina Código Municipal de Meio Ambiente realizado em Feira de Santana – Centro de Recursos Ambientais (CRA).	Ivaneuza M. Leite Lima	1992
Docente substituta na Universidade Federal da Bahia (UFBA).	Ivaneuza M. Leite Lima	2000-2001
Docente da disciplina Planejamento e gestão do turismo na Fundação Visconde de Cairu (FVC) – Salvador, BA.	Ivaneuza M. Leite Lima	2002-2003
Docente das disciplinas Ecologia Urbana e Conforto Ambiental I da União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME) – Salvador, BA.	Ivaneuza M. Leite Lima	2004-2019
Membro da Secretaria Geral da Diretoria do Instituto de Arquitetos do Brasil - Bahia.	Ivaneuza M. Leite Lima	1990-1991
Arquiteta contratada pela empresa privada “Otto” Engenharia.	Virgínia de O. Kaukark	s/ informação
Arquiteta contratada pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER).	Virgínia de O. Kaukark	s/ informação
Arquiteta contratada pela Administração da Cidade Satélite do Núcleo Bandeirante – Brasília, DF. Atuando nos cargos de: Chefe da Seção de Cadastro da Divisão Regional de Licenciamento e Fiscalização de Obras; Assistente Técnico; Diretor Substituto da Divisão Regional de Licenciamento e Fiscalização de Obras.	Lídia Luz Conceição	1973-1975
Arquiteta contratada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atuando nos setores: Escritório Técnico Administrativo da UFBA; Assessoria de Planejamento; Prefeitura do campus.	Lídia Luz Conceição	1976- 1999
Arquiteta contratada pela Prefeitura Municipal de Salvador.	Maria C. A. Gomes	s/ informação
Arquiteta contratada pela Prefeitura Municipal de Salvador.	Maria Vanda F. Espinosa	s/ informação
Arquiteta contratada pelo Estado - Superintendência de Construções Administrativas (SUCAB).	Silva Castro L. Vargens	s/ informação
Arquiteta contratada pela Prefeitura Municipal de Salvador - Departamento de Parques e Jardins.	Norma M. C.	s/ informação
Arquiteta contratada pela Prefeitura Municipal de Salvador - Superintendência de Urbanização da Capital (SURCAP).	Norma M. C.	s/ informação
Arquiteta contratada pela Prefeitura Municipal de Salvador - Centro do Planejamento Municipal.	Norma M. C.	s/ informação
Arquiteta contratada pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER).	Norma M. C.	s/ informação
PROJETOS RESIDÊNCIAIS	ARQUITETA	ANO
Reforma Casa Germinada na Travessa Firmino, no bairro do Politeama – Salvador, BA.	Lycia Conceição Alves	s/ informação
Realizou projetos particulares, porém não divulgou nenhum em específico.	Lêda Serra Saraiva Peixoto	s/ informação
Helito Cardoso - Fazenda Cajá – Santo Estevão – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1959
Aziz Abdalla Mujais – Rua da Graça – Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	s/ informação
Emílio Najjar – Rua Alameda Antunes – Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	s/ informação
Célio Mendes – Rua Amazonas - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1962



Afrísio Vieira Lima – Rua Basílio da Gama - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1963
Aroldo Cardoso – Lot. São Bernardo - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1966
Jaime Isesse – Rua Ferreira Santos - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1969
José Raimundo se Sousa, Rua José Wilson de Vasconcelos, Salvador–BA.	Arilda Maria C. Sousa	1970
Aristides Cardoso Filho – Lot. São Gonçalo- Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1970
Átila Alves Pereira – Praia da Barra do Gil – Itaparica – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1972
Aristides Cardoso Neto – Condomínio Mata Maroto - Salvador, BA.	Arilda Maria C. Sousa	1973
Ademar Santana - Rua Thomaz Gonzaga - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1973
Andyr Andrade – Praia da Coroa – Itaparica – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1975
Helito Mascarenhas Bittencourt – Cond. Mata Maroto, Salvador – BA,	Arilda Maria C. Sousa	1975
Adilson Andrade – Praia do Tubarão - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1975
Andyr Andrade – Cond. Mata Maroto – Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1975
Carlos Alberto de Sousa – Cond. Mata Maroto - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1976
Albino Novais – Horto Florestal, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1978
Roberto Marques de Sousa – Jardim Teresópolis – Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1978
Adda Matos Bastos – Cardeal da Silva, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1979
Arnaldo Fraga – Quinta do Candeal – Salvador-BA.	Arilda Maria C. Sousa	1979
Geraldo Barreiros Cardoso – Rio Vermelho - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1979
Heloísa Cardoso – Conceição de Feira – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1980
Alberto Farias – Aldeia de Itapuã - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1980
Milton Barros - Cond. Mata Maroto - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1982
Pedro Aurélio de Freitas Araújo – Loteamento S. Gonçalo - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1982
José Geraldo Sampaio Moura – Loteamento Vilas do Atlântico – Lauro de Freitas – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1983
Roberto Marques de Sousa, Praia de Caixa Prego – Vera Cruz-BA.	Arilda Maria C. Sousa	1983
Reinaldo Damasceno – Prado - BA.	Arilda Maria C. Sousa	1984
Délio Ferraz Pinheiro – Condomínio Jardim Califórnia, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1984
Maria Eunice Araújo (coautoria) – Cond. Mata Maroto, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1985
Jorge Guedes – Loteamento Vilas do Atlântico, Lauro de Freitas – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1986
Ana Cristina Cardozo – Loteamento S. Gonçalo, salvador – BA	Arilda Maria C. Sousa	1986
Maria Lúcia Barbosa, Condomínio Encontro das Águas, Lauro de Freitas - BA.	Arilda Maria C. Sousa	1986
Avany Cardoso – Loteamento S. Gonçalo - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1989
Iberê Jorge dos Santos – Rua S. Paulo – Vera Cruz - BA.	Arilda Maria C. Sousa	1989
Dalmar Vieira da Costa – Loteamento Sto. Antônio de Jesus-BA,	Arilda Maria C. Sousa	1989
Maria Bethânia Veloso – Fazenda Sta. Maria Barbara – Santo Amaro – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1995
Alaide dos Santos – Federação - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1995
Dionísio Martins – Lot. Encontro das Águas - Lauro de Freitas – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1996
Carlos Widmer – Lot. Interlagos - BA.	Arilda Maria C. Sousa	1998
Ceres Saba Pereira Cardoso – Cond. Dos Corais – Guarajuba – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1999
Ana Schiper –Condomínio Horto Florestal- Salvador BA.	Arilda Maria C. Sousa	2002

Residência Maria Eunice em Brasília.	Maria Eunice V. de Oliveira	s/ informação
Residência do vizinho em Brasília – s/ mais informações.	Maria Eunice V. de Oliveira	s/ informação
Projeto Residencial de Maria Eunice no Condomínio Mata Maroto – Federação, Salvador- BA (acompanhamento de obra: Arilda Maria Cardoso Sousa).	Maria Eunice V. de Oliveira	s/ informação
Projeto Residencial da filha mais nova de Maria Eunice - Condomínio Associação dos Moradores Horto Florestal – Salvador –BA.	Maria Eunice V. de Oliveira	s/ informação
Projeto Arquitetônico da Residência de Praia do Sr. Fernando B. de Cerqueira, localizada no Condomínio Enseada do Araúá, Vera Cruz (130,00 m²).	Lídia Luz Conceição	1986
Projeto Arquitetônico da Residência de Fernando B. de Cerqueira, localizada no loteamento Jardim Iara – Pernambués – Salvador. (260,00 m²).	Lídia Luz Conceição	1986
Projeto Arquitetônico da Residência da Sra. Emília e Sr. Zoroastro, localizada no Loteamento Jardim Encantamento – Itapuã – Salvador. (280,00 m²).	Lídia Luz Conceição	1988
Projeto Arquitetônico da Residência de Campo do Sr. João Lycio C.Filho, localizada no Condomínio Chácaras do Jacuípe, Qd/ -L/4 (300 m²).	Lídia Luz Conceição	1993
Projeto de reforma da Residência dos Professores Jamary e Alda Oliveira, Lot. Colina da Fonte, Itapuã.	Lídia Luz Conceição	2003/2009
Projeto Residencial, Casa Econômica, enviado à Secretaria do Governo do Distrito Federal para aprovação e implantação na Cidade Satélite do Núcleo Bandeirante.	Lídia Luz Conceição	~1973-1975
Afirma ter realizado Projetos Residenciais particulares, mas não informou dados de nenhum específico	Silvia Castro L. Vargens	s/ informação
Afirma ter realizado Projetos Residenciais particulares, mas não informou dados de nenhum específico	Norma M. C.	s/ informação
PROJ. DE INSTALAÇÕES HOSPITALARES E CLÍNICAS MÉDICAS	ARQUITETA	ANO
Casa de Saúde Ana Nery – Praça da Liberdade, 14 – Salvados – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1964
Casa de Saúde Santa Mônica (ampliação) – Lot. Stª Mônica, Salvador - BA.	Arilda Maria C. Sousa	1970
Instituto de Gastroenterologia e Hepatologia – Rua João das Botas – Salvador – BA, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1977
Hospital Psiquiátrico - Brasília - DF	Maria Eunice V. de Oliveira	~1960
Projeto IBEN – Instituto Bahiano de Estudos em Neurologia, Pituba Parque Center, sala 222, B (100.00 m²)	Lídia Luz Conceição	2007
Projeto da clínica CECOBA, com desenho do mobiliário, Av. ACM (325.00 m²).	Lídia Luz Conceição	2009
Instalação do IBEN – Instituto Bahiano de Neurologia, com desenho do mobiliário, no anexo do Hospital Espanhol (82.00 m²).	Lídia Luz Conceição	2009
HR – Consultório Odontológico da Dra. Helena Rocha, rua Altino Serbeto de Barros, Ed. Atlantis Multiempresarial, sala 173 (30.00 m²).	Lídia Luz Conceição	2009
Projeto do Espaço para Atendimento Social da Fundação D. Avelar, Rio Vermelho (51.00 m²).	Lídia Luz Conceição	2011
Projeto de Reforma da CND – Clínica de Neuro diagnóstico e Eletroencefalografia, da Dra. Maysa Cardoso e Dra. Solana Rios, Complexo Médico Itaigara, Bloco B sala 1309 (30.00 m²).	Lídia Luz Conceição	2011



Projeto da Clínica Face Radiologia e Documentação Odontológica do Dr. Pedro Menezes, rua Barão de Cotegipe, Ed. Serra Valle, sala 214 (99.00 m²).	Lídia Luz Conceição	2011
PROJ. DE INSTALAÇÕES COMERCIAIS, INDUSTRIAIS, ADMINISTRATIVAS e EDUCACIONAIS	ARQUITETA	ANO
Frigorífico SCAR, Sede – Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1975
Inconfrio, Sede industrial – Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1978
Laboquímica, Sede Comercial - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1981
Laboquímica, Edifício de Escritórios – Salvador –BA.	Arilda Maria C. Sousa	1983
Haga, Centro Comercial - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1986
Hotel Catharina Paraguaçu, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1990
Pousada das Palmeiras, Santo Antônio de Jesus, BA.	Arilda Maria C. Sousa	1992
Casa Antiga integrante do conjunto arquitetônico da Academia de Ginástica do Rio Vermelho – Largo de Santana nº 06 - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1998
Casa Antiga Sede da Polícia Militar, 12ª COMPANHIA, na praça Colombo no Rio Vermelho - Salvador – BA., (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1998
Centro Administrativo da Bahia (CAB) (coautoria)	Maria do Amorim Silva	1972
Projeto do Anexo da Administração da Cidade Satélite do Núcleo Bandeirante.	Lídia Luz Conceição	~1973-1975
Coautora dos projetos arquitetônicos para o Centro de Educação Integrada do SESI-Lobato BA, constando de: Conjunto Educacional, Centro Artístico e Esportivo, Restaurante e Conjunto Administrativo.	Lídia Luz Conceição	1988
Instalação da Loja Cacau Show, Shopping Barra, Salvador (49.00 m²).	Lídia Luz Conceição	2010
Membro da equipe responsável pela Revisão do Plano de Ocupação Física dos Campi Canela e Federação.	Lídia Luz Conceição	1976
Coautora do Plano de Ocupação Física do Campus Federação.	Lídia Luz Conceição	1976
Coautora do projeto arquitetônico do Conjunto do Instituto de Matemática, Centro de Processamento de Dados e Pavilhão de Aulas I, perfazendo um total de 12.419, 00m².	Lídia Luz Conceição	1977
Coautora do projeto arquitetônico do Núcleo inicial da Fundação Universidade de Camaçari, elaborado através do Convênio firmado entre a UFBA, Governo do Estado da Bahia e Prefeitura Municipal de Camaçari. (13.149,00 m²).	Lídia Luz Conceição	1978
Coautora da proposta de ocupação física para o Campus de Ciências Agrárias de Cruz das Almas da Universidade Federal Da Bahia.	Lídia Luz Conceição	1978
Coautora do projeto arquitetônico do Restaurante Universitário do Campus de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Bahia. (1.496,00 m²).	Lídia Luz Conceição	1978
Coautora do projeto arquitetônico do Pavilhão de Aulas Rural I do Campus de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Bahia. (610,52 m²).	Lídia Luz Conceição	1978
Coautora do projeto arquitetônico do Módulo Residencial para estudantes do Campus de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Bahia. (1.420,00 m²).	Lídia Luz Conceição	1978
Coautora do projeto arquitetônico do Centro de Artes da Universidade Federal da Bahia (19.287,00 m²).	Lídia Luz Conceição	1980
Coautora do projeto arquitetônico da Biblioteca Central da Universidade Federal da Bahia (12.421,00 m²).	Lídia Luz Conceição	1980
Coautora do projeto de ocupação física do Acervo de Compositores da Bahia e Memorial Lindembergue Cardoso, em prédio da UFBA.	Lídia Luz Conceição	1991
Coautora do projeto de ocupação física da Casa de Cultura Jorge Amado.	Lídia Luz Conceição	1988



PROJETO DE INSTALAÇÕES DE INSTITUIÇÕES CULTURAIS	ARQUITETA	ANO
Museu Geológico do Estado da Bahia - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1982
Complexo Cultural de Conceição de Feira - Conceição de Feira – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1984
Auditório do Museu Geológico do Estado da Bahia - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1986
Campus Universitário de Euclides da Cunha – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1986
Centro de Estudo de Euclides da Cunha , BA..	Arilda Maria C. Sousa	1986
Salão de Fosseis do Museu Geológico da Bahia - Salvador – BA.,	Arilda Maria C. Sousa	1988
Projeto da Unidade Cívico Cultural da Cidade Satélite do Núcleo Bandeirante.	Lídia Luz Conceição	~1973-1975
PROJETO DE RESTAURAÇÃO E REUTILIZAÇÃO DE EDIFÍCIOS DE MÉRITO ARQUITETÔNICO	ARQUITETA	ANO
Casa comercial no Largo do Mucambinho – Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1974
Casa sede do Museu Geológico da Bahia - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1982
Casa sede da Fazenda Engenho de Baixo - Salvador-BA.	Arilda Maria C. Sousa	1982
Casa antiga integrante do conjunto arquitetônico do Hotel Catharina Paraguaçu – Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1990
Sobrado antigo integrante do conjunto arquitetônico da Pousada das Palmeiras – Santo Antônio de Jesus – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1992
Sobrado antigo integrante do conjunto arquitetônico do Solar do Paraíso Santo Amaro – BA.	Arilda Maria C. Sousa	2009
PAISAGISMO – PROJETOS:	ARQUITETA	ANO
Jardins da Casa de Saúde Santa Mônica - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1961
Jardins da Casa de Saúde Ana Nery – Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1965
Jardins da residência de Aziz Abdalla Mujais - Salvador (Pituba)– BA.	Arilda Maria C. Sousa	1970
Jardins da residência de Humberto Castro, Morro do Gato, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1970
Jardins da residência de José Paixão, farol de Itapuã - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1971
Jardins da residência de Aristides Cardoso Filho, Lot S. Gonçalves - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1971
Jardins da residência José Raimundo de Sousa. Lot. S. Gonçalves - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1972
Jardins da residência de Aristides Cardoso Neto, Cond. Mata Maroto-Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1975
Jardins da residência de Helito M. Bittencourt, Cond. Mata Maroto - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1976
Arborização Pública do Complexo do CAJI – Salvador - BA.	Arilda Maria C. Sousa	1978
Jardins da residência de Andyr Andrade, Cond. Mata Maroto - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1979
Jardins do Condomínio Mata Maroto - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1980
Jardins do entorno da Fábrica ACRINOR, Camaçari - BA (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1980
Jardins da residência de Dirceu Magalhães Ferreira, Lot. Quinta do Candeal, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	
Jardins do entorno da Sede da BASF QUÍMICA DA BAHIA S/A , (estudo preliminar) - Camaçari-BA.	Arilda Maria C. Sousa	1980
Jardins do entorno do edifício do Shopping Center IGUATEMI – Salvador - BA	Arilda Maria C. Sousa	1981



Identificação visual do edifício-sede do DESENBANCO, Salvador –BA.	Arilda Maria C. Sousa	1981
Jardins da residência de Adilson Peixoto Sampaio, Praia de Tubarão, Paripe - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1982
Praça da Stela Comemorativa, Complexo Pedra do Cavalo, Cachoeira – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1982
Tratamento Paisagístico da Fazenda Engenho de Baixo – Aratuípe – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1982
Mirantes das áreas do entorno da Barragem Pedra do Cavalo - Cachoeira – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1983
Tratamento Paisagístico das vias de acesso ao Complexo Pedra do Cavalo, Cachoeira – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1983
Pátio interno do Palácio Rio Branco, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1984
Jardins e escadarias do Palácio Rio Branco (Restauração) - Salvador – BA,	Arilda Maria C. Sousa	1984
Jardins do Museu Geológico da Bahia - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1985
Jardins de estrutura, da Fundação Mário Cravo – Salvador - BA.	Arilda Maria C. Sousa	1985
Jardins do Condomínio Morada do Bosque, Vitória da Conquista- BA.	Arilda Maria C. Sousa	1986
Jardins do edifício Alexandre Fleming - Salvador – BA	Arilda Maria C. Sousa	1989
Jardins do edifício Ômega - Salvador – BA	Arilda Maria C. Sousa	1989
Jardins do edifício Mirante da Sereia - Salvador – BA, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1992
Jardins do Hotel Catharina Paraguaçu - Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1992
Parque de Esculturas em Pituaçu – Espaço Cravo – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1994
Restauração da Praça do Campo Grande – Salvador – BA, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1998
Tratamento paisagístico da Vila da Praia do Forte, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1999
Tratamento paisagístico- Promenade de Pedra do Cavalo SRH Cachoeira - BA, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	2006
Parque S.Bartolomeu- Projeto de Urbanização e Paisagismo-Salvador –BA, (coautoria)	Arilda Maria C. Sousa	2009
PAISAGISMO – PLANEJAMENTO	ARQUITETA	ANO
Condomínio Horizontal na Rua Amazonas, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1962
Loteamento Bairro Novo da Conceição, Itabuna – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1968
Condomínio Horizontal Mata Maroto, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1972
Condomínio Horizontal Vila Nova da Rainha, Salvador – BA, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1977
Condomínio Horizontal Horto Florestal, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1977
Diretrizes Paisagísticas para o Plano Urbanístico do Cajá, Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1977
Condomínio Horizontal Água de Prata , Camaçari - BA.	Arilda Maria C. Sousa	1977
Diretrizes Paisagísticas para o projeto Urbanístico da fazenda Açú da Torre, Mata de São João – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1977
Loteamento Fazenda Tauassu (anteprojeto), Salvador – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1979
Varandas da Boca do Rio, Salvador – BA, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1979
Loteamento Chácara Rocinha, Conceição da Feira – BA, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1980
Loteamento Alto Bonito, Tucano – BA.	Arilda Maria C. Sousa	1986
Apart Hotel Foz do Jacuipe, Camaçari- BA, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1992
PROJETOS E PLANOS URBANOS	ARQUITETA	ANO



Planejamento e implantação do Plano de Turismo do Recôncavo da Bahia	Ana Maria V. Fontenelle	~1970/1971
Estudo de Implementação do Distrito Industrial de Vitória - ES	Ana Maria V. Fontenelle	~1970
Plano de Urbanismo do Governo do Estado do Piauí.	Ana Maria V. Fontenelle	~1970
Coautoria em Planos Diretores de Cidades do Interior da Bahia, a arquiteta expos apenas a cidade de Jacobina, apesar de se recordar de ter participado de mais projetos.	Ana Maria V. Fontenelle	1974-1979
Implantação do Projeto Prefeitura-Bairro, junto com Planejamento Urbano Participativo	Ana Maria V. Fontenelle	1979-1882
Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), Salvador –BA (coautoria)	Arilda M. C. de Sousa; Ivaneuza M. L. Lima; Maria C. A. Gomes; Maria Vanda F. Espinosa.	s/ informação
Assessoria e Consultoria - Plano Diretor Urbano de Feira de Santana – BA.	Ivaneuza M. L. Lima;	1999
Assessoria e Consultoria - Código de Meio Ambiente de Salvador – BA.	Ivaneuza M. L. Lima;	1996
Assessoria e Consultoria - Armando Freire Branco. Banco de Experiências de Planos Diretores Participativos - Salvador, BA.	Ivaneuza M. L. Lima;	2005
Projeto de Adequação de Frota de ônibus – Salvador, BA.	Ivaneuza M. L. Lima;	1978
Estudo de Identificação de Vias em Bairros Populares – Salvador, BA.	Ivaneuza M. L. Lima;	1977
Projeto Urbanístico e de Equipamentos da Rua Dr. J. J. Seabra (Baixa dos Sapateiros) – Salvador, BA.	Ivaneuza M. L. Lima;	1977
Projeto de Urbanização da Praça central da Cidade Satélite do Núcleo Bandeirante.	Lídia Luz Conceição	~1973-1975
Projeto do Terminal de Ônibus da Cidade Satélite do Núcleo Bandeirante.	Lídia Luz Conceição	~1973-1975
PREMIAÇÕES E HOMENAGENS	ARQUITETA	ANO
Reverência prestada pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil	Lycia Conceição Alves	s/ informação
Moção do Conselho Estadual de Cultura da Bahia (CEC-BA) atribuída aos 110 anos de nascimento de Lycia Conceição Alves	Lycia Conceição Alves	s/ informação
Plana em homenagem pela passagem do cinquentenário de exercício profissional – Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura, e Agronomia da Bahia (CREA-BA).	Lêda Serra Saraiva Peixoto	2006
Prêmio Henrique Brugni, com o trabalho “Estudo de Reiteração do Núcleo Histórico de Salvador” (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1969
Prêmio Henrique Brugni, com o trabalho “Estudo de Reiteração do Núcleo Histórico de Salvador”(coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1969
Prêmio Cubo de Acero CAYC, <i>La Bienal Internacional de Arquitectura de Buenos Aires</i> .	Arilda Maria C. Sousa	1989
Troféu conferido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento da Bahia, homenagem prestada na passagem dos seus quarenta anos de fundação.	Arilda Maria C. Sousa	1994
Prêmio Menção Honrosa, pelo projeto Hotel Catharina Paraguaçu, Premiação IAB/BA	Arilda Maria C. Sousa	1997
Prêmio Arquitetura de Interiores/obra, pelo projeto Salão de café do Hotel Catharina Paraguaçu, premiação IAB/BA	Arilda Maria C. Sousa	1997
Prêmio Paisagismo/Projeto, pelo projeto de Paisagismo do hotel Catharina Paraguaçu IAB/BA	Arilda Maria C. Sousa	1997



Prêmio Paisagismo / Projeto implantado, do Hotel Catharina Paraguaçu IAB/BA	Arilda Maria C. Sousa	1997
Diploma do Mérito do CREA-BA, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados no exercício profissional sob a égide da fiscalização deste Regional - Salvador	Arilda Maria C. Sousa	2005
Homenagem da Câmara de Vereadores, requerida pela vereadora presidente da comissão de planejamento urbano e meio ambiente da cidade de Salvador " Vereadora Maria Del Carmem - SENGE – IAB- Clube de Engenharia. "Arquiteta comprometida com a qualidade de Vida da População".	Arilda Maria C. Sousa	2005
PUBLICAÇÕES	ARQUITETA	ANO
Avenida Vale dos Barris, Revista SURCAP, Ano I, Número I, em abril de 1964	Arilda Maria C. Sousa	1964
Anfiteatro do Parque Joventino Silva, C.J. Arquitetura Número 12, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1976
Espaços abertos – Projeto Pituba – Cadernos OCEPLAN, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1976
Parque Metropolitano do Abaeté – Cadernos OCEPLAN, (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1977
Áreas Verdes e Espaços Abertos – PLANDURB – OCEPLAN, (coautoria)	Arilda Maria C. Sousa	1977
Estudo de Áreas Verdes e Espaços Abertos – Prefeitura Municipal de Salvador, Cadernos Brasileiros de Arquitetura Paisagismo, vol. V, em novembro de 1978 (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1978
Parque Metropolitano de Itapuã – Cadernos Brasileiros de Arquitetura - Paisagismo, vol. V, em novembro de 1978 (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1978
Condomínio Parque Florestal, Salvador, Bahia – cadernos Brasileiros de Arquitetura – Paisagismo, vol. V, novembro de 1978.	Arilda Maria C. Sousa	1978
Projeto Urbanístico Integrado Caji – Paisagismo, Secretaria do Saneamento e Desenvolvimento Urbano- Salvador, 1978.	Arilda Maria C. Sousa	1978
Municipal Diffused Nurseries for the City of Salvador, Cambridge, England.	Arilda Maria C. Sousa	1979
Garten von Arilda Cardoso Sousa, Salvador – Garten Landschaft, März, 3 – Seite 171	Arilda Maria C. Sousa	1980
Grün und Freiflächenplan Salvador – Bahia – Garten Landschaft, März, von Seite 174 zu179.	Arilda Maria C. Sousa	1980
Secrétariat de la planification, Centre Administratif de Bahia, Salvador de Bahia, de la capitale coloniale à la metropole du XXI siècle, par A. Peskine e J. P. Roullé – Architectures en Amerique Latine, in techniques & ARCHITECTURE, mars 1981 n. 334.	Arilda Maria C. Sousa	1981
Freiraumplanung in Salvador- Bahia – Brasilien – Garten Landschaft, August 1981, von Seite 625 zu 631.	Arilda Maria C. Sousa	1981
Agenciamento Paisagístico do Vale das Pedrinhas – Cadernos Brasileiros de Arquitetura – Paisagismo, vol. 11, outubro de 1982 (coautoria).	Arilda Maria C. Sousa	1982
Um horto para Produção de mudas, cadernos Brasileiros de Arquitetura- Paisagismo, vol.11, outubro de 1982.	Arilda Maria C. Sousa	1982
Lotissement Jardin d'Arilda Cardoso Sousa, in Champs d'intervention des paysagistes bresiliens contemporains-Paysage & Amenagement, novembro 1989, p. 106 a 114.	Arilda Maria C. Sousa	1989
Paisagem Reconstruída – Barragem de Pedra do Cavalo, pag. 117 em 1. Paisagismo - Brasil Dourado, Guilherme Mazza, org. 11 título III – Título Um Panorama do Paisagismo Contemporâneo no Brasil, 1997.	Arilda Maria C. Sousa	1997
Paisagem de Diversidade, Hotel Catharina Paraguaçu, p. 132 em 1. Paisagismo – Brasil.	Arilda Maria C. Sousa	1997
Paisagem da Intimidade Condomínio Mata Maroto, p. 152.	Arilda Maria C. Sousa	1997



Unidades de Conservação: reflexões sobre a prática de gestão. Bahia Análise & Dados, v. 7, p. 84-94 (artigo completo publicado).	Ivaneuza M. Leite Lima	1997
Planejamento versus Áreas Verdes Urbanas: o caso de Salvador. Conjuntura & Planejamento, v. 1, p. 10-13, (artigo completo publicado).	Ivaneuza M. Leite Lima	1998
CONCURSOS PÚBLICOS E PRIVADOS	ARQUITETA	ANO
Concurso para Vestibular de Arquitetura, Escola de Belas Artes da UFBA, 3º lugar, – público.	Arilda Maria C. Sousa	1955
Concurso Público para Remodelação do campo Grande (coautoria) - público.	Arilda Maria C. Sousa	1963
Concurso Público para o Novo Mercado Modelo, – público.	Arilda Maria C. Sousa	1970
Concurso Público de Ideias para o Parque do Reino Animal em Pituaçu, Salvador, BA – público.	Arilda Maria C. Sousa	1989
Concurso para o Planejamento Paisagístico do Bairro Alto da Cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais, (associação ao Escritório Maurício Roberto Arquitetos Associados) – privado.	Arilda Maria C. Sousa	1977
Concurso para o Projeto Paisagístico da área de “Buraquinho” - Salvador – BA, (associado ao Escritório Firmo Azevedo) – privado.	Arilda Maria C. Sousa	1978
Concurso para o Projeto dos Jardins de entorno do edifício-sede da CBPM – Salvador – BA, (associado à Arquiteta Maria Ângela Mascarenhas) – privado.	Arilda Maria C. Sousa	1978
Concurso para o Anteprojeto da sede Social do BNB, Salvador – BA, (associado à arquiteta Maria Ângela Mascarenhas) – privado.	Arilda Maria C. Sousa	1983
Concurso para o Anteprojeto da Praça, Mirante e Monumento da Barragem João Durval Carneiro, Mairi-BA, (associado ao artista plástico Mário Cravo Júnior) – privado.	Arilda Maria C. Sousa	1984
Coautora da proposta vencedora do Concurso Público para a Ocupação Física do Centro de Educação Integrada do SESI, Lobato BA.	Lídia Luz Conceição	1987

APÊNDICE C – Tabela de média das notas estudantis

Tabela contendo médias das principais disciplinas cursadas pelas estudantes do curso de arquitetura de Salvador, entre 1936-1969.

ALUNA/DICIPLINA	1ª série										2ª série										3ª série										4ª série										5ª série				
	Geometria Descritiva	História da Arte	Matemática Superior	Desenho Arquitetônico	Desenho Artístico 1ª parte	Arquitetura analítica 1ª parte	Modelagem 1ª parte	Sombra, Perspectiva e estereiotomia	Técnica da construção Topografia	Arquitetura analítica 2ª parte	Desenho artístico 2ª parte	Composição de arquitetura 1ª parte	Mecânica racional gráfico estática	Modelagem 2ª parte	Material de construção-estud. Solo	Composição decorativa 1ª parte	Composição de arquitetura 2ª parte	Resistência dos materiais estabil. das construções	Física aplicada	Desenho artístico 3ª parte	Higiene de habitação- saneamento das cidades	Composição decorativa 2ª parte	Teoria e filosofia da arquitetura	Estudos brasileiros	Arquitetura do Brasil	Concreto Armado	Grandes comp. de arquitetura 1ª parte	Urbanismo e arquitetura paisagística	Estética	Sistemas estruturais	Organiz. do trabalho- prática profissional	Legislação- economia e política	Grandes comp. de arquitetura 2ª parte	Organização social da cidade											
Vêda Gomes da Silva	7	7	5	4	7	8,5	6	5	7	8,5	7	7,5	4	7	6	4	5	4	5	7,5	7	9,5	8,5	7	6	6	7	8	7,5	5	6	6	5												
Mary Kathryn de Oliveira	6	8	4	4	7	6	6	6	7,5	8,5	5	7,5	4	6	5	5	4	5	5	5	4	7,5	8,5	4	8	5	7	7	7	6	6,4	5,75	5												
Leda Serra Saravia (Peixoto)	6	10	5	5	4	8	6	6	8,5	7,5	5	8,5	5	8	7	7,5	10	8	7,5	5,08	7,5	7	6,75	9	7,5	5	8	4,75	10	7	7	8	7,5	5,5											
Wilma Lima Campos	8,5	10	8	6	4	9	7,5	7	8,5	9	5	6	8,5	7,5	9	7	7	8,5	8,5	8,5	7	6,75	8,5	8,5	8	8,5	7	5,25	9,5	8	8,5	8,5	8,5	7											
Zélia Barreto de Almeida	8	7,5	6	4	4	7	5	4	7,5	7	4	4	5	6	5	4,5	5,25	5,25	7,5	3	7	5	5,75	9	6	6,25	7	4	7,5	7	7	7,5	5,55	5,75											
Orbele Coelho de Araújo	7	9	6	7	5	7,5	7	6	7	7	7	6,5	5,5	6,75	4,75	4,5	8	5	6,25	5,5	8	6,75	5	7,5	4,25	7	4,5	7	7	8	5	6,25	6	6											
Jane de Oliveira Vilares	6,75	7	5	7	8	7,5	8,5	7	7,5	7,5	8	10	7	8,5	6	4	9	6,5	6	6	5,25	6,25	7	7,5	6	4	7	7,5	7,5	8,5	7	6	8	7,33											
Arilda Maria Barreiros Cardoso	7	7,5	7	6,4	7,5	7	7	6,33	5,75	7,5	5,25	7,5	6,75	7,5	8,5	6,75	7	7,5	7,3	4	7,5	8	7	7,5	8	7,5	7,5																		
Lêda de Souza Oliveira	6	8,5	4,5	5	6,55	6,5	6,83	4,14	4,33	7	5	4	7,5	4	6	5	7	5	4	5	6,75	7	7	6,25	6	4																			
Maria Eunice Vieira de Oliveira	7	7,5	7,5	6	6	7,25	5,5	7,25	7	7	5	5	6	7,5	5,5	7,5	7	6,25	4	5,5	7	7	7,5	6,75	7	7																			
Lucia Maria Leal Gonçalves Pereira	7,25	6,5	4	6	5	6	5,5	6	4	4,75	6	5,75	4,25	5,25	6	7	4	4	4,76	5,5	6	4	5	4,5	5	6	7	5	7	5	6,5	7	6	7	7										
Vêda (Pereira) Robatto Stasi	7,5	10	8	8	7	7	8,5	7,5	8	9	7	8	9,5	7,5	9	7	7	8,25	8	7	9	7	8	8	8,5	8	7	7	7	8	9	7	7	7	7,5										
Fernanda Maria de Freitas Muniz	7	10	6,75	4,75	7	7	7	4,5	9	8	5	5,5	7,5	7	9	7	5	6	5	6	6	7	6,5	7	7,5	6	5	7	8,5	6	7,5	5	6,5	6,75											
Heloisia Telles de Oliveira	6,25	8,5	8	8	9	7,5	6,25	7,5	8	8	9	6	6	8	7	6	6	8	6	6	7,5	5	6,5	7	8,5	6,5	6,25	7,5	9	6,5	8	5,5	6	7,5	6										
Iza Vargas Leal	5,5	9,5	7,5	8,5	9,5	6	6,75	6,5	6	4,5	8	6	6	7	6	6	5	7	4,5	6	5,75	5,25	5,5	8	7,5	4	6,25	7	8	6,5	5,5	6	6	5,5											
Maria da Conceição Pereira Alves																																													
Anete Régis Castro	8	8	7	8	4	7,5	8	7,5	5	8,5	8	8	7,5	6	7	9	5,75	5,75	5,5	8	4,5	7,33	7,5	8	8	6,5	8,66	7	8	9	8	7	7	8											
Gilda Maria de Andrade Garcia	8	7	5,5	5	4	5,5	6	7	5,5	4,5	4	7	6	6	7,5	5,25	5	7,5	8	5	6	4,5	4,16	7,5	7	6,5	6	8	8	10	7	8	7	7											
Maria Sampaio Tavares																																													
Nadja Corrêa Gavazza	7	8	5,5	6	5	5	8	6	4	4,5	5	4	5	4	5,5	4	7	5,5	5,5	5,5	7,33	4,5	6	5,5	5	5	6	8	7	5	6	5	5	5											
Selma Maria Tavares	7	6	5,5	6	5	5	6	7,5	4,5	4,5	4	7	5	7	6,25	4	5	5	7	5	4,83	4,5	7	7	7	6	7	8	8	7	6	6	6	5											
Tejla Lerner Couto	5	6,5	8,5	7	5	5,5	6	7	7,5	5,75	7	4	5	5,25	6,5	7	4	5,66	8	8	4	8	7	7	7	8	7	7	9	8	8	8	6	5											
Maria de Lourdes Bautista Vidal	7,5	7,5	7,5	7,5	5,5	7,25	7	8	5	8	7	8	8	8	8	7	8	8	5	8	8	8	8	8	8	7	7	8	9	8	8	8	8	8	7										
Maria Lúcia Freire de Araújo	8,5	7	7	8,5	6,5	7	7,25	7,5	5,5	8	8	8	8	8	6	7	8	8	7	7	8	9																							
Maria do Socorro Targio de Araújo	7	8,5	6,5	6	7	7,5	8,5	6,5	4,5	7	7	6	7	6	6	7	7	8	5	8	9																								
Maura Moura Fernandes Costa	6,5	6,5	7,25	5,5	6	6,5	7,5	5,5	5	7	5	7	5	7	6	6	7	7	5	8	7	7	7	7	5	7	8	7	7	7	7	8	7	7											
Stella Maria Araújo Rocha Lima	4	5	7	8	7	5,5	8	6	5	6	7,5	6	8	5	7	6	8	6	6	5	8	8	8	7	8	6	8	7	8	7	8	7	7	7											
Ana Maria Vasconcelos Fontenele	7,5	9	7,5	9	6	8,5	7	7	8	8	7	7	9	7	6	8	8	9	7,33	7	8	7	9	7	8	7	8	7	8	9	8	10	8	7											
Ana Teresa Duarte Pontes	6,5	8	6,5	7	4	6,5	5	7	5	6	8	6	8	6	5	6	5	8	8	7	5	6	7	8	5	6	7	8	7	7	7	10	7	7											
Edsuarina Almeida de Amorim	7	7,5	6,5	9	4	6,5	4	8	5	7	8	7	8	7	8	8	6	7	9	7	6	7	7	8	6	6	8	8	9	8	10	6	7	7											
Margarida Cunha de Miranda Motta	5	6,5	6	5	5	5	8	7	7	6	7	6	7	6	7	6	5	8	8	6	6	6	7	8	5	8	8	8	8	8	10	7	7	7											
Sofia Amadora Bautista Vidal	7	7	6,5	7	7,5	7	8	7	4,5	6,66	6	7	7	7	6	7	6	7	8	8	8	8	8	8	5	7	8	8	8	8	8	10	8	7											
Zeneide Bartilotti Machado	6,5	8	8	6	5	5,5	8	8	8	7	8	6	5	7	7	7	6	8	6	5	7	8	7	8	7	5	7	8	7	7	9	5	7	7											
Anelene Vieira Laurindo	6	6	6	5	5	5	7	5	5	5	7	6	5	5	8	8	8	8	8	6	7	8	8	5	9	7	7	7	10	6	5	6	5	5											
Célia Maria Fomes Wilma	7	7	5	6	6	9	6	6	6	6	7	5	7	7	7	7	7	7	5	7	6	7	7	8	7	7	7	7	9	6	5	6	5	5											
Edyne de Souza Cruz	5	7	6	5	7	5	8	7	8	7	8	8	6	5	8	7	8	7	5	6	7	7	6	7	7	6	6	8	7	7	9	5	5	5											
Lélia Pithon Raynal	7	7	8	5	7	6	7	7	8	6	9	8	6	7	8	8	8	8	6	7	6	7	7	7	6	6	8	8	9	8	9	7	7	5	5										
Maria do Socorro Amorim Fialho	6	8	6	5	6	7	5	6	7	8	7	8	6	5	6	9	8	8	6	6	7	7	7	7	7	5	8	7	8	7	9	6	5	5											
Névia Leite Mesquita	5	7	8	5	7	5	8	8	8	8	8	8	8	8	7	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8									
Núbia Nunes Sarmento	7	8	6	5	7	6,25	6	7	8	7	8	7	7	7	6	7	8	7	7	7	7	7	6	7	8	7	6	8	8	9	7	9	7	6	6										
Rosa Alba Sarno	5	8	5	5	8	5,5	6	6	7	8	6	7	6	6	6	8	7	8	7	6	6	7	7	7	7	5	7	7	7	8	9	6	5	5											
Sheila Maria Cajazeira	5	6	6	6	7	5,5	5	5	6	7	5,5	5	6	7	5	5	8	7	5	5	6	7	5	5	5	5	7	7	6	10	6	5	6	5											
Tereshinha Lúcia Gonçalves Rios	7	8	7	5	7	6	7	7	7	7	7	7	7	7	7	8	8	8	7	7	7	7	8	7	5	7	8	8	7	9	6	5	6	5											
Esmeralda Rodrigues Cavalcante	5	8	7	5	7	6	5	7	6	5	6	5	6	6	6	6	8	9	8	6	6	7	6	7	6	6,5	7	7	7	8	6	7	7	7											
Raura Maria Carvalho de Andrade	9	8	7	6	8	7	7	7	6	7	6	7	6	6	9	8	8	8	8	7	6	7	6	7	7	7	7	8	8	8	8	7	7	7	7										
Jane Lydia de Azevedo Moreira	9	8	9	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	7	6	9	8	8	8	8	7	6	9	6	7	7	8	8	8	8	6	7	7										
Lúcia Maria dos Santos	5	7	7	5	7	7	5	6	6	6	6	6	6	6	7	6	6	8	8	8	6	6	7	6	7	6	6,5	8	7	6	8	6	7	7											
Lúcia Maria Soares Guimarães	6	7	5	5	5	5	8	5	5	5	5	5	5	7	5	6	8	6	6	7	7	8	6	6	6	6	6,5	7	7	6	8	6	5	6	5										
Maria Ângela Valente César																																													
Lígia Carvalho Machado	5	9	6	5	7	5	7	5	5	6	6	7	6	7	8	6	6	9	9	9	9	7	7	8	7	7	8	8	8	7	7	7	7	6	7										
Ana Maria de Góes Oliveira	5	5	6	5	5	6	5	6	5	6	5	6	5	6	6	6	6	9																											

ANEXO A – Fotos dos projetos e das arquitetas entrevistadas

Fotos do Hotel Catharina Paraguaçu:



Área externa do Hotel Catharina Paraguaçu. Em verde o anexo Moderno, em rosa a antiga casa reformada e adaptada para uso do hotel – Salvador, BA.

Fonte: Imagens cedidas por Sara Cardoso Sousa, 2019.

Área interna do Hotel Catharina Paraguaçu. Mosaico de azulejos que contornam os corredores do hotel, feitos por Arilda e sua equipe - Salvador, BA.

Fonte: Imagens cedidas por Sara Cardoso Sousa, 2019.



Área interna do Hotel Catharina Paraguaçu - Salvador, BA.

Fonte: Imagens cedidas por Sara Cardoso Sousa, 2019.

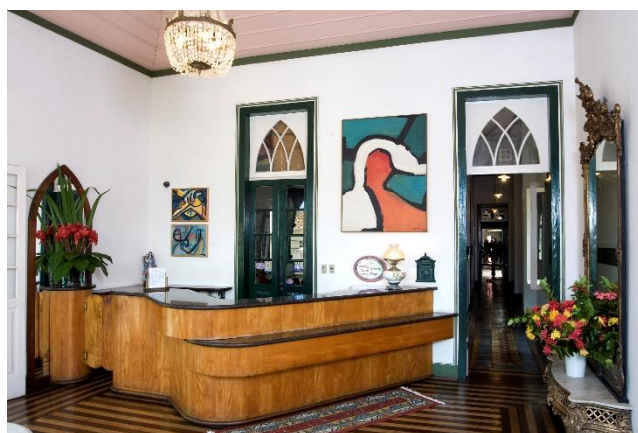


Área externa do Hotel Catharina Paraguaçu, em destaque (rosa) a fachada da antiga casa – Salvador, BA.

Fonte: Imagens cedidas por Sara Cardoso Sousa, 2019.

Pátio interno do Hotel Catharina Paraguaçu – Salvador, BA.

Fonte: Imagens cedidas por Sara Cardoso Sousa, 2019.



Recepção do Hotel Catharina Paraguaçu, área interna da antiga casa reformada/adaptada – Salvador, BA.

Fonte: Imagens cedidas por Sara Cardoso Sousa, 2019.

Área interna do Hotel Catharina Paraguaçu – Salvador, BA.

Fonte: Imagens cedidas por Sara Cardoso Sousa, 2019.





Painel de fotos em homenagem aos envolvidos com a construção do Hotel Catharina Paraguaçu – Salvador, BA.

Fonte: Foto registrada pela autora, 2019.

No canto esquerdo do painel de fotos montado por Arilda Maria C. Sousa:

Esta é a forma que encontramos para prestar nossa homenagem e agradecer a todos os técnicos, operários e amigos que nos ajudaram. E em especial, a esses brasileiros mal-assistidos, quase sem escolaridade, artífices forjados no aprendendo e apanhando da escola da vida, que, munidos de pás, picaretas, cavadores, colheres, prumos, níveis, linhas, escalas, desempenas, desempoladeiras, serras, serrotes, plainas, formões, martelo, alicate, torqueses, chaves de fenda, arames, praios, tornos, soldas, maçaricos, lixas, espátulas, pincéis, ancinhos, enxadetas, baldes e carrinhos de mão, dedicaram com criatividade e esmero sua força de trabalho na construção desde Hotel Catharina Paraguaçu (CARDOSO DE SOUSA, Arilda Maria B.).

Fotos de projetos desenvolvidos pela Lídia Luz Conceição de Cerqueira:



Projeto Arquitetônico da Residência de Fernando B. de Cerqueira, localizada no Loteamento Jardim Iara – Pernambués – Salvador. (260,00 m²) – 1986.

Fonte: Acervo pessoal Lídia Luz.



Projeto Arquitetônico da Residência de Campo do Sr. João Lycio C.Filho, localizada no Condomínio Chácaras do Jacuípe, Qd/ -L/4 (300 m²) - 1993.

Fonte: Acervo pessoal Lídia Luz.



Imagem da esquerda e direita: Projeto Arquitetônico da Residência de Praia do Sr. Fernando B. de Cerqueira, localizada no Condomínio Enseada do Arauá, Vera Cruz (130,00 m²) – 1986.

Fonte: Acervo pessoal Lídia Luz.



Projeto de reforma da Residência dos Professores Jamary e Alda Oliveira, Lot. Colina da Fonte, Itapoan – 2003 / 2009.

Fonte: Acervo pessoal Lídia Luz.

Fotos da classe de arquitetos formados em Salvador na turma de 1969; em seguida registro de arquitetas formadas em 1953 e 1956: Yeda Silva Barradas, Zélia Almeida e Vilma Lima Campos.



Foto de comemoração de 50 anos de formados da turma de arquitetura da UFBA de 1969.

Fonte: Foto cedida pela arquiteta Lídia Luz Conceição, 2019.

Foto de comemoração de 50 anos de formados da turma de arquitetura da UFBA de 1969, somente as mulheres. Na foto, em pé (da esquerda p/ direita): Norma Mascarenhas Cardoso. Sentadas (da esquerda p/ direita): Silva Castro L. Vargens, Maria Vanda Fernandes Espinosa, Lídia Luz Conceição de Cerqueira.

Fonte: Foto cedida pela arquiteta Lídia Luz Conceição, 2019.





Foto de Yeda Silva Barradas, álbum de formatura 1953 – Salvador, BA.

Fonte: Acervo pessoal de Lêda S. S. Peixoto, 2019.



Foto de Zélia Almeida, álbum de formatura 1956– Salvador, BA.

Fonte: Acervo pessoal de Lêda S. S. Peixoto, 2019.



Foto de Vilma Lima Campos, álbum de formatura 1956 – Salvador, BA.

Fonte: Acervo pessoal de Lêda S. S. Peixoto, 2019.